



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**O ENUNCIADO COMO ZONA DE DIÁLOGO ENTRE VOZES E VALORES: UMA
ABORDAGEM DA RELAÇÃO ENTRE *FAZER* JORNALÍSTICO E VALORAÇÕES
SÓCIO-IDEOLÓGICAS**

ANDRE CORDEIRO DOS SANTOS

Recife-PE

2016

ANDRE CORDEIRO DOS SANTOS

**O ENUNCIADO COMO ZONA DE DIÁLOGO ENTRE VOZES E VALORES: UMA
ABORDAGEM DA RELAÇÃO ENTRE *FAZER* JORNALÍSTICO E VALORAÇÕES
SÓCIO-IDEOLÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Siane Gois Cavalcanti Rodrigues

Linha de pesquisa: Análises do discurso

Recife-PE

2016

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S237e Santos, André Cordeiro dos
O enunciado como zona de diálogo entre vozes e valores: uma abordagem da relação entre fazer jornalístico e valorizações sócio-ideológicas / André Cordeiro dos Santos. – Recife: O Autor, 2016.
171 f.: il., fig.

Orientadora: Siane Gois Cavalcanti Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Jornalismo - Linguagem. 4. Valores sociais. 5. Ideologia. I. Rodrigues, Siane Gois Cavalcanti (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

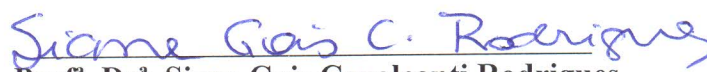
UFPE (CAC 2016-55)

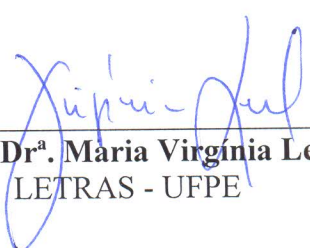
ANDRE CORDEIRO DOS SANTOS

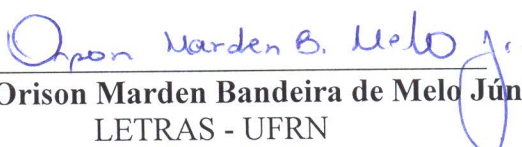
O ENUNCIADO COMO ZONA DE DIÁLOGO ENTRE VOZES E VALORES: Uma Abordagem da Relação Entre Fazer Jornalístico e Valorações Sócio-ideológicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA, em 15/2/2016.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:


Prof.^a. Dr.^a. Siane Gois Cavalcanti Rodrigues
Orientadora – LETRAS - UFPE


Prof.^a. Dr.^a. Maria Virginia Leal
LETRAS - UFPE


Prof. Dr. Orison Marden Bandeira de Melo Júnior
LETRAS - UFRN

Recife – PE
2016

Para meus avós, José Antônio Cordeiro, Maria do Carmo Cordeiro e Filomena Maria dos Santos (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradecer deve ser um gesto diário! Pensando assim, aqui, esboçarei apenas o que já venho fazendo, ainda que de forma silenciosa, todos os dias.

Não poderia começar de outra forma que não agradecendo a Deus por me dar forças, por ser minha força e me iluminar, proteger e guiar sempre e, principalmente, nesta jornada empreendida e apresentada nas páginas seguintes – jornada que, não tenho dúvidas, foi enviada também por Deus para me fazer crescer enquanto pessoa. Por isso, não poderia deixar de também agradecer às pessoas que se fizeram presentes nesta jornada, sobretudo, a todos os professores que me acompanharam e incentivaram nessa caminhada.

Aproveito para, dentre esses professores, agradecer especialmente a alguns deles. Primeiro, eu não poderia deixar de agradecer à professora Aliete Rosa, que me iniciou cientificamente, e que foi mais que orientadora, sendo também um pouquinho mãe, amiga, um braço amigo sempre disposto a ajudar. Não posso, em hipótese alguma, deixar de agradecer à professora Siane Gois, que foi a pessoa que me orientou por toda essa caminhada, me dando exemplos de profissionalismo, de ética, de vida, de simplicidade e grandeza. Tornamo-nos orientando e orientadora supostamente por acaso, mas, na verdade, tenho certeza de que foi mais um presente de Deus na minha vida para me fazer ser uma pessoa cada vez melhor.

Aproveito para agradecer aos professores Orison Bandeira e Virgínia Leal, por terem aceitado participar da minha banca, pois suas contribuições foram valiosíssimas para o aprimoramento desta pesquisa.

Minha família teve papel determinante nessa caminhada também. Não foi sempre fácil seguir adiante, mas a minha família me ensinou a ser forte e a não me esquivar diante dos problemas, por isso, meu grande agradecimento a minha, também grande, família, a minha mãe Alaíde, a meu pai Antônio e irmãos: Adriano, Adriana, Adilma, Adeilma, Adriene, Patrícia, Lenita, Fernando, Fernanda e Breno.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos antigos e os que fiz no tempo de mestrado. Obrigado a todos vocês que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento da minha pesquisa, ainda que tenha sido por meio de suporte emocional.

Além desses, não deixar de falar aqui também de uma pessoa que conquistou espaço especial em minha vida pelo coração que tem e por tudo que me tem feito de

bom. Por isso, deixo meu agradecimento também especial a Silvio Gomes de Sá, pessoa que Deus me enviou para me ensinar a ser cada vez melhor, a ajudar sempre ao próximo e que é meu grande mentor espiritual.

Agradeço à FACEPE pelo apoio financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, aos que não citei e que sabem que fizeram parte dessa trajetória, contribuindo de alguma forma, deixo meus agradecimentos.

Na certeza de que nesta pesquisa se refletem e se refratam muitas vozes...

...OBRIGADO A TODAS ESSAS VOZES!! OBRIGADO A TODOS!!!

*A notícia é o que os jornalistas acham que
interessa aos seus leitores, portanto, a
notícia é o que interessa aos jornalistas.*

Ismal Herraiz

RESUMO

Sabendo da grande importância que o jornalismo tem na sociedade atual, no que se refere à divulgação de informações, e tomando parte da discussão sobre *fazer* jornalístico e subjetividade, nesta pesquisa, buscamos investigar a relação entre sujeito-jornalista (enquanto ser sócio-político-ideológico) e objeto de enunciação, por meio de marcas linguísticas da apropriação do discurso de outrem. Para tanto, tomamos eventos discursivos jornalísticos referentes a Eduardo Campos dos dois jornais mais lidos do estado de Pernambuco: Diário de Pernambuco (DP) e Jornal do Commercio (JC). Partimos da hipótese de que esses modos, tomados à caracterização de Eduardo Campos, são indicativos de um posicionamento político-ideológico dos jornais. Para compreender esse fenômeno da esfera jornalística, à luz da Análise Dialógica dos Discursos (ADD), tomamos as noções do Círculo de Bakhtin como principal base para o estudo, mas apoiamos-nos, também, sempre que necessário, em discussões da teoria do jornalismo e da comunicação social. Assim, procedemos à análise de seis notícias, duas anteriores à morte, duas imediatamente posteriores à morte e duas publicadas sete meses após a morte do candidato (uma do DP e outra do JC de cada período). Os resultados das análises mostraram que houve mudança nos valores que se encontram nas notícias, fruto do diálogo e conflito de vozes, e isso ocasionou a mudança na imagem construída pelos jornais em cada recorte temporal desta pesquisa: o político que antes de sua morte era caracterizado como um sujeito em desespero, de discurso contraditório, logo após sua morte, é caracterizado como alguém que tinha uma proposta consistente para o Brasil e feitos memoráveis e, alguns meses após a morte, volta a ser caracterizado como político que poderia estar envolvido em escândalos de corrupção. A análise dos dados também comprovou que, como sugere o Círculo de Bakhtin ao falar da linguagem, sempre há relação entre *fazer* jornalístico e valorações sócio-político-ideológicas, por mais que esta seja uma prática sócio-discursiva que visa à isenção e à objetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciado; discurso; posição avaliativa; *fazer* jornalístico.

ABSTRACT

By knowing the great importance of journalism in society today with regard to the dissemination of information and by participating in the discussion on journalistic practices and subjectivity, in this research we aim to investigate the relationship between the journalist-subject (as a socio-political-ideological being) and the object of utterance, by means of linguistic marks of the appropriation of the discourse of Others. Therefore, we analyze discursive journalistic events related to Eduardo Campos from the two most widely read newspapers in the state of Pernambuco: *Diário de Pernambuco* (DP) and *Jornal do Comércio* (JC). Our hypothesis is that these modes of appropriation, used to characterize Eduardo Campos, indicate a political and ideological positioning of the newspapers. In order to understand this phenomenon of the journalistic sphere in accordance with the Dialogic Discourse Analysis (DDA), this thesis is grounded in notions of the Bakhtin Circle, as the primary basis for the study, and also, whenever necessary, in theoretical discussions about journalism and social communication. Thus, we carried out the analysis of six pieces of news: two prior to Eduardo Campos's death, two right after his death, and two published seven months thereafter (one from DP and one from JC for each period). The analysis pointed to the fact that at every period investigated the values present in the news changed as a result of dialogue and a clash of voices. This caused a shift in the politician's image created by the newspapers: from the politician who, before his death, was described as a desperate person of contradictory speech, to the politician who, right after his death, is characterized as a person who had a consistent proposal to Brazil and performed memorable deeds, and finally to a politician who, some months after his death, is identified as someone who might have been involved in corruption scandals. The data analysis also found that, as suggested by the Bakhtin Circle's study of language, there is always a relationship between journalistic practices and socio-political-ideological evaluations even if these socio-discursive practices aim at impartiality and objectivity.

KEYWORDS: Utterance; discourse; evaluative positioning; journalistic practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Notícia do DP on-line anterior à morte de Eduardo Campos – DP-1	30
Figura 2: Notícia do DP on-line do primeiro período posterior à morte de Eduardo Campos – DP-2	31
Figura 3: Notícia do DP on-line do segundo período posterior à morte de Eduardo Campos – DP-3	32
Figura 4: Notícia do JC on-line anterior à morte de Eduardo Campos – JC-1	33
Figura 5: Notícia do JC on-line do primeiro período posterior à morte de Eduardo Campos – JC-2	34
Figura 6: Notícia do JC on-line do segundo período posterior à morte de Eduardo Campos – JC-3	35
Figura 7: Esquema matemático da proposta unionista da teoria do jornalismo de Sousa (2002, p. 10)	69
Figura 8: Esquema da concepção de texto de Bakhtin	82
Figura 9: Ilustração das partes da notícia, segundo Araújo (2008) com a DP-2.....	97
Figura 10: Lista de notícias do DP no dia da morte de Campos.....	100
Figura 11: Relação entre os diferentes elementos de um gênero conforme Marcuschi (2003, p.14)	101
Figura 12: Título e lead da DP-1	132
Figura 13: Excerto um da DP-1.....	133
Figura 14: Excerto dois da DP-1	133
Figura 15: Excerto três da DP-1	135
Figura 16: Título e lead da JC-1	138
Figura 17: Excerto um da JC-1	138
Figura 18: Excerto dois da JC-1	139
Figura 19: Excerto três da JC-1	139
Figura 20: Excerto quatro da JC-1	140
Figura 21: Título e lead da DP-2	143
Figura 22: Excerto um da DP-2.....	144
Figura 23: Excerto dois da DP-2	145
Figura 24: Título e lead da JC-2.....	146
Figura 25: Excerto um da JC-2	147
Figura 26: Excerto dois da JC-2.....	147
Figura 27: Excerto três da JC-2	148
Figura 28: Excerto quatro da JC-2	149
Figura 29: Título da DP-3	152

Figura 30: Imagem da DP-3	153
Figura 31: Excerto um da DP-3	153
Figura 32: Excerto dois da DP-3	154
Figura 33: Excerto três da DP-3	155
Figura 34: Título e lead da JC-3	156
Figura 35: Imagem da JC-3	157
Figura 36: Excerto um da JC-3	158
Figura 37: Excerto dois da JC-3	158
Figura 38: Excerto três da JC-3	159
Figura 39: Excerto quatro da JC-3	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ADD	Análise Dialógica dos Discursos
DP	Jornal Diário de Pernambuco
DP-1	Notícia do Diário de Pernambuco do período anterior à morte de Eduardo Campos
DP-2	Notícia do Diário de Pernambuco do período posterior à morte de Eduardo Campos
JC	Jornal do Commercio
JC-1	Notícia do Jornal do Commercio do período anterior à morte de Eduardo Campos
JC-2	Notícia do Jornal do Commercio do período anterior à morte de Eduardo Campos
LE	Linguística da Enunciação
MFL	Marxismo e Filosofia da Linguagem
OAP	O Autor e a Personagem na Atividade Estética
PEOG	Princípios Editoriais das Organizações Globo
PFA	Para uma Filosofia do Ato
PSB	Partido Socialista do Brasil
PSC	Partido Social Cristão
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INICIANDO O DIÁLOGO.....	15
2	O EMPREENDIMENTO DO CÍRCULO DE BAKHTIN: POR UMA CONCEPÇÃO SOCIAL DE LINGUAGEM.....	37
2.1.	PERSPECTIVAS DOMINANTES DO PENSAMENTO LINGUÍSTICO-FILOSÓFICO .	38
2.1.1.	Sobre o Subjetivismo Individualista.....	38
2.1.2	Sobre o Objetivismo Abstrato.....	39
2.1.3	Das críticas às démarches.....	41
2.1.4	Uma filosofia marxista da linguagem.....	42
2.2.	ENTRE LÍNGUA E LINGUAGEM: A CONCEPÇÃO ENUNCIATIVA DO CÍRCULO	44
2.3	A INTERAÇÃO VERBAL.....	48
2.4	SOBRE O DISCURSO DE OUTREM NA ENUNCIÇÃO.....	50
3	SOBRE IDEOLOGIA NA INTERAÇÃO VERBAL: A ESFERA DISCURSIVA JORNALÍSTICA E A DETERMINAÇÃO LINGUÍSTICO-IDEOLÓGICA	58
3.1	A NOÇÃO BAKHTINIANA DE ESFERA DISCURSIVA.....	58
3.2	PARA SITUAR O DIÁLOGO: A ESFERA JORNALÍSTICA.....	60
3.2.1	Esfera jornalística e acesso a informações.....	60
3.2.2	Jornalismo e construção social da realidade.....	62
3.2.3	Em busca de uma teoria “unionista” do jornalismo.....	65
3.2.4	Resistência à concepção de jornalismo como construção social da realidade.....	69
3.2.5	Discurso jornalístico e política.....	71
4	ALGUNS ELEMENTOS CONCEITUAIS DO DIÁLOGO	79
4.1	UMA (RE)VISÃO SOBRE TEXTO.....	80
4.2	O ENUNCIADO COMO UNIDADE DA COMUNICAÇÃO VERBAL.....	86
4.3.	DETERMINAÇÃO SOCIAL DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM: OS GÊNEROS DO DISCURSO	90
4.4	O GÊNERO DISCURSIVO NOTÍCIA.....	95
5	LINGUAGEM E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: O DIALOGISMO COMO CARACTERÍSTICA BASE DA INTERAÇÃO VERBAL.....	103
5.1	A ORIENTAÇÃO PARA O OUTRO.....	107
5.2	DIFERENTES VOZES SOCIAIS NA ENUNCIÇÃO.....	109
5.3	O ELO ENTRE OS JÁ-DITOS E PRESUNÇÃO DE RESPOSTAS.....	110
5.4	A ADEQUAÇÃO AO CONTEXTO DE ENUNCIÇÃO.....	112
5.5	AS MARCAS VALORATIVAS DO SUJEITO.....	113

6 A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO SUJEITO DO DIÁLOGO: UM PROCESSO DE INTERAÇÃO ENTRE O “EU” E O “OUTRO” NA CONSTITUIÇÃO DO “UM”	115
6.1. DE HUMANO-INDIVÍDUO A SUJEITO	116
6.2. UMA VISÃO DIACRÔNICA DO SUJEITO NA LINGUÍSTICA	118
6.3. O ATO REALIZADO E O SER-ÚNICO RESPONSÁVEL	120
6.4. SUJEITO E ENUNCIACÃO.....	123
6.5 ENTRE A OBJETIVIDADE E A SUBJETIVIDADE, O COLETIVO E O INDIVIDUAL: O SUJEITO-JORNALISTA.....	126
7 EVENTOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS E POSICIONAMENTOS SÓCIO-POLÍTICO-IDEOLÓGICOS: ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E JORNAL DO COMMERCIO SOBRE EDUARDO CAMPOS	130
7.1 EVENTOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS ANTERIORES À MORTE DE EDUARDO CAMPOS	130
7.1.1 Análise da DP-1.....	131
7.1.2 Análise da JC-1	137
7.1.3 Das imagens jornalísticas construídas sobre Campos no período anterior à sua morte pelos jornais.....	141
7.2 EVENTOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS POSTERIORES À MORTE DE EDUARDO CAMPOS.....	142
7.2.1 Sobre a DP-2.....	143
7.2.2 Sobre a JC-2.....	146
7.2.3 Das imagens jornalísticas construídas de Campos no primeiro período posterior à sua morte.....	149
7.3 ANÁLISES DOS EVENTOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS DO SEGUNDO PERÍODO POSTERIOR À MORTE DE EDUARDO CAMPOS.....	150
7.3.1 Sobre a DP-3	151
7.3.2 Sobre a JC-3.....	156
7.3.3 Um olhar comparativo sobre as imagens jornalísticas do DP e JC no segundo período pós-morte de Campos.....	160
7.4 SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SUJEITO-OBJETO DE ENUNCIACÃO NAS NOTÍCIAS DOS TRÊS PERÍODOS TEMPORAIS.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS	167

1 INICIANDO O DIÁLOGO

O jornal não se adapta ao acontecimento, é o acontecimento que é compelido a se adaptar ao jornal.

(Hausser)

O trecho supracitado de Hausser (1973, p. 174-175 *apud* ALSINA, 2009, p. 151) nos leva a pensar sobre o *fazer* jornalístico na sociedade atual. Sabemos que as mídias, como um todo, são importantes meios à circulação e à facilitação do acesso a informações, um dos maiores imperativos do século XXI. Em decorrência disso, elas passam a constituir os sistemas organizacionais e institucionalizados de disseminação de informações. Dentre esses sistemas, o jornalismo figura como sendo um dos seus maiores expoentes, pois tem como função noticiar os acontecimentos de relevância, sobre as diferentes temáticas, ao público em geral.

Nesse *fazer*, a política ganha lugar de destaque, sobretudo, nos períodos eleitorais. Sendo o Brasil um país onde vigora a democracia como sistema político, as pessoas precisam estar inteiradas das propostas políticas dos candidatos que almejam os cargos de representação política. As mídias acabam por ser responsáveis pela transmissão e facilitação de acesso a essas informações e, mesmo que indiretamente, pela constituição das opiniões do seu público-alvo (ARAÚJO, 2008, p. 197). Diante dessa sua importância, a mídia, e conseqüentemente também o jornalismo, é detentora do *status* de quarto poder, que teria por função regular os outros três – o legislativo, o judiciário, o executivo –, devido à sua suposta condição de isenção, por ocupar o lugar privilegiado de democratização de informações e por ter o poder de “conscientização” e “mobilização” da população em relação aos acontecimentos sócio-políticos de relevância da sociedade (COUTINHO, 2013).

No entanto, indo ao encontro dos pensamentos de alguns autores da teoria do jornalismo e da comunicação social, tais como Sousa (2002), Lage (2013), Alsina (2009), entre outros¹, acreditamos que essa suposta isenção não se sustenta, pois,

¹ Os pensamentos desses (e também de outros) autores serão esboçados ao longo de todo o texto, mas, principalmente, na terceira seção.

no processo de apreensão do acontecimento, como pontua Housser (1973, p. 174-175 *apud* ALSINA, 2009, p. 151), na epígrafe de abertura desta parte do texto, este é obrigado a se adaptar ao jornal, ao posicionamento ideológico do jornal.

Sendo assim, em períodos eleitorais, no que se refere à transmissão de informações, as empresas jornalísticas estarão (sempre), ainda que de forma velada, propagando uma ideologia *pró* ou *anti* partidária. Nos jornais, a relação entre o *fazer* jornalístico e ideologias partidárias, decorrente da referida propagação ideológica, pode se evidenciar de diferentes formas, mas é, principalmente, por meio das marcas de posicionamento do **sujeito-jornalista** (que representa a ideologia editorial do jornal) em relação ao **objeto da enunciação** (o de *que* ou de *quem* se fala) que se avultará o posicionamento do jornal.

Acreditamos que nesse ponto seja necessário abrir parênteses para explicar a opção por iniciar o texto abordando questões que vêm guiando estudos recentes da comunicação social. A nossa opção por esse percurso inicial (ainda que de forma bem sumária, neste primeiro momento, pois ele será aprofundado na terceira parte do texto) se deve ao fato de, falando do lugar da linguagem, acharmos necessário situar a área da comunicação social, o jornalismo, afunilando-a para questões que serão úteis no decorrer da pesquisa, antes de a adentrarmos pelo viés discursivo. Dito isso, retomemos à discussão ensejada.

Frente a esses estudos apontados acima, que buscam evidenciar a relação entre o *fazer* jornalístico e posicionamentos ideológicos, há um forte movimento de resistência, pois, para muitos, o jornalismo, seguindo as máximas do Positivismo², é uma prática *objetiva, isenta de valores ideológicos e passível de comprovação*. É o que se observa, por exemplo, a partir do conceito atual, clássico, amplo e denominado neutro, que Lage (2013) apresenta em trabalho sobre o conceito de jornalismo e os papéis do jornalista, da seguinte forma

Jornalismo é atividade de natureza técnica caracterizada por compromisso ético peculiar. O jornalista deve saber selecionar o que interessa e é útil ao público (o *seu* público, o público-alvo); buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível; ser verdadeiro quanto aos fatos (*verdade*, aí, é a adequação perfeita do enunciado aos fatos, *adaequatio intellectus ad rem*) e fiel quanto às ideias de outrem que transmite ou interpreta; admitir a pluralidade de versões para o mesmo conjunto de fatos, o que é um breve contra a intolerância; e manter

² Corrente científico-filosófica das ciências humanas que buscou fazer ciência aos moldes das ciências naturais, apoiando-se nas seguintes máximas: (1) a sociedade é regida por leis independentes da vontade humana; (2) a sociedade pode ser estudada pelos mesmos métodos e processos das ciências naturais; (3) as ciências da sociedade devem se limitar a observações e explicações de fatos de forma neutra, sem posições axiológicas (LÖWY, 1998).

compromissos éticos com relação a prejuízos causados a pessoas, coletividades e instituições por informação errada ou inadequada a circunstâncias sensíveis. (LAGE, 2013, p, 24)

Dessa definição percebemos que emerge o entendimento de que o jornalismo é uma atividade ética na qual o jornalista deve ser fiel aos fatos; portanto, é uma atividade isenta de subjetividade, que busca não causar danos com erros ou inadequações na reportagem dos fatos.

No entanto, o próprio Lage (2013, p, 25) diz que esse conceito clássico não se sustenta atualmente, pois vem sendo criticado de diversas formas. Segundo ele, a crítica se apoia, principalmente, no fato de que “(...) todo enunciado carrega associações semânticas e emotivas que diferenciam (por exemplo) *segurança de capanga, ditador de líder, indivíduo generoso de perdulário etc.*” (grifos do autor). Além disso, ainda segundo o autor (2013, p. 25), “(...) ao reproduzir sem crítica discurso iníquo, o jornalista estaria também sendo iníquo” e, dessa forma, não haveria como conceituar o jornalismo como uma prática isenta de valores.

Seguindo na mesma linha da crítica, Alsina (2009) diz que o jornalismo não noticia o fato em si, mas uma construção social desse fato que se dá mediante sua apreensão por um sujeito. Desse modo, o fato noticiado é, na verdade, apenas sua representação sob a tônica da subjetividade de um sujeito. Firmado nisso, ele postula as seguintes proposições sobre a construção social da notícia

1. Os acontecimentos são gerados através de fenómenos que são externos para o sujeito.
2. Mas os acontecimentos não fazem sentido longe dos sujeitos, pois são eles os que lhes conferem sentido.
3. Os fenómenos externos que o sujeito percebe tornam-se acontecimento por causa da ação deste sobre aqueles. Os acontecimentos se compõem das características dos elementos externos nos quais o sujeito aplica seu conhecimento. (ALSINA, 2009, p. 111)

A partir do que Alsina postula, podemos perceber que a relação entre linguagem jornalística e subjetividade fica mais evidente, não havendo como dissociar esses elementos sem prejuízos à construção de sentido, já que a subjetividade do sujeito enunciativo (do jornalista) é parte constituinte e determinante desse sentido.

Além disso, deve-se ter em conta que as empresas jornalísticas, enquanto empreendimentos financeiros, dependem de publicidade, tecnologia e financiamento, e, por isso, o compromisso dessas empresas com as informações precisa compor-se à defesa dos interesses gerais de sua clientela, o que faz com que se revele certo

posicionamento ideológico em suas práticas linguístico-sociais (LAGE, 2013, p. 27). E, sobre isso, Lage (2013, p. 27) defende ainda que “o grau de ideologização que reveste sua cobertura (da empresa jornalística), varia conforme o clima político da época”.

Mencionadas essas questões que delineiam problemas atualmente discutidos na área da comunicação social e do jornalismo, acreditamos que um ponto de partida para o entendimento e explicação deles, sobretudo a relação jornalista-objeto de discurso, seja a própria linguagem. Numa concepção social de linguagem, todas as relações sócio-discursivas são, e carregam, reflexos e refrações³ do ambiente social no qual elas se dão. Adotando e acreditando em uma concepção social, a partir de agora, adentramos a questão da linguagem/discurso para apontarmos as bases da perspectiva de linguagem na qual buscamos respaldo para analisar/explicar o fenômeno sócio-discursivo da relação entre subjetividade-ideologia⁴ e *fazer* jornalístico.

No entender de Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 109), “Toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa”. Com isso, o autor declara que toda enunciação efetivada comporta uma posição valorativa do enunciador em relação ao objeto de discurso, já que para o filósofo a enunciação é a unidade da comunicação real (BAKHTIN, 2011c [1952/53]). Nesse sentido, sempre que há uso de linguagem, há posições valorativas do sujeito que se constituem a partir de relações de sentido (dialógicas). Portanto, olhar a linguagem, nessa perspectiva, requer levar em consideração os valores que se fazem constituintes dela. Esse é o modo de ver a linguagem que emerge do grupo de estudiosos russos denominado Círculo (de Bakhtin) – composto por Bakhtin, Volochínov, Medviédev, entre outros – que é essencialmente social.

Por conseguinte, já que todo enunciado comporta uma posição valorativa do sujeito em relação ao objeto de enunciação, também, todas as formas de linguagem de todas as esferas discursivas trazem consigo sempre essa posição avaliativa do

³ “Para Bakhtin, a construção dos sentidos realiza-se por duas operações simultâneas dos signos: a de reflexo e a de refração do mundo, ou seja, com os signos não só se descreve o mundo, mas também se constroem diversas interpretações (refrações) desse mundo” (FLORES et al, 2009, p. 200).

⁴ Tomamos o conceito de ideologia da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que é posto em três sentidos complementares, a saber: “a ideologia enquanto elemento estrutural da sociedade; a ideologia enquanto campo dos signos; a ideologia enquanto representações do real” (NARZETTI, 2013, p. 368-369). Nesse caso, especificamente, a ideologia representa o elemento estrutural da sociedade, ou seja, do jornalismo.

sujeito que enuncia, sendo este um ponto fundamental do entendimento de enunciação do Círculo de Bakhtin. Esse entendimento é amplamente discutido por Volochinov (2013c [1930b]), no ensaio *A construção da enunciação*, ao tratar a enunciação como sendo constituída de duas partes, uma **verbal** e uma **extra verbal**. À parte **verbal** correspondem à *entonação*, à *seleção de palavras* e a sua *disposição no interior do enunciado* (p. 174); à parte **extra verbal** correspondem a *situação* (que engloba o espaço e tempo, o objeto ou tema e a atitude dos falantes face ao que ocorre [p. 172]) e o *auditório* (VOLOCHINOV, 2013c [1930b]).

É desse reconhecimento da natureza valorativa, portanto, axiológica, da enunciação, exposto por Volochinov ([2013c [1930b]), que os estudos acerca da subjetividade entram em jogo na busca da compreensão dos fenômenos da linguagem. Essa consideração da subjetividade traz implicações para os estudos da linguagem, pois ela traz à cena o sujeito como elemento determinante do sentido da enunciação e da imagem que se constrói do “objeto” do discurso, pois, no que se refere, especificamente, à entonação da enunciação, esta “(...) é, sobretudo, a expressão da *valoração* (de um sujeito) da situação e do auditório” (VOLOCHINOV, 2013c [1930b], p 176-177, *grifo do autor*).

Desse modo, os fenômenos da linguagem devem ser vistos sempre como resultado de uma apropriação, por um sujeito, de um sistema linguístico em dada instância de discurso e com uma entonação expressiva desse sujeito em relação ao que se enuncia. No que se refere a essa entonação expressiva, ela é determinada de maneira dialógica, a partir da consideração de diferentes fatores, vozes, interlocutores, ideologias, fatos, etc., e transparece no enunciado a partir de marcas ideológicas e dialógicas.

Firmados nesses pressupostos, podemos afirmar que não há esfera discursiva⁵ que se utilize de práticas de linguagem isentas de carga axiológica, e mesmo as que assim se propõem, não o são, pois essa carga é inerente à linguagem verbal. Esse modo de pensar se opõe diretamente aos defensores da concepção clássica de jornalismo apresentada acima, para quem esta é uma prática isenta de posicionamentos axiológicos do jornalista ou das empresas jornalísticas.

Em vista disso é que acreditamos que, através dos gêneros jornalísticos e, sobretudo da notícia, podem se revelar valores que trabalham para a construção de

⁵ A noção de esfera discursiva será discutida na terceira seção, mas adiantamos, a fim de facilitar a compreensão deste percurso inicial, que se refere aos domínios da atividade e do conhecimento humano.

discursos que se mostram em posição de acordo ou desacordo com o objeto (ou assunto) de enunciação. Desse jogo de valores, emergem imagens construídas como produto de um diálogo que reflete e refrata aspectos ideológicos e históricos da sociedade e da esfera discursiva na qual a prática enunciativa se deu, como defende Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 31) ao dizer que “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira”.

Essa posição axiológica, que se mostra nas notícias, não é sempre similar dentro dessa esfera discursiva, posto que o enunciado como evento único é sempre fruto de um diálogo singular; assim, também, as posições axiológicas serão únicas em cada enunciado, podendo a posição de um sujeito distanciar-se de uma posição anteriormente assumida, com o decorrer do tempo. Isso é indiciativo de que os valores, parte integrante da enunciação, são definidos em diálogo com as instâncias sociais nas quais se dão. É nesse sentido que Amorim (2006, p. 19), discutindo as oposições fundamentais do pensamento bakhtiniano (que seria o **ato versus a objetivação**, entre outras), diz que o tempo é visto como “(...) dimensão alteritária por excelência pois é nele que, incessantemente, deixo (*eu* enquanto sujeito) de coincidir comigo mesmo”. Vemos, assim, que o sujeito e o tempo são pontos nodais para a compreensão de fenômenos de linguagem/discurso.

Nesse sentido, apresentadas, em linhas gerais, as duas bases sobre as quais nos apoiaremos, a relação da subjetividade-ideologia com a prática jornalística e a concepção de linguagem bakhtiniana, questionamo-nos *como a relação entre **sujeito-objeto de enunciação**, que é essencialmente social/dialógica, evidencia a relação entre fazer jornalístico e valorações sócio-político-ideológicas.*

Na busca de respostas para o nosso questionamento, lançamos olhar a fatos discursivos relacionados à campanha eleitoral para a presidência da república, no ano de 2014, a fim de analisar a constituição jornalística da imagem de Eduardo Campos, então candidato à presidência do Brasil. Como falamos do lugar da linguagem, procedemos à análise de eventos discursivos enunciados por empresas jornalísticas, buscando investigar como Campos foi caracterizado no período anterior e posterior à sua morte em dois jornais do estado de Pernambuco, Diário de Pernambuco (doravante DP) e Jornal do Comércio (doravante JC). Levamos em consideração,

na análise, a relação **eu** (o jornalista, sujeito que representa a empresa jornalística)-**outro** (“objeto”⁶ de enunciação, Eduardo Campos, no caso)⁷.

Focaremos nessa relação por acreditarmos que, por meio das notícias, o sujeito-jornalista, que está sob a influência da ideologia da empresa na qual trabalha, acaba por dar indícios linguísticos do seu posicionamento político-ideológico em relação aos diferentes candidatos e partidos em períodos eleitorais. Nesta nossa pesquisa, especificamente, analisaremos o posicionamento em relação a Eduardo campos, candidato à presidência em 2014, que formou chapa com Marina Silva pelo PSB (Partido Socialista do Brasil) e que veio a falecer em agosto de 2014 em acidente de avião. Partimos da hipótese de que os modos de apropriação dos discursos de outrem (*Estilo Linear* e *Estilo Pictórico*, que são discutidos na subseção 2.4) são indicativos da relação que o **sujeito** (jornalista) estabelece com o **objeto de enunciação** (Eduardo Campos), o que evidencia a relação entre *fazer* jornalístico e subjetividade e, também, comprova a natureza social-dialógica da linguagem.

Desse modo, temos como objetivo geral *averiguar a relação **sujeito-objeto de de discurso**, e consequentes posicionamentos sócio-ideológicos, na caracterização da imagem do então candidato à presidência do Brasil, em 2014, Eduardo Campos, no Jornal Diário de Pernambuco e no Jornal do Commercio*. Junto a isso, buscaremos também:

- averiguar através do *Estilo linear* e do *Estilo pictórico* de apropriação do discurso de outrem os posicionamentos sócio-político-ideológicos dos sujeitos nas notícias dos dois jornais;
- averiguar através do *Estilo linear* e do *Estilo pictórico* de apropriação do discurso de outrem, se, e como, a relação *sujeito-objeto do discurso* muda do período anterior para o período posterior à morte de Eduardo Campos nas duas empresas jornalísticas;
- detectar posicionamentos *pró* ou *anti* partidário (*pró* ou *anti*-PSB, mais especificamente) que se avultam, por meio do uso do *Estilo linear* e do *Estilo pictórico*, na caracterização do candidato no período anterior e posterior à morte de Campos.

⁶ Ao usar o termo *objeto de enunciação/discurso* referimo-nos a Eduardo Campos como sendo o “assunto” da enunciação.

⁷ Essa relação será aprofundada e explorada na sexta seção do texto.

A escolha por tomar esses eventos enunciativos a respeito de Eduardo Campos se deve ao fato de sua morte ter provocado grande comoção, e, em decorrência disso, discursos de exaltação pública da sua figura política começaram a surgir de todas as partes do Brasil, inclusive de adversários políticos. Exemplo disso são as seguintes declarações públicas de pesar de adversários políticos de Eduardo:

[...] O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL) publicou: "É com profundo pesar que lamento a morte tão precoce e trágica do candidato Eduardo Campos. A tragédia deixa o Brasil chocado e surpreso" e "O Congresso Nacional fica de luto por três dias pela morte de Eduardo Campos, uma das mais promissoras lideranças da política brasileira."

O senador Ricardo Ferraço (PMDB-ES) disse pelo twitter: "Em estado de choque com o falecimento de Eduardo Campos. É uma tragédia q deixa o Brasil todo triste com a perda de um grande homem público".

Paulo Paim (PT-RS) escreveu: "Profundamente triste e chocado com a morte do grande líder e candidato a presidente da República pelo PSB Eduardo Campos [#LUTO](#)" [...] ⁸

Podemos ver no trecho acima que há a exaltação de Eduardo Campos, que é apontado como sendo "umas das mais promissoras lideranças políticas", "um grande homem público" e "grande líder e candidato" por políticos de partidos adversários, o que evidencia que a morte de Eduardo Campos contribuiu com a construção de um diálogo que se constitui na e pela enunciação diferente do que se espera de adversários políticos. Assim, dado o acento avaliativo evidenciado nas declarações supracitadas, podemos afirmar que a morte dele teve peso determinante na constituição dessa avaliação dos sujeitos acima mostrados.

De conhecimento desse fato, e buscando também evidenciar a relação entre valoração ideológica e *fazer* jornalístico, acreditamos que seja relevante buscar compreender se, e como, esse fato interfere na constituição jornalística da imagem do candidato. Isso se dá porque, diferentemente do que alguns propõem, o jornalismo, longe de ser uma esfera discursiva na qual apenas se transmitem informações, narra os fatos sob o crivo de um sujeito, e nele também há sempre uma posição avaliativa, dialogicamente constituída, mesmo que de forma discreta.

Desse modo, nossa pesquisa partirá da análise discursiva de enunciados relativamente estáveis, notícias, e, por isso, se caracteriza como sendo de natureza enunciativo-discursiva, servindo-se principalmente dos estudos do Círculo de Bakhtin,

⁸ Fonte: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/08/13/senadores-lamentam-morte-de-eduardo-campos>. Acessado em: 20/02/2015

mas apoiando-se, sempre que necessário, nos estudos da comunicação social e do jornalismo. Cabe, no entanto, pontuar que, pautados no que defende Bakhtin (2011e [1970/71], p. 372), procuramos, no decorrer do texto, delinear as fronteiras entre essas áreas, pois esta pesquisa não se trata de uma construção eclética, mas, sim, de uma construção firmada na cooperação entre essas áreas diferentes.

À vista disso, adotaremos a perspectiva da Análise Dialógica dos Discursos (ADD), buscando reconstruir os fios dialógicos que dão sustentação aos dizeres e, conseqüentemente, às imagens do político nas notícias dos jornais, atentando para as marcas ideológicas e dialógicas que se mostram na materialidade verbal. Por isso, acreditamos que seja relevante fazer uma explanação, ainda que em linhas gerais, dessa perspectiva de estudo dos discursos.

A ADD é uma perspectiva de estudos do discurso que tem sua base nos preceitos do Círculo (de Bakhtin). No entanto, como adverte Brait (2008, p. 9), não se pode afirmar que o Círculo criou uma teoria do discurso, ou “um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como uma perspectiva teórico-analítica fechada”, mas o conjunto das obras do Círculo motivou a criação dessa teoria de estudo dos discursos.

Segundo Brait (2008, p. 10),

Essa teoria se embasa na indissolúvel relação existente entre língua, linguagens e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinada época.

Ou seja, tem-se o discurso como um *lócus* para existência de diferentes relações, não só linguísticas, mas também extralinguísticas. São as chamadas “relações dialógicas”, no dizer de Bakhtin. Por isso, a partir do momento em que se reconhece essas relações, o estudo da linguagem deixa de ser um simples forçar a linguagem a modelos pré-estabelecidos por metodologias vigentes do fazer científico, e passa a ser uma experiência pensante com a linguagem.

Isso nos leva a refletir sobre a dimensão em que a linguagem é pensada dentro do Círculo de Bakhtin. Para o Círculo e, conseqüentemente, para a ADD, já que esta se embasa nos estudos daquele, a linguagem e suas “formas” de manifestação (discurso, enunciado, gêneros discursivos e texto) são de natureza social, dialógica e histórica (BAKHTIN, 2010 [1919/20]; 2011 [1952/53]; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]; VOLOCHINOV, 2013bc [1930ab]; MEDVIÉDEV; 2012 [1928]). Além disso, a

linguagem está sempre carregada de posições valorativas do ser, pois, como afirma Bakhtin (2010 [1919/20], p. 86), “[o] tom emotivo-volitivo é um momento imprescindível do ato, inclusive do pensamento mais abstrato enquanto meu pensamento realmente pensado”. Assim, a linguagem está impregnada de posições axiológicas.

Sendo assim, no estudo da linguagem feito pela ADD, “Não há categorias a priori, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto” (BRAIT, 2008, p. 14). As categorias de análise devem surgir a partir de uma experiência pensante com o discurso, pois, reconhecendo a relação língua-linguagem-sujeitos e reconhecendo também a dimensão social, dialógica, axiológica e histórica da linguagem, tem-se que cada evento é único, não repetível. Se é único, cada um deles será constituído de relações dialógicas próprias e específicas que requerem ser olhadas de forma singular.

De acordo com Brait (2008, p. 24), esse foi o procedimento adotado por Bakhtin ao estudar Dostoiévsk. Segundo a autora, na obra *Problemas da Poética de Dostoiévsk*, Bakhtin, a partir de uma experiência pensante com a linguagem (discurso) usada por Dostoiévsk, formula o conceito de polifonia. Ou seja, Bakhtin não partiu de um conceito pré-formado e o demonstrou na obra de Dostoiévsk; ele chegou à compreensão do fenômeno da polifonia a partir da experiência pensante com a linguagem de Dostoiévsk.

Explicitada a perspectiva de estudos do discurso adotada, cabe elucidar os procedimentos metodológicos que foram necessários à constituição do nosso objeto de estudo. Para tanto, tivemos em vista que, sendo Eduardo Campos candidato a presidente do Brasil em 2014, sua campanha e, principalmente, a sua morte tiveram grande repercussão nacional e até internacional⁹, o que fez com que uma imensidade de notícias fosse produzida a esse respeito. Diante disso, fez-se necessário fazer escolhas, a fim de constituir o nosso *corpus* que não conseguiria, de forma alguma, dar conta da totalidade de enunciados a respeito do candidato.

Em um primeiro momento, foi preciso pensar sobre qual, dentre as diferentes modalidades que o jornalismo pode assumir – impressa, *on-line*, televisiva, entre outras –, modalidade de jornalismo seria a escolhida. Optamos pelo jornalismo digital,

⁹ No que se refere à repercussão internacional, podemos citar, a título de exemplo, a notícia do *BBC News* (jornal de grande prestígio internacional), intitulada *Brazil presidential candidate Campos dies in air crash*. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-latin-america-28778604>. Acessada em: 04 de abr de 2015.

por levar em conta a facilidade de acesso às notícias de períodos anteriores (da campanha eleitoral e do período pós-morte de Campos), pois, na modalidade *on-line*, geralmente, todas as notícias estão disponíveis no próprio *site* do jornal.

Tomada essa decisão, precisávamos decidir sobre a escolha das empresas jornalísticas que seriam as fontes das notícias analisadas. Levamos em consideração o fato de Eduardo Campos ser Pernambucano e, assim, optamos por usar notícias de duas empresas diferentes do mesmo estado, a saber: Diário de Pernambuco (DP) e Jornal do Commercio (JC). Além disso, a opção por esses dois jornais deveu-se também ao fato de serem os dois mais lidos do estado de Pernambuco¹⁰.

Feito mais esse recorte, ainda assim, havia muitas notícias para se constituir o *corpus*. Isso ocorreu por conta de alguns fatores, tais como o fato de, no meio virtual, as notícias serem divulgadas quase que simultaneamente ao acontecimento e, assim, as notícias constituírem certa espécie de narrativas (essa questão será aprofundada na quarta seção do texto, quando falamos sobre a notícia, [*cf.* ALDÉ et al., 2005, p. 193]), nas quais as informações vão sendo acrescentadas ao fato principal. Ademais, no jornalismo virtual, há uma grande quantidade de notícias divulgadas por dia, o que fez com que houvesse um grande número de notícias que dizem respeito a Eduardo Campos (como pode ser visto na figura 8, página 100 deste texto). Por conseguinte, foi preciso fazer uma análise primária de várias notícias, considerando todo o período da campanha eleitoral, para escolhermos as mais representativas do posicionamento ideológico em relação ao Campos e que caracterizava a imagem do candidato nos dois períodos distintos, anterior e posterior à sua morte, em cada um dos jornais. Desse processo, resultou a constituição mais restrita do nosso *corpus*. Ele se constitui de seis notícias.

No que se refere às notícias, foram selecionadas três do DP e três do JC, sendo que, de cada um dos jornais, foi selecionada uma do período anterior e duas do período posterior à morte do então candidato. Optamos por, no período pós-morte, usarmos notícias de dois momentos diferentes: o primeiro momento temporal do período pós-morte diz respeito a notícias até um mês após a morte de Eduardo Campos; o segundo momento refere-se a notícias publicadas quase sete meses após a morte de Campos (03/03/2015)). Sendo assim, o nosso *corpus* é composto de notícias de três períodos distintos: duas do período de campanha; duas do período

¹⁰ Segundo a ALAP (Associação Latino-Americana de Publicidade). Dados de jan. de 2014. Disponível em: <http://www.alap.com.br/noticias/os-50-maiores-jornais-do-brasil-jan14>. Acesso em: 09 de jun. de 2015.

até um mês pós-morte; e duas também do período pós-morte, mas, estas últimas, de alguns meses após a morte, quando o clima de comoção já havia diminuído e o nome do candidato foi envolvido em escândalos de corrupção.

Essas notícias serão nomeadas no decorrer do texto da seguinte forma: a notícia **Aliados de Armando gostam de declarações ácidas de Campos**, do Diário de Pernambuco, anterior à morte de Eduardo Campos, será chamada no decorrer do texto de *DP-1*; a do mesmo jornal do período posterior à morte de Campos, intitulada **Eduardo Campos aliava programas sociais e a visão de mercado**, será chamada de *DP-2*; já a notícia intitulada **Youssef afirma que Eduardo Campos recebeu R\$ 10 milhões de propina pagos por empreiteiras**, publicada alguns meses após a morte de Campos, será chamada *DP-3*; a primeira notícia do Jornal do Commercio do período anterior à morte do candidato, intitulada **Eduardo Campos e Marina se reúnem para 'superar diferenças'**, será chamada *JC-1*; a segunda, do período posterior, intitulada **Missa de 30º dia ressalta legado de Eduardo Campos**, será nomeada *JC-2*; já a terceira notícia, publicada alguns meses após a morte de Eduardo Campos, intitulada **Doleiro afirma em depoimento que Eduardo Campos teria recebido R\$ 10 milhões em propina**, será nomeada *JC-3*.

No tocante aos procedimentos de análise, elegemos como categorias os modos de apropriação do discurso de outrem, ou seja, o **Estilo linear** e o **Estilo pictórico** (categorias que serão discutidas na seção seguinte), pautados nos estudos sobre o discurso citado de Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]). A escolha dessas categorias se deve ao fato de acreditarmos, assim como defende Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), que o estudo desses estilos, numa dimensão sociológica, é relevante à compreensão do diálogo que se instaura na construção de valores da enunciação. Diante disso, pautados em Volochinov ([1930b] 2013c), no que se refere à metodologia da análise sociológica da linguagem, neste estudo da linguagem (discurso) jornalística, partimos da composição verbal dos enunciados, mas não nos restringimos a ela, pois, dado o entendimento do autor supracitado de que a enunciação se apoia em sua relação real e material da existência, atribuindo a essa comunidade material uma expressão ideológica e um desenvolvimento ideológico posterior (p. 79), acreditamos, assim como defende o autor que, as palavras colocam em cena “(...) as relações vivas e específicas entre o autor e o mundo” (VOLOCHINOV, [1926] 2013, p. 91).

Assim, para a análise, usamos excertos representativos do *Estilo linear* e do *Estilo pictórico* retirados das notícias que compõem o nosso *corpus*. Além disso, organizamos a análise três etapas.

Em um primeiro momento, foram levadas em consideração apenas a DP-1 e a JC-1, para analisarmos, através de excertos, os estilos de apropriação do discurso de outrem, que dizem sobre a relação do *sujeito-objeto de enunciação* para, por conseguinte, identificarmos a imagem construída de Eduardo Campos em cada um dos jornais no período anterior à sua morte. Essas imagens desse período foram vistas de forma comparativa entre dois jornais, objetivando verificar em que medida elas demonstravam um posicionamento político-ideológico semelhante ou não entre si.

Feito isso, tomamos as notícias dos dois jornais do segundo período temporal (período até um mês pós-morte) de Campos, DP-2 e JC-2, para também analisarmos, a partir das marcas linguísticas de apropriação do discurso de outrem, as imagens jornalísticas construídas do então candidato. Após isso, também comparamos as imagens construídas de Campos pelos dois jornais.

Por último, analisamos as duas notícias do terceiro período temporal (aproximadamente sete meses após a morte de Campos) para também analisarmos através dos estilos de apropriação do discurso de outrem, o modo como Eduardo Campos é caracterizado, a fim de averiguar os posicionamentos que se avultam na DP-3 e JC-3, compará-los entre si e compará-los, também, com as imagens dos períodos anteriores.

Lançadas as bases teóricas e explicitados os procedimentos metodológicos deste estudo, passemos à apresentação sumária das discussões das partes subsequentes do texto.

Do pouco que foi dito até este ponto do texto sobre as noções do Círculo de Bakhtin, convém ressaltar que a relação que se estabelece na enunciação entre sujeito-língua-linguagem é ponto fundamental para o entendimento da concepção de linguagem que emerge dos estudos do Círculo de Bakhtin, pois, para o Círculo, a linguagem, também, resulta da união da forma e do uso, pois a forma (sistema linguístico) por si só não dá conta da interação verbal humana e, no uso, agregam-se a ela questões ideológicas e intersubjetivas (do sujeito) que resultam em diálogos que põem em interação (harmoniosa e/ou conflituosa) diferentes “elementos” extraverbais.

Vistas a isso, justifica-se a opção dos estudiosos do Círculo por transpor o nível da frase, adotando o enunciado como unidade da comunicação real, a partir da qual deveriam se dar as *démarches* de compreensão dos fenômenos da linguagem. Essa transposição caracteriza um rompimento com as tradições racionalistas e psicologistas das correntes linguístico-filosóficas da época, início do século XX, e um dos pontos centrais de emergência de uma nova forma de ver os fenômenos da linguagem. Por isso, na segunda seção, trazemos à discussão a proposta do Círculo de uma teoria marxista da linguagem buscando evidenciar as bases dessa “nova” forma (para a época) de ver a linguagem.

Esse esboço da teoria marxista da linguagem, feito na segunda parte do texto, nos dá subsídios para entender e explicar os fenômenos sócio-discursivos da esfera jornalística. No entanto, admitindo a cooperação entre áreas, assim como defende Bakhtin (2011e [1970/71]), na terceira parte, trazemos discussão sobre a esfera jornalística, partindo da noção de esfera discursiva de Bakhtin.

Além disso, é mister lembrar que as noções bakhtiniana dos constituintes da linguagem (enunciado, gêneros discursivos, texto, etc.) estão em constante diálogo – entre si e com os elementos da instância do discurso –, pois, para o Círculo, o sentido se instaura na linguagem por meio de relações dialógicas. Vistas a esse fato, trazemos, na seção quatro, uma discussão sobre texto, enunciados, gêneros discursivos, para, a partir desses conceitos, olhar o *corpus* da pesquisa, caracterizando o gênero discursivo do nosso *corpus* – a notícia.

Ademais, adotando uma perspectiva bakhtiniana de linguagem, não podemos deixar de tocar no dialogismo que é base da construção de sentido, no entender do Círculo, pois, como afirmam Flores e Teixeira (2012, p. 45), “o princípio do dialogismo subjaz a todas as utilizações que se faz da teoria”. Por isso, partindo de uma dimensão filosófica da construção de sentidos (a chamada base arquitetônica), os integrantes do Círculo apontam as diferentes formas de perceber o diálogo na linguagem, que demonstram diálogo e conflito de vozes que têm origem num enunciador-sujeito. Por isso, na seção cinco, além da discussão sobre o dialogismo como meio à construção de sentido para a enunciação, discutimos as marcas dialógicas que se evidenciam na materialidade verbal e buscaremos evidenciá-las, a partir de análise, no nosso *corpus*.

Do que foi dito até então, mesmo que a discussão ainda não tenha se aprofundado, podemos perceber que a linguagem na concepção emergida dos estudos do Círculo de Bakhtin é firmada principalmente no caráter dialógico e o

enunciado é tomado como ponto de partida para o entendimento de fenômenos da interação verbal. No entanto, não podemos esquecer que o sujeito, dentro dessa perspectiva, é ponto importante, pois ele também é parte constituinte dos sentidos que se instauram na enunciação, constituindo a parte valorativa do sujeito em relação ao objeto do seu discurso inerente a qualquer enunciação. Trazer à discussão o sujeito bakhtiniano, dessa forma, é mister, tendo em vista que é a partir dele que se constituem as relações dialógicas materializadas na linguagem e que os valores da enunciação estarão condicionados e determinados pela relação deste com o objeto de discurso. Por isso, na sexta seção, discutiremos a concepção bakhtiniana de sujeito e, de posse dessa discussão, investigaremos as marcas valorativas dos sujeitos e as conseqüentes posições valorativas que se mostram nas notícias do DP e JC, sobre Eduardo Campos, nos dois períodos distintos.

Posto isso, embora não analisemos as notícias nessa parte do texto (isso se dará no decorrer das partes subsequentes do texto), apresentamos a seguir as notícias que compõem o nosso *corpus* (figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6), acreditando que seu conhecimento, logo de início, seja importante para a compreensão do percurso da pesquisa. Elas serão retomadas e exploradas ao longo de todo o texto, no decorrer das discussões, através do uso de excertos que nos permitirão analisá-las à luz dos elementos teóricos que serão discutidos nesta pesquisa. Optamos por não as trazer como anexo, porque elas são parte fundamental e fundante de toda a pesquisa. Seguem-se.

Figura 1: Notícia do DP on-line anterior à morte de Eduardo Campos – **DP-1**

Campanha »

Aliados de Armando gostam de declarações ácidas de Campos

Para Sílvio Costa, ex-governador trata mal aliados de última hora e comentários mostram desespero

Diário de Pernambuco

Publicação: 08/07/2014 11:42 Atualização: 08/07/2014 14:23



Os aliados do candidato ao governo Armando Monteiro (PTB) estão gostando das declarações ácidas proferidas pelo ex-governador e candidato à Presidência Eduardo Campos (PSB). Para a base de Armando, os comentários contraditórios e desrespeitosos, mostram um "sinal de desespero", segundo alguns políticos ouvidos pela reportagem do Diário.

Para o deputado federal Sílvio Costa (PSC), o ex-governador não foi feliz em suas declarações. "Ele já chegou a chamar alguns aliados de 'parasitas do poder'. O ex-governador costuma dar esse tipo de tratamento a quem adere às candidaturas apoiadas por ele de última hora", disparou. Segundo Sílvio, este seria um claro sinal de desespero por parte da Frente Popular.

Ontem (segunda-feira), durante o segundo ato de campanha do afilhado Paulo Câmara, Eduardo mandou um recado. "Todos vão pensando numa campanha colada. Quando chegar em setembro é do mesmo jeito que eu vi os vereadores na eleição de Geraldo (Julio, prefeito do Recife). Até setembro era de um jeito. Em setembro, quando Geraldo disparou, a fila chegou na porta. Aí você sabe que a fila se organiza pelo mérito. É meritocracia!", disse.

Foto: Julio Jacobina /DP/ D.A Press

Fonte: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2014/07/08/interna_politica,514877/aliados-de-armando-gostam-de-declaracoes-acidas-de-campos.shtml

Figura 2: Notícia do DP *on-line* do primeiro período posterior à morte de Eduardo Campos – DP-2

Morte de Eduardo Campos »

Eduardo Campos aliava programas sociais e a visão de mercado

Assim era o candidato do PSB, um político de esquerda, defensor da área social e ao mesmo tempo alinhado com o o setor privado

Paulo Silva Pinto - Enviado Especial

Publicação: 14/08/2014 07:49 Atualização: 14/08/2014 11:08

Na campanha para subir a rampa do Planalto, Eduardo Campos buscou, em larga medida, ser identificado com o perfil que o ex-aliado Luiz Inácio Lula da Silva construiu no primeiro mandato presidencial: um político de esquerda, defensor de programas sociais e ao mesmo tempo alinhado com o mercado. A estratégia também era um modo de estabelecer diferenças com a presidente Dilma Rousseff, criticada por ter se distanciado do setor privado, em forte contraste com Lula.

Eduardo vinha falando de coisas que soam como música ao ouvido dos empresários: reduzir a meta de inflação para 3% ao ano até 2019; dar independência ao Banco Central, garantindo mandato de três anos ao presidente da instituição; enviar um projeto de reforma tributária ao Congresso Nacional na primeira semana de governo, com propostas para desonerar exportações e investimentos; e promover acordos comerciais para beneficiar a inserção global de produtos brasileiros.

Aos estudantes, Eduardo prometeu passe livre no transporte público. Diante da crítica quanto aos eventuais custos da medida, ele comparou com a despesa de juros do governo: elevar em meio ponto percentual a Selic, taxa básica do Banco Central (BC) custa aos cofres públicos R\$ 14 bilhões por ano, de acordo com as contas dele. Permitir que os jovens viagem de graça sairia mais barato, argumentou.

Fonte: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2014/08/14/interna_politica.522601/eduardo-campos-aliava-programas-sociais-e-a-visao-de-mercado.shtml

Figura 3: Notícia do DP *on-line* do segundo período posterior à morte de Eduardo Campos - DP-3

Youssef afirma que Eduardo Campos recebeu R\$ 10 milhões de propina pagos por empreiteiras

Diário de Pernambuco

Publicação: 03/03/2015 09:01 Atualização: 03/03/2015 13:25



Foto: Teresa Malta/DP/D.A. Press/Arquivo

O doleiro Alberto Yousseff afirmou em depoimento da delação na Operação Lava-Jato que o ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos (PSB) - morto em acidente aéreo em agosto do ano passado - recebeu entre 2010 e 2011 R\$ 10 milhões de propina por meio de contrato com a Conest. Formado pelas empreiteiras Odebrecht e OAS, o consórcio era responsável pela execução de obras da Refinaria de Abreu e Lima. Ainda de acordo com Youssef, a propina destinada a Eduardo Campos ocorreu para o governo de Pernambuco não criar dificuldades nas obras.

O doleiro também afirma que o deputado federal pernambucano Eduardo da Fonte (PP) e o senador Ciro Nogueira (PP-PI) receberam entre 2010 e 2011 propinas de valores ainda não determinados pagas pela construtora Queiroz Galvão em contrato para implantação de tubovias em Abreu e Lima. O contrato referente a este serviço é da ordem de R\$ 2,7 bilhões. O ex-presidente do PSDB, o pernambucano Sérgio Guerra também teria sido um dos beneficiários pela propina paga pela Queiroz Galvão. O tucano recebeu, de acordo com Youssef, parte dos R\$ 10 milhões destinados para impedir a realização da CPI da Petrobras.

Ao custo de R\$ 18,5 bilhões a Refinaria de Abreu e Lima é a obra mais cara em curso no Brasil.

PSB e família Campos negam

Em nota divulgada pelo jornal *Folha de S.Paulo*, a família de Eduardo Campos e o PSB afirmam repelir "veementemente a tentativa de envolver um a pessoa que não está mais aqui para se defender". A nota afirma ainda que "todo mundo sabe" que a Petrobras é a responsável pela execução da obra "com contratos feitos pela diretoria da empresa, sem conexão alguma com o governo de Pernambuco".

O deputado Eduardo da Fonte (PP) afirmou desconhecer os fatos citados por Youssef e confiar na Justiça. O PSDB, partido do ex-senador Sérgio Guerra, disse que mantém sua posição "em defesa das investigações da Lava-Jato", e espera que os responsáveis pelo desvio bilionário de recursos da Petrobras sejam identificados e punidos.

Fonte: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2015/03/03/interna_politica,563859/youssef-afirma-que-eduardo-campos-recebeu-r-10-milhoes-de-propina-pagos-por-empreiteiras.shtml

Figura 4: Notícia do JC *on-line* anterior à morte de Eduardo Campos – JC-1

ELEIÇÕES 2014

Eduardo Campos e Marina se reúnem para 'superar diferenças'

Em compensação, no segundo maior colégio eleitoral do País prevaleceu a tese de candidatura própria

Publicado em 27/06/2014, às 07h54



Da AE

O pré-candidato do PSB à Presidência, Eduardo Campos, e sua vice Marina Silva, tiveram um encontro na quarta-feira (25), em Brasília, para tentar encerrar a crise causada pelas divergências entre os dois grupos na formação de palanques estaduais.

Segundo aliados, os dois tiveram uma conversa “muito boa”, na qual reafirmaram o compromisso de seguir juntos no plano nacional. A três dias da convenção nacional do PSB - marcada para amanhã, em Brasília -, o encontro serviu para superar as diferenças surgidas com a formação de alianças estaduais que desagradaram ao grupo de Marina. “Acho que superamos (os desentendimentos) e agora é bola para frente”, resume Neca Setubal, próxima à ex-ministra.

Marina disse a Eduardo que está disposta a relevar as diferenças regionais para poderem começar a campanha nacional em sintonia. Em nota divulgada esta quinta-feira (26), a Rede negou “dificuldades no relacionamento” com o PSB. O grupo reafirmou que não vai fazer campanha para aliados do PSB dos quais discorda, como vinha sendo dito por seus integrantes.

Dois a um. É o caso, por exemplo, de São Paulo - o eixo Rio-São Paulo foi o epicentro da crise entre PSB e Rede, que insistia em candidaturas próprias. O diretório paulista decidiu apoiar a reeleição de Geraldo Alckmin (PSDB) e terá a vaga de vice na chapa tucana. No Rio, o PSB vai apoiar o petista Lindberg Farias - a sigla vai ocupar a vaga para o Senado. As alianças confrontam o discurso de Campos e Marina, em que tentam ser uma opção à polarização PT-PSDB na disputa nacional.

Em compensação, no segundo maior colégio eleitoral do País prevaleceu a tese de candidatura própria. A Executiva mineira do PSB decidiu ontem lançar o ex-prefeito de Juiz de Fora Tarcísio Delgado, de 77 anos, pai do deputado Júlio Delgado, presidente do diretório local.

Figura 5: Notícia do JC *on-line* do primeiro período posterior à morte de Eduardo Campos – JC-2

HOMENAGEM

Missa de 30º dia ressalta legado de Eduardo Campos

Familiares, amigos e aliados estiveram presentes na celebração na Igreja de Casa Forte. Família fez homenagens e tom político ficou para o padre

Publicado em 13/09/2014, às 20h29

 Tweet { 0 }

 Curtir { 2,6 mil }

 +1 { 1 }

 Orkut

Mariana Araújo



Filha mais velha de Eduardo Campos leu mensagem e, no final, embargou a voz
Foto: Diego Nigro/JC Imagem

A missa de 30º dia da morte do ex-governador Eduardo Campos, no final da tarde desse sábado (13) na Igreja de Casa Forte, foi marcada por emoção e homenagens. A viúva Renata Campos chegou acompanhada dos cinco filhos e da mãe e do irmão de Eduardo, Ana Arraes e Antonio Campos. O padre Edvaldo Gomes, próximo à família, foi quem passou o recado político na celebração, usando como exemplo a foto de Eduardo impressa num livro com a liturgia da missa.

Os filhos do ex-governador fizeram leituras bíblicas e no final, a filha mais velha, Eduarda, leu em nome da família uma mensagem divulgada mais cedo no Facebook. “Sentimos falta de lhe ver chegar em casa, muitas vezes acompanhado de amigos, contando histórias e procurando saber das novidades da vida de cada um. Sentimos falta dos conselhos e da postura sempre firme para resolver as coisas e escolher os caminhos, afinal, como você bem nos ensinou ‘não podemos dar intimidade a problemas, temos que resolvê-los’. Nossa perda é irreparável, mas o Brasil ganhou um exemplo”, diz o texto.

A celebração contou também com a presença do governador João Lyra, do prefeito do Recife, Geraldo Julio, e do candidato do PSB ao governo, Paulo Câmara. Boa parte do secretariado da Prefeitura e do governo estava presente.

O bispo de Palmares, Dom Genival Saraiva de França, que também celebrou a missa, lembrou as circunstâncias da morte do socialista. “A morte de Eduardo ocorreu no meio do processo eleitoral. O acidente, com causas que não foram esclarecidas ou divulgadas, interromperam sua carreira política”, declarou. Em seguida, citou avanços na educação, com o aumento do índice do Ideb, e o programa Mãe Coruja.

Padre Edvaldo, ao falar de Eduardo, usou como exemplo a foto do ex-governador sorrindo, no livro da missa. “Espero que a maneira de ser desperte nos políticos alguma consciência de sua missão. Não é hora de ressentimentos, é hora de pensar no Brasil como um todo”, disse. “Espero que esse olhar do retrato possa ajudar a não votar com leviandade. Podemos sim ter um Brasil muito melhor do que estamos tendo”, acrescentou o padre em outro trecho da homilia.

Fonte: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/peernambuco/noticia/2014/09/13/missa-de-30-dia-ressalta-legado-de-eduardo-campos--145554.php>

Figura 6: Notícia do JC on-line do segundo período posterior à morte de Eduardo Campos – JC-3

Doleiro afirma em depoimento que Eduardo Campos teria recebido R\$ 10 milhões em propina

As propinas teriam sido pagas pelas empreiteiras Queiroz Galvão, Odebrecht e OAS, em contratos de obras na refinaria Abreu e Lima. O ex-senador Sérgio Guerra (PSDB) e o deputado Eduardo da Fonte (PP) também são citados

Publicado em 03/03/2015, às 09h01



Do JC Online com informações da Folha de S. Paulo



Foto: JC Imagem

O doleiro Alberto Youssef, uma das peças-chave mais emblemáticas da Operação Lava Jato, que investiga esquemas de desvio de dinheiro na Petrobras, afirmou em depoimentos de delação premiada que o ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos (PSB), morto em um desastre aéreo ano passado, o ex-presidente do PSDB Sérgio Guerra, que morreu em 2014, e o deputado Eduardo da Fonte (PP-PE) teriam recebido propina em contratos das obras da refinaria Abreu e Lima. O doleiro detalhou dois casos específicos, nos quais mais de R\$ 40 milhões foram movimentados para, entre outras medidas, impedir a criação de uma CPI envolvendo a estatal. As informações foram divulgadas pelo jornal Folha de S. Paulo.

Em seu depoimento, o doleiro afirma que Eduardo Campos teria recebido, entre 2010 e 2011, R\$ 10 milhões de propina das empreiteiras Odebrecht e OAS para a instalação de unidades de processamento em Abreu e Lima. Eduardo Campos teria recebido o montante para evitar dificuldades no andamento das negociações.

O total da propina foi de R\$ 30 milhões, valor dividido entre o ex-governador, Paulo Roberto Costa e o PP. A propina teria sido entregue a Eduardo Campos no Recife.

Além dos políticos pernambucanos, o delator também envolveu em seus depoimentos o senador Ciro Nogueira (PP-PI), e o ex-diretor de abastecimento da Petrobras Paulo Roberto Costa, que está preso. Youssef afirmou que Nogueira e Fonte teriam, entre 2010 e 2011, recebido propina da construtora Queiroz Galvão para formalizar um contrato para implantação de tubovias na refinaria Abreu e Lima. Na época, tanto a Queiroz Galvão quanto a lesa assinaram contrato no valor de R\$ 2,7 bilhões para a implantação das tubovias.

O contrato teria sido assinado no Rio de Janeiro, na presença de um representante da Queiroz Galvão, Paulo Roberto Costa, o ex-presidente do PP, José Janene, morto em 2010, o ex-assessor do PP João Genu e o próprio Youssef. Na negociação, a empreiteira foi pressionada para dar celeridade aos processos, sob a ameaça de que fosse criada uma CPI da Petrobras, à época estimulada pela oposição.

O operador do esquema foi Fernando Soares, também preso pela Lava Jato. Parte da propina foi paga em doações oficiais aos políticos e a outra destinada a Youssef, que repassou para Ciro Nogueira e Eduardo da Fonte. Sérgio Guerra entra na história para impedir a realização de uma CPI na Estatal. Para isso, o ex-senador teria recebido R\$ 10 milhões.

LEIA TAMBÉM

Defesa de Youssef pede novo depoimento em acordo de delação premiada

Deputado acusa Assembleia de omissão nos governos de Eduardo Campos

Procuradores vão ao TCU contra acordos de leniência na Lava Jato

AGU defende acordo de leniência entre empreiteiras envolvidas na Lava Jato e CGU

STJ nega pedido de liberdade de empresário preso na Lava Jato

Advogados têm até quarta-feira para pedir transferência de presos na Lava Jato

Apresentadas as notícias, passemos à discussão da *démarche* do Círculo de Bakhtin, por uma teoria marxista da linguagem que reconhecesse a sua dimensão sócio-ideológica, a fim de aprofundar a base teórica desta pesquisa e cumprir os objetivos propostos.

2 O EMPREENDIMENTO DO CÍRCULO DE BAKHTIN: POR UMA CONCEPÇÃO SOCIAL DE LINGUAGEM

A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

(Bakhtin)

Pensar a linguagem é pensar as próprias relações sociais, pois o ser humano é, por natureza, um ser de linguagem, sendo por meio dela que ele vive em sociedade, comunica-se e constrói suas relações, sendo-lhe possível interagir, relatar, expor, informar, criticar, opinar, posicionar-se, etc. Vistas a isso, podemos dizer que a linguagem encontra-se na base da organização social, pois é por meio dela que a sociedade se organiza e seus membros interagem entre si, como bem lembra Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) ao se deter na dimensão social-marxista da linguagem, como será evidenciado nesta seção.

Esse fato põe a linguagem como um “constructo” de importância elementar para o surgimento e a organização da própria sociedade, como defende Volochinov (2013b [1930a]), no ensaio *Que é a linguagem?*. Sendo assim, a compreensão dos fatos sociais, e da própria sociedade, passa pela compreensão da linguagem, e, do mesmo modo, a compreensão da linguagem só pode se dar passando pelo social. Por conta disso, e, também, devido ao reconhecimento da importância da linguagem na construção das relações sociais, pensar a linguagem e buscar compreender a sua “verdadeira” essência têm sido problema de vários estudiosos desde muito tempo. Com este intuito, ao longo da história, estudiosos diversos desenvolveram estudos que se constituíram em perspectivas, também, diversas.

No entanto, nessas *démarches*, o social muitas vezes foi deixado de lado, como é o caso do **Subjetivismo Individualista**, que se configura uma perspectiva que entendia a linguagem como produto psíquico-individual, e do **Objetivismo Abstrato**, que se configura uma perspectiva que entendia a linguagem enquanto sistema de signos. Convém lembrar que essas correntes de estudos da linguagem não se denominavam com os epítetos acima apresentados. Esses epítetos são apresentados por Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) para nomear as perspectivas que focavam só o

psíquico ou só o sistema a fim de tecer críticas em favor de uma perspectiva que reconhece o social como constituinte da linguagem. Essa é uma prática constante na teoria bakhtiniana, pois, segundo Tezza (2007, p. 236), “todo o seu (de Bakhtin) trabalho teórico começa sempre pela revisão dos princípios dominantes naquele momento [...] – uma revisão que, respeitosamente compreensiva, acabará inapelavelmente reconstruindo outra visão de mundo por insuficiência teórica das anteriores”.

Vejamos, ainda que de forma sumária, como esse quadro se configura.

2.1. PERSPECTIVAS DOMINANTES DO PENSAMENTO LINGUÍSTICO-FILOSÓFICO

2.1.1 Sobre o Subjetivismo Individualista

Segundo Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), no qual o autor argumenta em prol de uma abordagem marxista da linguagem, o **subjetivismo individualista** se caracteriza como um movimento de abandono das regras clássicas, ou seja, uma perspectiva que abandona os modelos clássicos de Ciência e põe o foco nas relações psíquico-individuais dos indivíduos. Assim, dentro dessa perspectiva de estudo da linguagem, as premissas fundamentais quanto à língua podem ser resumidas nas seguintes proposições, segundo Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 72)

1. *A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.*
2. *As leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual.*
3. *A criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística.*
4. *A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado.*

A partir dessas premissas, vemos que, no *Subjetivismo Individualista*, há a tentativa de “reorganizar a reflexão lingüística sobre a base da atividade mental em língua materna, considerada como meio de desenvolvimento da consciência e do

pensamento” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 112). Além disso, percebemos que a perspectiva em questão não leva em consideração o social, não o considera como parte constitutiva da língua/linguagem.

Desse quadro emerge o entendimento da enunciação como um ato puramente individual, como uma **expressão** da consciência individual, de seus desejos, suas extensões, seus impulsos criadores, seus gostos, etc. como um ato monológico. Isso faz com que os estudos se voltem para a expressão, entendida como

(...) tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com ajuda de algum código de signos exterior (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 113).

Dado o foco que se dá às atividades psíquicas, nessa perspectiva, o exterior é relegado a segundo plano, posto que a expressão se caracteriza como “um processo que se dá do interior para o exterior” e “tudo que é essencial é interior, o que é exterior só se torna essencial a título de receptáculo do conteúdo interior, de meio de expressão do espírito” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 113). A única interferência que é admitida do exterior nessa perspectiva é que o conteúdo interior muda de aspecto, ao ser exteriorizado, pois é obrigado a se apropriar do material exterior. Apesar dessa consideração, o social não figura como fator determinante das relações que se instauram na, e pela, linguagem.

Na contramão do *Subjetivismo Individualista*, havia o *Objetivismo Abstrato* que desconsiderava as questões individuais e focava unicamente no sistema linguístico, como veremos a seguir.

2.1.2 Sobre o Objetivismo Abstrato

O **Objetivismo Abstrato** é fruto da adoção do modelo clássico de ciência para o estudo da linguagem, a fim de atribuir a este o caráter efetivamente científico por meio da instituição de um objeto de estudo da ordem do empírico e passível de sistematização. Os representantes dessa perspectiva, sendo Ferdinand de Saussure seu maior expoente, acentuavam constantemente que “o sistema linguístico constitui um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta – e isto

representa uma de suas posições fundamentais” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 91).

Guiados por essa posição fundamental, os seguidores do *Objetivismo Abstrato* fundaram seus princípios, e Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 82-83) os resume da seguinte forma:

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.
3. As ligações lingüísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos lingüísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.
4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua; simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. *Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si.*

Nessa perspectiva, o que interessa é o sistema síncrono da língua e, diferentemente do Subjetivismo Individualista, que foca o psíquico-individual, as idiossincrasias dos falantes não são levadas em consideração. De acordo com Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), isso decorre do fato de o *Objetivismo Abstrato* filiar-se ao Racionalismo, que atribui exclusiva confiança à razão humana como instrumento capaz de conhecer a verdade.

Há, assim, o entendimento de que os estudos da linguagem devem se voltar para o sistema e, conseqüentemente, que a explicação de qualquer fenômeno da linguagem deve se dar no nível lingüístico, desprezando as relações sociais que se instauram na linguagem na comunicação real.

Interessante notar, também, que as quatro proposições que constituem as premissas do *Objetivismo Abstrato* figuram como antítese da tese defendida pelo *Subjetivismo Individualista* com suas proposições. No entanto, mesmo as duas sendo perspectivas diversas, diríamos até opostas, nenhuma das duas considera o fator social como determinante e constituinte da linguagem e, apoiando-se nesse fato, Bakhtin, junto com os outros integrantes do chamado Círculo de Bakhtin, tece críticas a essas duas perspectivas e sai em defesa de uma perspectiva marxista de estudo da

linguagem, que tenha o social como ponto central desse estudo. Vejamos de forma sintética algumas dessas críticas.

2.1.3 Das críticas às *démarches*

Os integrantes do Círculo, mais especificamente Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), em MFL, diante os quadros que se configuravam de estudo da linguagem através do *Subjetivismo Individualista* e do *Objetivismo Abstrato*, sai em defesa de uma nova perspectiva de estudo da linguagem, uma filosofia marxista da linguagem¹¹, na qual o sócio-ideológico tem importância elementar para entendimento dos fenômenos da linguagem.

Para a proposição dessa nova perspectiva, Bakhtin utiliza como ponto de partida a crítica a pontos que ele considera erros que podem ser percebidos nas duas correntes de estudos da linguagem apresentadas acima, pois, para ele,

ao considerar que só o sistema lingüístico pode dar conta dos fatos da língua, o objetivo abstrato rejeita a enunciação, o ato de fala, como sendo individual. Como dissemos, é esse o *proton pseudos*, a “primeira mentira”, do objetivismo abstrato. O subjetivismo individualista, ao contrário, só leva em consideração a fala. Mas ele também considera o ato de fala como individual e é por isso que tenta explicá-lo a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante. E esse é o seu *proton pseudos*. (2006 [1929], p. 111)

Com isso, o autor afirma que as duas *démarches* estão erradas, por focarem em questões que são vistas de modo alheio ao social. Por conseguinte, configurariam abstrações que não condizem com a realidade da língua essencialmente social.

Além dessas críticas, Bakhtin/Volochinov ainda tece outras. Quanto ao *Subjetivismo Abstrato*, insistindo no erro da *démarche*, ele (2006 [1929], p. 113-114)

¹¹ “(...) o Círculo inaugura uma discussão bastante inédita dentro da tradição marxista visto que esta, hegemonicamente, destaca o caráter derivado da linguagem, posicionando-a como secundária no processo de formação do ser social à medida que prioriza o trabalho como primeira instância de mediação entre o homem e a natureza e dos homens entre si. Os pensadores russos, contrariando essa tradição de centralidade do trabalho, enfatizam que a linguagem é formadora do ser social já em suas primeiras instâncias de relacionamento social. O homem não tem uma linguagem da qual pode se apossar para se relacionar, mas se dá enquanto linguagem e esta parte das condições materiais de existência, constituindo-se nas relações concretas do cotidiano, ou seja, tem uma base material. Entretanto, diferentemente da tradição marxista, a linguagem, embora seja oriunda das condições concretas do existir humano, refletindo essas circunstâncias, também as refrata, pois não é reprodução do real, ou simples nomeação” (FANINI, 2015, p. 19).

afirma que o erro se deve ao fato de focar o estudo da linguagem na expressão como algo que surge do interior para o exterior, pois, para os adeptos dessa corrente linguístico-filosófica, a compreensão do fato ideológico deve se dirigir ao interior, a explicação deve penetrar até as raízes internas formadoras do fato e, no entendimento de Bakhtin/Volochinov, qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação, ele será determinado pela situação social mais imediata.

Já em relação ao *Objetivismo Abstrato*, a crítica de Bakhtin é mais assiduamente tecida, pois ele aponta vários problemas encontrados dentro dessa perspectiva. Eles são elencados pelo autor da seguinte forma:

1. Nas formas lingüísticas, o fator *normativo* e *estável* prevalece sobre o caráter *mutável*.
2. O *abstrato* prevalece sobre o *concreto*.
3. O *sistemático abstrato* prevalece sobre a *verdade histórica*.
4. As formas dos *elementos* prevalecem sobre as do conjunto.
5. A *reificação* do elemento lingüístico isolado substitui a *dinâmica* da fala.
6. *Univocidade* da palavra mais do que *polisemia* e *plurivalência* vivas.
7. Representação da linguagem como um *produto acabado*, que se transmite de geração a geração.
8. Incapacidade de compreender o processo gerativo *interno* da língua. (2006 [1929], p. 104)

A crítica como um todo se sustenta no fato de o *objetivismo abstrato* ter o sistema linguístico como objeto de análise e isentá-lo das questões extra-sistema.

Dessas críticas, surge a proposta de uma nova perspectiva de estudo da linguagem, uma filosofia marxista da linguagem. Vejamos.

2.1.4 Uma filosofia marxista da linguagem

A partir das críticas tecidas às duas correntes linguístico-filosóficas, Bakhtin/Volochinov argumenta em defesa de uma filosofia marxista da linguagem, pois, segundo ele, a linguagem é social em todas as suas dimensões. Sendo assim, percebemos que há o entendimento de que o sistema de signos, por si só, não dá conta da realidade dos fenômenos linguísticos; que a língua é entendida como um fenômeno em processo e que esse processo se efetiva pela interação; que as leis da evolução da linguística são sociológicas; que a criatividade de uma língua está ligada aos valores ideológicos e essa criatividade é fruto de uma necessidade social; e, que

a enunciação é puramente social, como podemos ver a partir da seguinte síntese o próprio autor traz de seu pensamento:

1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua.
2. A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.
3. As leis da evolução lingüística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução lingüística são essencialmente *leis sociológicas*.
4. A *criatividade* da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.
5. *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*. (2006 [1929], p. 130)

Assim, há a ênfase no caráter social e ideológico da linguagem e de suas formas de manifestação. A enunciação é, assim, proposta como unidade mínima de sentido, de caráter essencialmente social, a partir da qual se deve proceder ao estudo da linguagem. Conseqüentemente, no entender de Bakhtin/Volochinov, todos os fatos de linguagem devem ser vistos sob o crivo da sua natureza sócio-ideológica, pois, para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 34), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”.

O modo pelo qual Bakhtin/Volochinov apresenta sua teoria marxista da linguagem gera uma suposta ideia de síntese das duas *démarches* do pensamento linguístico-filosófico, pois o autor tece seu texto mostrando que o *Subjetivismo* comporia uma tese, o *Objetivismo*, com suas proposições-princípios, mostrar-se-ia como a antítese desta e sua proposta que emerge da crítica a essas duas correntes cumpriria o papel de uma síntese. No entanto, embora não tenhamos como objetivo tomar parte nesse debate, Faraco (2006, p. 125-132), estudioso dos textos do Círculo de Bakhtin, atribuindo a autoria da obra MFL a Volochinov, questiona se autor não seria um “coração humboltiano”, pois, segundo Faraco, apesar de o autor tecer sua defesa em favor de uma filosofia marxista da linguagem apresentando a tese (subjetivismo individualista), a antítese (Objetivismo Abstrato) e propondo uma síntese

(Teoria Marxista da Linguagem), nessa síntese ele deixa de lado a língua enquanto sistema, o que demonstraria uma aproximação maior do Subjetivismo e uma negação da parte sistêmica da língua em sua síntese, ainda que no decorrer da obra o filósofo fale da parte imanente da língua.

Essa perspectiva que toma a enunciação como ponto de partida para o estudo da linguagem e que reconhece o caráter sócio-ideológico da linguagem será a que adotaremos nesta pesquisa. Nesse sentido, nos tópicos seguintes, aprofundaremos essa visão de linguagem, recorrendo a outros escritos do Círculo, buscando evidenciar os conceitos que se fazem necessários para cumprir os objetivos desta pesquisa e, de posse desses conceitos, construir nossa análise. No entanto, fazemos antes uma apresentação de como a estrutura e as questões extraverbais são concebidas na teoria enunciativa do Círculo.

2.2. ENTRE LÍNGUA E LINGUAGEM: A CONCEPÇÃO ENUNCIATIVA DO CÍRCULO

Antes de adentrar a questão da parte estrutural e da parte extraverbal e ideológica da enunciação, convém fazer uma ressalva quanto ao uso dos termos “língua” e “linguagem”, já que estamos tratando da teoria de linguagem que emerge do Círculo de Bakhtin, grupo de estudiosos russos. Em russo não existem as duas palavras, língua e linguagem; ambas são contidas num mesmo lexema (ЯЗЫК). No entanto, usamos os dois termos no texto para nos referir a conceitos diferentes: a palavra **língua** se refere à parte sistêmica da linguagem; a palavra **linguagem** é tomada num sentido amplo, e é constituída a partir da união de questões extraverbais e sócio-ideológicas ao sistema linguístico; diz respeito direto à própria interação. Explicitados o sentido dos termos, continuemos a discussão.

A defesa da perspectiva sociológica dos estudos da linguagem por Bakhtin/Volochinov se deve ao fato de o estudioso entender que a linguagem verbal se materializa em palavras, mas essas “(...) são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (2006 [1929], p. 40). Portanto, a forma seria incapaz de encapsular todas essas relações de sentido e, assim, só a enunciação no seu todo é capaz de comportá-las. Convém, no entanto, advertir que, nessa perspectiva que toma a enunciação como

unidade da comunicação efetiva, as duas dimensões da enunciação (a verbal e a extraverbal) são consideradas.

Como apontado na seção anterior, a teoria bakhtiniana admite que a linguagem é exterior ao homem, ao mesmo tempo que o constitui, e, por isso, é social, guarda em si questões que dizem respeito sobre o sujeito, seu grupo social, a sociedade como um todo da qual o enunciador faz parte. Nesse sentido, considerando as duas partes referidas, o que está na língua, em Bakhtin (2011b [1920/30], p. 34), no ensaio *O autor e o herói*, é a ideia de que o homem estabelece uma relação com o mundo por meio da linguagem e que a ideologia do signo e a atividade psíquica estão em constante troca interior e exterior, ou seja, há apenas uma diferença de grau na relação língua/linguagem, conforme o autor. Não há uma importância primeira entre o que está na língua e os fenômenos da linguagem. O que há é uma relação indissolúvel entre o psiquismo, a ideologia e a própria enunciação.

Volochinov (2013b [1930a]), no ensaio *Que é a linguagem?*, mostra que há diferenças entre o material verbal e o material físico. O que está no plano físico (letras, formas) é diferente do plano do acontecimento da enunciação. Isso não significa dizer que estejam separados. É nesse sentido que o autor afirma que a palavra tem um significado, denota um objeto ou uma ação, um acontecimento ou uma experiência psíquica. Para Volochinov

(...) o escritor não trabalha com um material físico destituído de significado, mas com partes que já se encontram elaboradas, com elementos linguísticos preparados, com os quais pode construir uma totalidade somente se tem presente todas as regras e leis que não devem ser transgredidas quando da organização desse material verbal. (2013b [1930a], p. 133)

Os componentes da língua – sua estrutura sintática, morfológica, fonológica – estão nela para construir enunciados e estabelecer relação com cada momento da vida, diz o autor.

Logo, não é possível para estes autores (citados acima) pensar em língua sem pensar (n)as relações dialógicas da linguagem¹². Língua e linguagem são atividades e acontecimentos em relação e, segundo Faraco (2006, p.64),

para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não

¹² A discussão sobre as relações dialógicas se dará na quinta seção do texto.

apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas.

Volochinov (2013bc [1930ab]) reconhece a existência de elementos formadores do enunciado – incluindo a língua no seu sentido saussuriano. Para ele é impossível conceber o signo sem a relação com o outro. Assim, a linguagem é apontada como uma atividade subjetiva, criativa e nela estaria também o valor da alteridade¹³, considerando o discurso de outrem na constituição das significações e do próprio sujeito; o valor reflexivo que ela (a linguagem) tem de se voltar para dentro do sistema que a funda e amplia.

Essas múltiplas capacidades da linguagem não escapam às relações com o outro. Pois, para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p.115)

toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

O autor coloca, na palavra, o ambiente de definição de si mesmo em relação ao outro sem, no entanto, perder a noção do todo, da interação. A palavra seria o lugar comum das relações dialógicas, no processo que chamou de interação verbal, organizado pela expressão que remete ao outro, ao exterior. A reflexão aqui diz respeito à organização da fala: ela se dá no interior ou exterior? Essas são as questões postas pelo *subjetivismo individualista* e pelo *objetivismo abstrato* (apresentados/discutidos nas subseções anteriores) e, nesse sentido, o filósofo compreende que a atividade exterior é que permite as modelagens interiores, tornando-as mais estáveis.

No entender de Bakhtin/Volochinov, os movimentos dos estudos linguísticos até sua época colocavam, na língua, toda a realização da linguagem. Isso criou, então, uma falsa concepção de que a compreensão poderia estar no sistema e, portanto, seria monológica. Essa “maneira centrípeta” de tentar colocar a linguagem como

¹³ Na toria bakhtiniana, a alteridade é o processo de relação com o *outro* (sujeitos outros, discursos outros, etc), através do qual o sujeito se constitui e constitui sentido por meio da linguagem.

homogênea se contrapõe, então, à visão de linguagem como interação. Para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 127), a língua tem outra expressão: é uma abstração científica; constitui um processo de evolução ininterrupto pela interação; a criatividade da língua difere da criação artística. E é esta forma de ver a língua que faz com que Volochinov (2013c [1930b]), em *A construção da enunciação*, se debruce sobre a natureza social da linguagem, em questões sobre contexto imediato e as vozes da avaliação social presentes na organização do texto, elementos extraverbais como a entoação, a avaliação do auditório.

Volochinov (2013bc [1930ab]) vê, então, a linguagem como um conjunto de atividades sócio-interacionais acontecendo entre sujeitos históricos, socialmente organizados, atravessados por um processo ininterrupto de construção que é a língua. Nesta perspectiva, diríamos ainda que a linguagem é dialógica e a língua é, ao mesmo tempo, um fenômeno ideológico e psíquico voltado para a construção social da linguagem.

E, nesse modo de pensar, até a linguagem interior (formas do discurso interior) são, também, modeladas pelo exterior, pois, como defende Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), o discurso interior também é definido a partir de diálogos complexos com instâncias sociais. Para o autor,

Essas unidades do discurso interior, que poderiam ser chamadas *impressões globais de enunciações*, estão ligadas uma à outra, e sucedem-se uma à outra, não segundo as regras da lógica ou da gramática, mas segundo leis de *convergência apreciativa* (emocional), de *concatenação de diálogos*, etc... e numa estreita dependência das condições históricas da situação social e de todo o curso pragmático da existência (2006 [1929], p. 63).

Logo, pensar filosoficamente em língua e linguagem é pensar num acontecimento voltado para o outro, que se manifesta através de formas relativamente estáveis, constituídas por elementos verbais e extraverbais, os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011c [1952/53]), que inclusive mexem nas formas a depender da relação (responsividade, na verdade) entre os sujeitos.

O foco do estudo da linguagem, desse modo, recai sobre a interação verbal entre os sujeitos sócio-historicamente situados. Por esse motivo, acreditamos que seja necessário, na parte seguinte, fazer considerações sobre a interação verbal.

2.3 A INTERAÇÃO VERBAL

Como pode ser percebido na exposição da teoria bakhtiniana de linguagem (e nas noções a ela relacionada) exposta até aqui, o foco da teoria não é dado à língua isolada (sistema linguístico), mas, sim, a comunicação verbal efetiva dentro de situações reais de comunicação com todas as implicações sócio-ideológicas e sócio-históricas que lhe é subjacente. O foco é dado à *interação verbal*.

Isso se dá porque, para os membros do Círculo, a linguagem só pode se efetivar através de situações enunciativas reais, que apenas se constituem na presença de dois ou mais sujeitos socialmente organizados. Assim, para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p.125),

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (grifo nosso).

Ou seja, desconsiderando o sistema como objeto de estudo da linguagem, Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) toma a interação verbal como ponto de partida, “realidade fundamental da língua”, que, na visão dele, é fruto da efetivação de enunciados, portanto, fruto da comunicação entre indivíduos socialmente organizados. Isso também reforça, mais uma vez, a escolha do enunciado como unidade mínima de compreensão da verdadeira natureza da linguagem

Vistas a essa importância conferida à interação verbal pelo Círculo, Silva e Almeida (2013), em estudo dessa noção bakhtiniana, em trabalho no qual se debruçam sobre a interação verbal, tomando-a como o objeto dessa teoria, explicam que

Esta dimensão social (da enunciação) está presente em todas as esferas e manifestações da atividade humana em relação ao outro, comportando o uso da língua, na dinâmica da responsividade e das relações dialógicas, que abrangem uma língua concreta, fundamentada na enunciação. (SILVA e ALMEIDA, 2013, p. 119)

O que as autoras sugerem é que a dimensão social, na visão dos estudiosos do Círculo, é algo que está intrinsecamente atrelada a qualquer uso da língua, não se podendo esquecer de que é essa dimensão que permite a dialogização e a

responsividade dos dizeres. Desse modo, segundo as autoras, este foco se justifica na interação verbal.

Ainda segundo as autoras, a enunciação é uma prática social, uma prática de interação social pela linguagem, uma prática de relação entre sujeitos. Isso, nas palavras das autoras, tem implicações importantes para o entendimento da interação pela linguagem, pois, para elas

Por meio dessa relação (enunciação, tomada como relação social), interage-se com o outro, atua-se sobre ele, leva-o a aceitar o dito e a realizar o que se propõe. A partir desse propósito, procura-se, na posição de locutor, seleção de critérios e cuidados com a elaboração do discurso (2013, p. 119).

Com base no supradito pelas autoras, e também apoiados nos pensamentos do Círculo, podemos afirmar que a interação verbal se caracteriza como sendo de natureza essencialmente dialógica. Em uma situação de interação, nossas falas estão sempre povoadas por nossas intenções, orientações discursivas e pelos aspectos que constituem o contexto de produção que compõem nossos enunciados. No entanto, não são apenas esses aspectos que condicionam nossos enunciados. Essas, também, estão sempre dirigidas a um determinado interlocutor, a uma ou mais pessoas. Constantemente levamos em consideração o outro em nossos enunciados, suas reações, expressões, resposta; assim, o *outro*, como defende Volochinov (2013c [1930b]), é parte integrante do enunciado. O movimento contrário, do interlocutor para o locutor, também ocorre, já que no processo de interação o interlocutor nos é responsivo. Isso é o que caracteriza a natureza dialógica da linguagem, ou seja, o outro e os elementos contextuais estão sempre implicados naquilo que se fala e no *como* se fala (a discussão sobre os aspectos dialógicos da estrutura do enunciado será aprofundada na quinta parte do texto).

Esse modo de ver a interação verbal interfere diretamente na constituição dos sujeitos, pois, para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), o sujeito se constitui na linguagem, por meio da interação verbal. Assim, Silva e Almeida (2013, p. 119) declaram que

(...) a interação verbal envolve dois ou mais sujeitos, que interagem por perguntas e respostas, mesmo sem a presença do outro, pois a pergunta ou a resposta podem ser constituídas por um só, ou seja, o diálogo de um sujeito consigo mesmo, já que o eu não existe sem o outro nem o outro sem o eu, tanto que o silêncio também vincula uma enunciação.

Fica claro, dessa forma, que a interação pressupõe sempre uma *atitude responsiva ativa* e se dá na relação constitutiva com o outro, já que o outro sempre está implicado no enunciado de qualquer indivíduo, mesmo que esse outro não seja um indivíduo real (VOLOCHINOV, 2013c [1930b], p. 157). Ou seja, a linguagem constitui-se numa relação eu-outro bem ampla, pois esse outro tanto se refere aos discursos, carregados de valores ideológicos, que constituem os fios dialógicos presentes na linguagem, quanto ao outro interlocutor, ou, no dizer do Volochínov (2013c [1930b], p. 169), ao público.

Bakhtin enfatiza também essa relação, pois, para ele, todos os valores da vida e da cultura estão dispostos em torno destes pontos do mundo real do ato realizado, ou seja, “[t]odos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, o eu-para-o-outro” (2010 [1919/20], p. 115). Assim, todo sujeito se constitui por meio, e na (já que, assim como o enunciado, é único em cada momento enunciativo) interação verbal, por meio desses momentos. De igual modo, os valores que estarão presentes nos enunciados desse sujeito serão fruto dos momentos que os constituem.

Assim sendo, as imagens que se constroem nos enunciados trazem marcas do sujeito que os enunciou e, também, reflexos e refrações do ambiente social no qual ocorre a interação verbal. Por isso, na subseção seguinte, adentramos a discussão de Bakhtin sobre a apropriação do discurso de outrem na constituição dos próprios discursos por sujeitos-enunciadores.

2.4 SOBRE O DISCURSO DE OUTREM NA ENUNCIÇÃO

De posse dos princípios fundamentais e fundantes da perspectiva sociológica (marxista) de estudos da linguagem apontados por Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), trazemos a seguir considerações “nodais” sobre o problema do discurso citado (uma de nossas categorias linguísticas de análise das marcas valorativas do sujeito-enunciador) visto pelo viés sociológico.

É necessário, porém, antes de dar seguimento ao texto, advertir quanto à “transposição” que se fez necessária neste trabalho. Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), na terceira parte de MFL, toma o discurso citado como ponto de partida para uma análise aos moldes sociológicos, ou seja, nessa análise, ele considera além do

material linguístico, as questões sociais e ideológicas que são constituintes da linguagem. Para tanto, embora nas partes precedentes (parte um e dois) de MFL ele discuta linguagem como um todo, o autor toma o romance, gênero da esfera literária, como ponto de partida para suas reflexões, logo, lida com atos estéticos, com acontecimentos estéticos, pois, no romance, “A luta do artista por uma imagem definida da personagem é, em um grau considerável, uma luta dele consigo mesmo” (BAKHTIN, 2011b [1920/30], p. 4-5). Já os eventos discursivos dos quais tratamos, nesta pesquisa, dizem respeito à atividade ética, pois são eventos discursivos de outra esfera, a jornalística.

Fazemos essa ressalva porque, apesar de os acontecimentos não serem dicotômicos, sabemos que há especificidades em cada uma das esferas as quais pertencem o gênero romance e o gênero notícia; que eles têm funções diferentes; que aquelas são definidoras destes; e que, por isso, são eventos discursivos diferentes: o romance, mesmo refletindo e refratando a realidade, é originado da criatividade artística; já a notícia busca descrever a realidade mantendo compromissos éticos diretos com ela.

Assim, mesmo sabendo que Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) refletiu sobre o uso do discurso citado dentro da esfera discursiva literária que tem suas especificidades, nos servimos de sua analítica por acreditar que, nos atos das duas esferas, o sujeito que enuncia, ao se apropriar do discurso de outrem, o faz atribuindo uma valorização sua a esse discurso. Além disso, nos eventos que analisamos, a figura de Eduardo Campos apresentada nos jornais trata-se de refrações de uma parte de sua pessoa e, por isso, deve-se considerar que essa refração se dá a partir na unicidade do lugar que o jornalista ocupa no mundo. É um recorte, como acontece com a composição da personagem do texto literário, mas tem as suas especificidades.

Veja-se como Bakhtin estabelece os limites entre os diferentes tipos de acontecimento

Um acontecimento estético pode-se realizar-se apenas na presença de dois participantes, pressupõe duas consciências que não coincidem. Quando personagem e autor coincidem ou estão lado a lado diante de um valor comum ou frente a frente com o inimigo, termina o acontecimento estético e começa o acontecimento ético que o substitui (o panfleto, o manifesto, o discurso acusatório, o discurso laudatório, o de agradecimento, o insulto, a confissão relatório, etc); quando porém não há nenhuma personagem, nem potencial, temos um acontecimento cognitivo (um tratado, um artigo, uma conferência); onde a outra consciência é uma consciência englobante de

Deus temos um acontecimento religioso (uma oração, um culto um ritual)
([2011b [1920/30], p. 19-20)

Assim, sendo a notícia é um relato de um fato concreto, uma refração da realidade, ela se constitui como um acontecimento ético, uma atividade ética. Por conseguinte, a notícia e o romance são acontecimentos que preservam diferenças entre si, dado que emergem em esferas discursivas diferentes e têm funções sócio-discursivas, também, diferentes, mesmo sendo ambos atos de linguagem que, enquanto tal, são sociais. Todavia, mesmo reconhecendo a diferença entre os dois tipos de acontecimentos, o estético e o ético, acreditamos que as reflexões de Bakhtin/Volochinov sobre o discurso citado no romance servem de ponto de partida para a análise do discurso citado na notícia, pelo fato de ele considerar que o discurso citado não se constitui como *um simples ceder espaço ao outro*, mas, sim, como *um falar junto com o outro*. Dito isso, voltemos à questão do discurso citado.

Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) em seu estudo, antes de proceder à análise do problema do nível linguístico (o discurso citado) pautado em uma perspectiva sociológica, justifica a sua opção por essa abordagem (semelhantemente à defesa da perspectiva marxista da linguagem), dizendo que não há abordagem fecunda de questões sintáticas que se fundamente nos métodos tradicionais da sua época, sobretudo, no *objetivismo abstrato* (corrente linguística filosófica a qual a crítica de Bakhtin/Volochinov é mais assiduamente tecida, como visto em subseção anterior). Isso se dá porque, para ele, dado o seu entendimento da enunciação como unidade por excelência da interação verbal, “Todas as análises sintáticas do discurso constituem análises do corpo vivo da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 142), não podendo se findar na estrutura, no sistema. Por isso, para o autor, um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria da enunciação.

Isso não quer dizer que as questões linguísticas sejam deixadas de lado, pois, para o autor, essa é uma parte que também deve ser considerada, pois elas não podem ser intercambiadas pelas questões ideológicas da linguagem. Nas suas palavras, “Se é verdade, como acreditamos, que as definições linguísticas não podem ser completamente divorciadas das definições ideológicas, também elas não podem ser usadas para substituir uma a outra” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 143). Assim, uma coisa deve ser atrelada a outra e, por isso, ele sugere que apenas

o estudo das formas da comunicação verbal e das formas correspondentes de enunciação completa poderiam lançar luz sobre problemas de ordem linguística.

É pensando assim que o autor, a título de exemplificação de uma análise linguística aos moldes sociológicos, traz a questão do discurso citado, que são, no entender do autor, formas de transmissão do discurso de outrem, integrando-o a um contexto, à discussão. Esse processo vai além da incorporação linguística, tocando em questões que concernem à situação social englobante, ao contexto extraverbal e às próprias intenções e valorações dos sujeitos-enunciadores.

Para o filósofo, o discurso citado “é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 147). Desse modo, esse tipo de discurso acaba se caracterizando como sendo mais que tema de um discurso, ele acaba integrando o próprio conteúdo do discurso do sujeito que se serve dele, pois o discurso de outrem pode entrar no discurso “em pessoa” como unidade integral dessa construção. É por isso que Bakhtin/Volochinov defende que para o entendimento do discurso citado é preciso integrá-lo às tramas de construção dos discursos. Ou seja, sua compreensão deixa de depender direta e exclusivamente do contexto de origem e passa a ser também determinada pelo contexto no qual está sendo usado.

Cabe fazer outra ressalva nesse ponto. Ao referir-se ao contexto no qual o discurso citado é usado, Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) refere-se ao contexto narrativo, já que lida com um gênero da esfera literária, como já pontuado. No nosso caso, devido à “transposição” que fizemos, tomamos o *contexto extraverbal* como sócio-ideologicamente determinante do gênero notícia tal qual o contexto narrativo é sócio-ideologicamente determinante do romance. Retomemos a discussão.

O que Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) defende é que, no processo de apreensão do discurso de outrem, a apreensão se dá ativamente (diríamos dialogicamente) e, nesse processo, só são considerados os discursos socialmente relevantes, ou relevantes aos olhos do sujeito enunciadador. Esse modo de pensar do autor evidencia que as questões valorativas são determinantes das escolhas que se operam na composição enunciativa/discursiva, pois elas são componentes do diálogo que se instaura na enunciação. É por isso que Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) afirma que um estudo frutífero do diálogo, que constitui a natureza própria da linguagem, pressupõe um estudo mais profundo das formas usadas na citação do

discurso (formas de apropriação dos discursos de outrem), da relação eu-outro no nível do discurso, uma vez que refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem que se dá de forma dialógica. Compreender essas formas também é importante, segundo autor, porque elas interferem na estrutura gramatical, interferindo na composição do enunciado e na valoração do sujeito que se mostra por meio dos enunciados.

Além disso, temos que ter em conta, como adverte Bakhtin/Volochinov, que toda transmissão tem um fim específico que, junto com o público a que se destina a enunciação na qual figura o discurso de outrem, determina o modo como essa relação eu-outro (discurso de quem enuncia e discurso de outrem) se dá. É por isso que, como afirma Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), encontramos nas formas de discurso citado um documento que dá indicações sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua. Ou seja,

Toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmica científica, etc. Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929]2006, p. 149)

Isso põe os gêneros, independentemente da esfera da atividade humana, em um mesmo patamar; no entanto, ainda assim, eles conservam diferenças entre si, dado a sua função sócio-discursiva específica. No caso da notícia que busca relatar o que é do interesse do seu público-leitor, esse público vai ser determinante das seleções dos discursos de outrem. Mas, ao mesmo tempo, e talvez de forma mais incisiva, a ideologia editorial¹⁴ do jornal vai ser também determinante dessa seleção, visto que, como afirma Araújo (2008), a notícia é responsável pela formação das opiniões do seu público-alvo e que o jornal busca disseminar determinada ideologia em composição com os interesses de sua clientela. Essa seleção também se comporá com os interesses da clientela do jornal.

¹⁴ Trazemos discussão sobre a ideologia editorial na terceira parte, quando nos detemos nas questões referentes à comunicação social e ao jornalismo, e aprofundamo-la na sexta parte do texto quando falamos do sujeito-jornalista como representante da ideologia editorial da empresa na qual trabalha.

É desse modo que podemos dizer, assim como sugere Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), que o discurso citado e o contexto extraverbal de enunciação unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas, ou seja, de forma dialógica. Por conseguinte, é impossível compreender qualquer forma de discurso citado sem levar essas relações em consideração.

Um outro ponto levantado por Bakhtin/Volochinov e que tem importância primordial para a discussão é o fato de que, segundo o autor,

O objetivo verdadeiro do estudo do discurso citado deve ser a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso transmitido e aquele que serve para transmiti-lo. Na verdade, eles só têm existência real, só se formam e vivem através dessa inter-relação, e não de maneira isolada [...] Essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal (2006 [1929], p.151-152).

No que se refere às diferentes orientações do discurso citado, Bakhtin/Volochinov distingue dois tipos: o *estilo linear* e o *estilo pictórico*. A primeira tem como tendência principal a criação de contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado, correspondendo a uma fraqueza do fator individual-composicional interno, muito embora, esta não se anule (característico do discurso direto e indireto marcado). A partir disso, questionamo-nos até que ponto esses contornos dão conta de delimitar o discurso de outrem, isentando-o das valorações do enunciador do discurso que se serve dele, pois é fato que essa isenção é algo impraticável em se tratando de linguagem, visto que, como coloca o próprio Bakhtin (2010 [1919/20]), um momento emotivo-volitivo é um momento inalienável de todo ato praticado. Na segunda orientação, há a tendência de atenuar os contornos exteriores nítidos das palavras de outrem, permitindo autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem (característico do discurso indireto sem sujeito aparente e do discurso indireto livre).

Dentro dessas duas orientações, Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) apresenta algumas subcategorias de cada um desses estilos do discurso citado. Não trataremos delas neste trabalho por entender que elas dizem respeito a especificidades do romance e de algumas línguas específicas, tais como a língua russa e a língua francesa. Em acréscimo, acreditamos que a discussão apresentada pelo autor até este ponto nos dá os subsídios necessários à análise das formas de apropriação do discurso de outrem na constituição do próprio discurso pelos sujeitos-jornalistas e ao

entendimento de como essa apropriação evidencia a relação entre *fazer* jornalístico e valorações dos sujeitos e ideologias.

Convém, no entanto, fazer mais algumas considerações sobre o discurso citado na visão do Círculo. Na apropriação do discurso de outrem, falando do romance, Bakhtin/Volochinov diz que “(...) cada palavra dessa narrativa *pertence simultaneamente*, do ponto de vista da sua expressividade, da sua tonalidade emocional, do seu relevo na frase, a *dois contextos que se entrecruzam, a dois discursos*” (2006 [1929], p. 173, *grifos do autor*). Assim acreditamos que, na notícia, esse fato se dá de forma semelhante, pois quando se apropria do discurso de outrem, o jornalista atribui a ele um sentido que não se determina por si só, mas, sim, na enunciação como um todo, da qual o discurso citado passou a ser parte integrante.

Por isso, o autor nos adverte que “para entender o discurso citado é preciso o julgamento de valor inerente a toda palavra viva, revelado pela acentuação e pela entoação expressiva da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 196). Além disso, é necessário ter em valia, como sugere Bakhtin/Volochinov, o fato de que, na construção enunciativa, não há um jogo de vozes no qual em determinado momento o enunciador cede espaço a outrem; pelo contrário, ela será caracterizada pelo fato de autor (enunciador) e herói (personagem/outrem) se exprimirem conjuntamente, ouvindo-se ressoar as vozes de ambos numa mesma e única construção enunciativa (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 181).

É por isso que Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) afirma que

(...) jamais perdemos de vista o fato de que as vicissitudes da enunciação e da personalidade do falante na língua refletem as vicissitudes sociais da interação verbal, da comunicação ideológica verbal nas suas tendências principais. A palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala. (p. 199).

Logo, a apropriação do discurso de outrem está submetida a essas mesmas máximas. O que Bakhtin/Volochinov quer dizer é que o discurso de outrem nos vem e nos toca de maneiras diferentes – isso porque também somos diferentes, sujeitos únicos, apesar de socialmente constituídos, que, enquanto tais, nos relacionamos com a realidade à nossa própria maneira. Esses sujeitos são constituídos discursivamente (como veremos mais detalhadamente na sexta parte do texto), e a sua compreensão ativa do mundo se dá a partir desse lugar único que ele ocupa.

Exemplo disso é o trabalho sobre a apropriação do discurso científico por alunos protestantes da Universidade Federal de Feira de Santana, de Sepulveda e El-hani (2006), no qual os autores apontam que o discurso científico é absorvido de diferentes formas a depender da constituição dos sujeitos-alunos, mostrando, inclusive, a dificuldade de assimilação do discurso científico por aqueles que são fortemente constituídos pelos discursos religiosos. Esse estudo é exemplo de que o discurso de outrem é absorvido de acordo com as nossas formações ideológicas; logo, nos nossos enunciados, os discursos de outrem surgirão em conformidade com o ser (ideológico) que somos.

Partimos desse entendimento para lançarmos olhos aos eventos discursivos de nosso *corpus*, que é marcado pela forte presença do discurso citado. Tomamos esse ponto de partida também por acreditarmos que, no caso do jornalismo, se dê processo semelhante ao discutido acima. Nos jornais, o sujeito-jornalista, que se constitui ideologicamente e é também constituído pela ideologia editorial do jornal no qual trabalha, seleciona os discursos para serem citados nas notícias conforme determinada ideologia, transmitindo, assim, não o acontecimento em si, mas uma versão dele, construída a partir de recortes discursivos do acontecimento passado.

É tomando essa questão que acreditamos ser possível abordar a questão da subjetividade no *fazer* jornalístico e, mais especificamente, a questão da constituição jornalística do político Eduardo Campos em três períodos distintos, por duas diferentes empresas jornalísticas. Precisamos lembrar, no entanto, que Bakhtin se debruça sobre fenômenos de linguagem em geral, independentemente da esfera, por isso, na seção seguinte, para aprofundar a discussão desta pesquisa, levando em consideração a cooperação entre áreas diferentes (*cf.* BAKHTIN, 2011e [1970/71]), acreditamos que se faça necessário pontuar questões de ordem teórica da comunicação social e do jornalismo que também nos subsidiaram na análise proposta nesta pesquisa.

Assim, trazemos a seguir discussão sobre a relação entre subjetividade e *fazer* jornalístico, tomando discussões recentes como ponto de partida. Isso nos permitirá ver de forma mais clara, como já adverte os estudos do Círculo, que a subjetividade é algo inerente a toda prática de linguagem. Passemos, assim, à discussão sobre a esfera jornalística, apoiados na concepção de esfera discursiva do Círculo de Bakhtin.

3 SOBRE IDEOLOGIA NA INTERAÇÃO VERBAL: A ESFERA DISCURSIVA JORNALÍSTICA E A DETERMINAÇÃO LINGUÍSTICO-IDEOLÓGICA

A notícia é o que os jornalistas acham que interessa aos leitores, portanto, a notícia é o que interessa ao jornalista.

(Herraiz)

Dada a caracterização da concepção de linguagem assumida nesta pesquisa, convém lançar olhares sobre a esfera jornalística da comunicação humana, partindo da noção de esfera discursiva do Círculo de Bakhtin, que fora apresentada nos escritos de seus membros. Essa discussão se faz necessária para a compreensão do fenômeno sócio-discursivo que nos propomos a analisar, pois ela nos dará posse de questões elementares da teoria do jornalismo e da comunicação social que se farão necessárias ao nosso empreendimento analítico de cunho enunciativo-discursivo. Desse modo, avançaremos com vistas à compreensão do nosso fenômeno de linguagem, trazendo, agora, considerações sobre o conceito de esfera discursiva, discutindo, também, as implicações ideológicas que cada esfera impõe aos diferentes tipos de enunciados da comunicação humana. Em seguida, direcionaremos o nosso olhar analítico ao nosso *corpus* para discutir questões referentes à esfera discursiva jornalística.

3.1 A NOÇÃO BAKHTINIANA DE ESFERA DISCURSIVA

Para Bakhtin (2011c [1952/53], p. 261-306), as esferas discursivas são constituídas por determinados grupos de pessoas que compartilham entre si práticas sociais/discursivas e um dado ambiente social. Além disso, cada uma dessas esferas da comunicação humana é constituída de valores ideológicos que, por conseguinte, são constituintes dos seus membros, sujeitos, que, no uso da linguagem, refletem e refratam esses valores ideológicos.

É importante frisar que, sendo o ser humano um ser de linguagem, e sendo as relações sociais possíveis graças, também, à linguagem, essas esferas têm, na linguagem, um grande expoente de sua caracterização, pois suas práticas sociais se dão a partir de práticas discursivas (de linguagem). É nesse sentido que Bakhtin (2011c [1952/53], p. 262) diz que “Todos os diversos campos da atividade humana, (por mais variados que sejam) estão (sempre) ligados ao uso da língua”.

É dessa forma que o enunciado se mostra como unidade relevante à compreensão de outros conceitos da linguagem, pois ainda segundo o filósofo (2011c [1952/53], p. 262), os enunciados

(...) refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo (esferas) não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Entendendo o enunciado como sendo de natureza social, as questões ideológicas que compõem a esfera discursiva são agregadas a ele por meio do ato de linguagem do falante numa dada situação social, a fim de cumprir uma função comunicativa. Desse modo, o enunciado, como um todo, será reflexo, mas também refração, da esfera discursiva, com seus valores ideológicos, que o originaram.

É o que se percebe, por exemplo, no trecho a seguir, no qual se reflete (e também se refrata, por meio do sujeito-editorial¹⁵ que enuncia) o posicionamento político-ideológico do JC. Veja-se:

(...) Marina disse a Eduardo que está disposta a relevar as diferenças regionais para poderem começar a campanha nacional em sintonia. Em nota divulgada esta quinta-feira (26), a Rede negou “dificuldades no relacionamento” com o PSB. O grupo reafirmou que não vai fazer campanha para aliados do PSB dos quais discorde, como vinha sendo dito por seus integrantes. (...)

(JC-1)

Percebemos que, nesse excerto, o JC apresenta uma contradição na fala de Marina Silva, representante do grupo Rede Sustentabilidade. O jornal aponta que Marina Silva falou que “está disposta a relevar as diferenças regionais para poderem

¹⁵ Sujeito que representa a ideologia editorial do jornal. Essa discussão será aprofundada na sexta parte desse texto.

começar a campanha nacional em sintonia”, no entanto, “o grupo (representado por ela) reafirmou que não vai fazer campanha para aliados do PSB dos quais discorda, como vinha sendo dito por seus integrantes”, o que caracterizaria um discurso contraditório, inconsistente. Ao focar o discurso contraditório da vice-candidata, percebemos indícios do posicionamento político-ideológico do JC.

Posto isto, é mister trazer à discussão a esfera jornalística, visando, sobretudo, caracterizá-la para, a partir de então, ter conhecimento das práticas discursivas e questões sócio-ideológicas, bem como das questões organizacionais e funcionais desse domínio da atividade humana que se organiza em linguagem. Vejamos essa caracterização, ainda que de forma sumária.

3.2 PARA SITUAR O DIÁLOGO: A ESFERA JORNALÍSTICA

Bakhtin/Volochinov, ao se referir ao caráter ideológico da linguagem, diz que este é constituído de acordo com os diferentes domínios discursivos, ou esferas discursivas, ou seja, o valor ideológico que a palavra carrega é determinado pelas ideologias das diferentes esferas discursivas. Nas palavras do próprio autor (2006 [1929], p. 40), “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Sendo assim, os valores ideológicos de uma esfera discursiva que produz determinado gênero do discurso serão, de maneira dialógica, refletidos e refratados nos seus usos de linguagem, ainda que de forma velada. A fim de analisarmos isso na esfera jornalística, trouxemos à discussão o papel do jornalismo na sociedade atual para, em seguida, caracterizar essa esfera, apoiados, também, numa discussão mais ampla sobre mídias. Passemos à discussão anunciada.

3.2.1 Esfera jornalística e acesso a informações

Na sociedade atual, em face à globalização, o acesso a informações é uma necessidade cada vez maior dos cidadãos, e é sobre essa questão que nos deteremos

agora: a importância do jornalismo no provimento de informações para a sociedade contemporânea.

Em decorrência dessa demanda por informações da sociedade, os meios de transmissão de informação, as mídias, assumem papel importante nesse processo de facilitação do acesso do cidadão às notícias. Assim, as mídias, e mais especificamente o jornalismo, são responsáveis pela transmissão, em massa, de notícias para o público em geral e, desse modo, acabam por assumir o papel de quarto poder, pois, segundo Coutinho (2013, p. 13), “A mídia é um campo privilegiado de produção e disseminação do conhecimento, bem como de representação e construção do real”, por isso, cabe a ela, na condição de quarto poder, o poder “fiscalizador”, “legitimador” e até “controlador”.

Esse *status* de quarto poder das mídias se propala apoiado na suposta afirmação de que o discurso midiático seria um discurso alheio às valorações individuais de sujeitos ou instituições, ou seja, um discurso isento. E essa afirmação, segundo Coutinho (2013, p. 13),

(...) é continuamente reforçada pelos princípios que regem a atividade jornalística, como neutralidade, imparcialidade, objetividade, veracidade e independência, que legitimam para a opinião pública a atuação desse agente social e o lugar de fala por ele instituído.

No entanto, longe de ser uma esfera discursiva isenta de valorações e que lida diretamente com a realidade, a esfera jornalística é responsável pela transmissão de informações que estão expostas a uma série de fatores (como veremos mais à frente a partir de Sousa (2002)).

Acreditamos que aqui, para aprofundar mais a discussão, cabe uma definição (ainda que provisória) de jornalismo. Segundo Rabaça e Barbosa (1998, p. 346, *apud* RODRIGUES, 2001, p. 76), o jornalismo é uma

Atividade profissional que tem por objetivo a apuração, o processamento e a transmissão periódica de **informações** da atualidade, para o grande público ou para determinados segmentos desse público, através de **veículos** de difusão coletiva (jornal, revista, rádio, televisão, cinema, etc.). Imprensa periódica. A informação jornalística difere da informação publicitária e de relações públicas, por seu conteúdo, pela finalidade de sua **transmissão** e pela exigência de **periodicidade**. Conforme o veículo utilizado na difusão de notícias, o jornalismo manifesta-se de diferentes formas. Mas todas essas formas (jornalismo impresso, telejornalismo, rádiojornalismo, cinejornalismo) possuem características semelhantes de tratamento da informação (*grifos nossos*).

Como podemos ver a partir do trecho supracitado, o jornalismo constitui-se como uma esfera discursiva que tem por finalidade a apuração, o processamento e a transmissão de informações da atualidade, por meio de um meio de difusão, tendo o grande público como alvo. Percebemos, na citação acima, também que, dado o meio de difusão, o jornalismo pode adquirir formas diferentes. No entanto, dentro dessa diferença, essas diversas formas possuirão características semelhantes, como, por exemplo, a função de informar.

Desse modo, sendo o jornalismo um dos principais expoentes da mídia, ele, pelo fato de transmitir informações, tem grande importância social, pois o acesso a informações é fundamental às pessoas que estabelecem os mais diferentes tipos de relações interpessoais em diferentes esferas da comunicação humana. Sendo assim, a mídia e, mais especificamente, o jornalismo têm papel fundamental nesse processo de facilitação do acesso dos cidadãos à informação (MARQUES, 2008) e, mais que isso, tem papel determinante nas práticas de outras esferas, por ser “fornecedora” de informações a elas.

Não obstante, cabe lembrar que, sendo a prática jornalística também uma prática de linguagem, esse *fazer* jornalístico, fonte de informações, se mostra como uma forma de representação de atos. E, dada a natureza de todo ato realizado (*cf.* BAKHTIN, 2010 [1919/20]), único e impossível de ser representado em toda a sua dimensão, por conseguinte, a prática jornalística, longe de ser reflexo da realidade tal e qual ela é, caracteriza-se como refrações dessa realidade, como veremos a seguir.

3.2.2 Jornalismo e construção social da realidade

Apesar do reconhecimento de que o jornalismo tem papel importante na facilitação do acesso à informação, convém ressaltar, como adverte Alsina (2009), que a mídia, no processo de transmissão de informações, não transmite a realidade em si, mas, sim, uma construção social dessa realidade sobre o crivo de um sujeito (ainda que esse sujeito seja coletivo e represente o posicionamento ideológico da empresa¹⁶). Essa é a questão que discutiremos nesta seção. Esse modo de Alsina

¹⁶ Esta questão será aprofundada na sexta parte deste texto, quanto tocarmos na questão do sujeito jornalista como uma personalidade editorial coletiva que representa a ideologia da instituição.

pensar as informações difundidas pela mídia vai na mesma linha de Bakhtin (2010 [1919/20]), para quem todo ato realizado é um evento único e, enquanto tal, não pode ser representado conservando todos os seus elementos “originais”, nem se eximir de um momento emotivo-volitivo do sujeito enunciador; portanto, um enunciado sobre um evento caracteriza apenas uma versão dele, sob a valoração de um sujeito, uma construção social da realidade.

Indo na mesma linha de Alsina (2009), Marques (2008, p. 02) afirma que o discurso jornalístico se configura como o “(...) resultado de um processo de construção social da realidade, definido por certas condições factuais, regras, e convenções narrativas que vão das sintáticas e semânticas até as normas ético-pragmáticas.”

Esse processo, apontado por Marques, mostra que, apesar de obedecer a certas “condições factuais”, o discurso jornalístico se mostra como uma versão da realidade e aponta a impossibilidade de um discurso jornalístico neutro e isento. No entanto, a esfera jornalística utiliza certos mecanismos que buscam trazer uma suposta neutralidade para suas notícias, tais como o uso de citações diretas e de terceira pessoa (MARQUES, 2008, p. 10).

Esse tipo de artifício, no caso, o uso das aspas, vistas à objetividade e isenção, pode ser visto nos seguintes excertos de notícias do nosso *corpus*. Na notícia do DP, podemos ver esse artifício no trecho seguinte:

(...) "Todos vão pensando numa campanha colada. Quando chegar em setembro é do mesmo jeito que eu vi os vereadores na eleição de Geraldo (Julio, prefeito do Recife). Até setembro era de um jeito. Em setembro, quando Geraldo disparou, a fila chegou na porta. Aí você sabe que a fila se organiza pelo mérito. É meritocracia!", disse.

(DP-1)

Vemos que, para a redação da notícia, visando à isenção, já que trata de uma questão polêmica na qual há acusações à conduta de Eduardo Campos, usou-se a citação direta como meio de isenção do jornalista (no caso, de um jornalista que representa a ideologia editorial do jornal, pois a notícia é assinada pelo próprio jornal). O DP reproduz a fala de Campos a fim de comprovar as “declarações ácidas do candidato”.

O mesmo artifício também é usado no trecho seguinte de uma notícia do JC.

Veja:

(...) Marina disse a Eduardo que está disposta a relevar as diferenças regionais para poderem começar a campanha nacional em sintonia. Em nota divulgada esta quinta-feira (26), a Rede negou “dificuldades no relacionamento” com o PSB. O grupo reafirmou que não vai fazer campanha para aliados do PSB dos quais discorde, como vinha sendo dito por seus integrantes (...).

(JC-1)

Como também se trata de uma questão polêmica, a aliança entre o PSB (Partido Socialista Brasileiro) e a Rede Sustentabilidade¹⁷ que tinham pontos divergentes nas bases de suas propostas de governo¹⁸, o sujeito que fala (sujeito-editorial) também busca se eximir de qualquer posicionamento axiológico por meio das aspas. Artifício que é usado até no próprio título da notícia: *Eduardo Campos e Marina se reúnem para 'superar diferenças'*.

No entanto, como bem lembra Bakhtin/Volochinov ([1929/30] 2006, p. 182-183), quando do uso da citação direta, o autor não cede espaço ao “herói”, mas, sim, fala conjuntamente com este, pois, nas palavras do filósofo, o que caracteriza a citação direta “(...) é o fato de o herói¹⁹ e o autor exprimirem-se conjuntamente, de, nos limites de uma mesma e única construção, ouvirem-se ressoar as entoações de duas vozes diferentes” (p. 182-183).

Desse modo, reconhecendo que na citação direta duas vozes falam ao mesmo tempo, como pontua Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), ao citar o Deputado Sílvio Costa em relação às declarações de Eduardo Campos ou à Rede, ou ainda quando do uso das aspas para delimitar o discurso de outrem sem especificá-lo, como no caso do título da notícia do JC, o sujeito-editorial está também revelando seu posicionamento, em certa medida, em relação ao assunto em questão, já que autor e herói “falam” conjuntamente por meio da citação direta. Apesar disso, no entanto, o

¹⁷ Partido da candidata Marina Silva que, na época, buscava conseguir registro junto ao Superior Tribunal Eleitoral (STE) e tornou-se partido em vinte e dois de setembro de 2015.

¹⁸ Essa é uma questão que o própria Rede Sustentabilidade admite, pois em seu [site \(http://redesustentabilidade.org.br/alianca-psb-rede-pps-ppl-realiza-encontro-regional-programatico-em-manau/\)](http://redesustentabilidade.org.br/alianca-psb-rede-pps-ppl-realiza-encontro-regional-programatico-em-manau/) - Acesso: 22 de abr de 2015), a rede divulgou o encontro que se realizou para tentar superar as divergências.

¹⁹ O herói, aqui, é visto como a personagem, o ser sobre o qual se fala.

uso da citação direta ainda é um artifício amplamente aceito como critério à conferência da imparcialidade à notícia.

Além desses artifícios, há outros fatores que legitimam o *dizer* jornalístico. Segundo Coutinho (2013), o jornalismo, ocupando seu lugar distinto de disseminação de informações, acaba por produzir um fazer que é legitimado, pois a mídia ocupa um lugar privilegiado para construção da realidade. Nas palavras da autora

A participação cada vez mais efetiva da mídia no mundo social contemporâneo permite ao campo jornalístico constituir-se como um espaço privilegiado de visibilidade daquilo que os indivíduos entendem como realidade, um lugar central onde fatos e informações são disponibilizados e ganham o caráter de verdadeiro. Essa centralidade da mídia, e especificamente do jornalismo, é um ponto consensual nos estudos sobre o papel desse campo na sociedade (p. 33).

Apesar do consenso quanto ao *dizer* (ou *fazer*) jornalístico, colocando-o como algo legítimo, reflexões sobre esse *dizer* ainda tomam grandes proporções atualmente, nas primeiras décadas do século XXI, no que se refere à busca pela consolidação da (ou de uma) teoria do jornalismo. Há diversas perspectivas que se propõem a ser a teoria do jornalismo; no entanto, não há um consenso. E, nesse ínterim, surge uma proposta “unionista” de Sousa (2002) que, como o nome sugere, visa propor uma teoria que congregue todas as outras. Vejamos a seguir essa teoria.

3.2.3 Em busca de uma teoria “unionista” do jornalismo

Nesta seção apresentamos a teoria unionista do jornalismo de Sousa (2002). No entanto, precisamos antes situar a discussão em torno da tentativa de instituição de uma teoria do jornalismo e apresentar as diferentes teorias que existem candidatas a essa teoria do jornalismo.

O ponto de partida dos estudiosos da área, visando instituir uma teoria satisfatória e amplamente aceita do jornalismo, tem sido as práticas sócio-linguístico-discursivas do domínio em questão: o jornalístico. A busca por essa consolidação de uma teoria científica do Jornalismo é algo almejado desde muito tempo por especialistas da área. Apesar disso, segundo Rublescki (2010, p. 2), foi só a partir de meados da década de 1950 que houve o fortalecimento de um debate sobre o campo do jornalismo visando à consolidação dessa teoria.

Diferentemente do que se poderia pensar, esse fortalecimento do debate, ao invés de consolidar uma teoria única, fez surgir diferentes correntes, em alguns casos antagônicas, que buscaram respostas para as seguintes perguntas: “Porque as notícias são como são?” e “Como circulam, são recepcionadas e quais efeitos geram as notícias?” (RUBLESCKI, 2010, p. 2).

A partir dessas perguntas, apontadas pela autora, que guiaram (e ainda guiam) o debate por uma teoria do jornalismo, percebemos que a notícia (o *dizer* jornalístico) tem lugar central na construção de uma teoria do jornalismo. O que a autora diz, também, corrobora a ideia de Sousa (2002, p. 2), estudioso da área do jornalismo e que busca a consolidação de uma teoria do jornalismo, que defende que

Uma teoria científica tem de delimitar conceptualmente os fenómenos que explica ou prevê. A teoria do jornalismo deve ser vista essencialmente como uma teoria da notícia, já que a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico de produção de informação. Dito por outras palavras, a notícia é o fenómeno que deve ser explicado e previsto pela teoria do jornalismo e, portanto, qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia.

A partir desse excerto, mais uma vez, vemos que a notícia é ponto de partida para a discussão e consolidação da teoria do jornalismo. E com o objetivo de formular uma proposição-síntese, visando a uma única teoria do jornalismo, esse é o ponto de partida de Sousa (2002): a notícia.

É importante, todavia, ressaltar que o conceito de notícia no excerto acima está posto numa acepção ampla, enquanto *dizer* jornalístico, pois, para o autor, a notícia pode ser entendida em duas dimensões: em uma dimensão “tática” e em uma dimensão “estratégica”. Nas palavras do autor

A dimensão tática esgota-se na teoria dos géneros jornalísticos. Nessa dimensão, distingue-se notícia de outros géneros, como a entrevista ou a reportagem. Todavia, a dimensão estratégica encara a notícia como todo o enunciado jornalístico (2002, p. 2-3).

Na visão do autor, o que importa à teoria do jornalismo é a notícia na acepção “estratégica” e, por isso, ela servirá de base para as reflexões dele apresentadas agora (a notícia na dimensão “tática” será abordada mais a frente, após a discussão sobre gêneros do discurso.).

Para Sousa (2002), as questões norteadoras para a construção da teoria do jornalismo (similares às apresentadas por Rublescki, 2010) se concentram em dois

eixos: um diz respeito à produção das notícias; outro, à circulação e ao consumo das notícias, aos efeitos causados por elas. Pensando assim, o autor diz que “uma teoria científica do jornalismo deve procurar integrar diversos fenômenos do campo jornalístico, enfatizando o resultado do processo de produção do jornalismo, a notícia” (SOUSA, 2002, p. 2). Pois, para ele

(...) uma notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (SOUSA, 2002, p. 03).

Esse modo de pensar a notícia faz com que a natureza dialógica da linguagem defendida por Bakhtin se evidencie, pois Sousa vê a notícia, que é enunciado e linguagem, como um constructo no qual diferentes fatores são levados em consideração em sua construção.

A partir disso, para firmar as bases de sua proposta de unificação da teoria do jornalismo, o autor (SOUSA, p.4-6) apresenta as diversas perspectivas da teoria do jornalismo, apresentadas por nós de forma sintetizada abaixo. Segundo o autor, tomando a notícia (na dimensão “estratégica”) como ponto de partida, existem as seguintes teorias com suas “diversas” concepções de notícia:

- **Teorias do espelho** – nesta teoria, as notícias são vistas como espelho da realidade;
- **Teoria da acção pessoal** – Nesta *démarche*, as notícias são vistas como resultado da seleção dos acontecimentos pautadas nas opções particulares do jornalista;
- **Teoria organizacional** – Nesta perspectiva, as “notícias são o resultado das condicionantes organizacionais em que são fabricadas, como as hierarquias, as formas de socialização e aculturação dos jornalistas, etc (p. 04)”;
- **Teoria da acção política** – Esta teoria prega que as notícias são fruto da distorção da realidade devido à sujeição do jornalista a determinados controles ideológico;

- **Teoria estruturalista** – As notícias são vistas como “(...) um produto socialmente construído que reproduz a ideologia dominante e legitima o *statu quo* (p. 05)”;
- **Teoria construcionista** – Entende que as notícias são vistas como:

(...) histórias que resultam de um processo de construção, linguística, organizacional, social, cultural, pelo que não podem ser vistas como o espelho da realidade, antes são artefactos discursivos não ficcionais – indiciáticos– que fazem parte da realidade e ajudam-na a construir e reconstruir (p. 5);
- **Teoria interaccionista** – Nessa perspectiva:

As notícias resultam de um processo de percepção, selecção e transformação de acontecimentos em notícias, sob a pressão do tempo, por um corpo de profissionais relativamente autónomo e autorizado, que partilha de uma cultura comum (p. 5).

A respeito dessas teorias, Sousa (2002, p. 6) diz que é possível perceber que essas diferentes perspectivas possuem “(...) pontes, pontos de contato e explicações comuns”, o que justifica, segundo o autor, sua proposta “unionista”.

Além disso, o autor apoia-se, em face também da justificação de sua proposta, no que ele apontou como segundo eixo norteador para a construção da teoria do jornalismo: *a circulação e consumo das notícias, aos efeitos causados por elas*. Para o autor (SOUSA, 2002, p.7-9), as notícias podem produzir, no seu público, três tipos de efeitos: cognitivos, afetivos e comportamentais. Os efeitos cognitivos referem-se à capacidade de moldar a percepção dos sujeitos receptores da realidade. Os efeitos “afectivos” dizem respeito à capacidade de provocar emoções e sentimentos mesmo quando são dirigidas à razão. Os efeitos comportamentais competem a capacidade de poder atuar no comportamento da pessoa, ativando ou não comportamentos.

Expostas as bases norteadoras dos dois eixos à construção da teoria da notícia, ou do jornalismo, o autor lança sua proposta unionista. Para Sousa (2002, p. 9-10),

A notícia é o resultado da interacção simultaneamente histórica e presente de forças de matriz pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica, cultural, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos, tendo efeitos cognitivos, afetivos e comportamentais sobre as pessoas, o que por sua vez produz efeitos de mudança ou permanência e de formação de referências sobre as sociedades, as culturas e as civilizações.

Como o autor toma a notícia numa acepção ampla, essa definição se aplica ao jornalismo que se mostra como um campo do conhecimento humano no qual diferentes fatores de ordens diversas interagem na construção de uma prática sócio-discursiva de grande importância na sociedade atual, ou seja, é um campo do conhecimento humano de natureza dialógica.

Em uma representação matemática de sua proposta unionista, Sousa a apresenta da seguinte forma:

$$N = f (Fp.Fso.Fseo.Fi.Fc.Fh.Fmf.Fdt)$$

Figura 7: Esquema matemático da proposta unionista da teoria do jornalismo de Sousa (2002, p. 10)

Nesse esquema, a notícia (N), na acepção estratégica, é fruto do “diálogo” de diversas forças (f), tais como: força pessoal (Fp), força social organizacional (Fso), força social extra-organizacional (Fseo), força ideológica (Fi), força cultural (Fc), força histórica (Fh), força do meio físico (Fmf) e força dos dispositivos tecnológicos (Fdt). Dessa forma, é um produto originado da interação de diferentes forças: um produto dialógico.

No entanto, essa proposta de Sousa (2002), assim como o reconhecimento da relação da subjetividade e do jornalismo, não é amplamente aceita e há, mesmo dentre os profissionais da área, um movimento de resistência a esse novo modo de ver o fazer jornalístico, como veremos a seguir.

3.2.4 Resistência à concepção de jornalismo como construção social da realidade

Vista ao discutido até aqui, observamos que o posicionamento político-ideológico de uma empresa jornalística, além de diversas outras forças, como supradito a partir de Sousa (2002), pode interferir diretamente na redação de suas notícias. No entanto, convém ressaltar que essa perspectiva não é amplamente aceita, pois, atualmente, ainda há a ideia, no senso comum e mesmo entre os

profissionais da área jornalística, de que é na imparcialidade que o jornalismo encontra seu critério mais importante de aceitabilidade. É nesse sentido que Rossi e Ramires (2013, p. 78) afirmam que “A condição de isento, de imparcial, garante ao jornalista e ao seu trabalho uma espécie de selo de garantia do produto notícia”.

Prova disso, segundo os autores acima, é a publicação de um documento recentemente, publicado em 2011, pelas Organizações Globo, intitulado *Princípios Editoriais das Organizações Globo* (doravante PEOG), no qual “o indicador máximo de qualidade é a isenção” (PEOG, p. 78).

O que os autores dizem a respeito do documento comprova-se logo a partir da definição de jornalismo posta por ele. Segundo os PEOG (2011)

(...) jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. [...] é aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade (*grifos nossos*) (p. 3).

Percebemos que a *fidedignidade ao fato* é um dos pontos fortes da definição supracitada e, no que se refere aos fatores que interferem na constituição das notícias (tomadas aqui no sentido estratégico de Sousa (2002)), o documento só fala de regras e princípios que são seguidos na produção desse “primeiro conhecimento”. O que se vê, no entanto, na sequência da leitura do texto, é que esses princípios e regras têm seu principal expoente na isenção, imparcialidade.

Segundo o mesmo documento “O trabalho jornalístico tem de ser feito buscando-se isenção, correção e agilidade. Porque só tem valor a informação jornalística que seja isenta, correta e prestada com rapidez, os seus três atributos de qualidade” (p. 5). Desse modo, vemos que a pretensa isenção do jornalismo ainda é algo supostamente buscado e almejado atualmente por empresas jornalísticas, tendo na isenção um dos grandes pilares dessa prática, sendo essa isenção o que confere o selo de qualidade à empresa, contrariando as teorias modernas do jornalismo, que derrubam essa possibilidade, como a proposta de Souza (2002), que mostra que no fazer jornalístico diversos fatores são considerados e determinantes da notícia.

No entanto, cada vez mais se evidencia a relação entre as questões sócio-políticas e o *fazer* jornalístico. Acreditando na importância de se discutir essa questão, adentramos nessa relação no tópico seguinte.

3.2.5 Discurso jornalístico e política

Apesar da resistência demonstrada pelos PEOG (no tópico anterior) à concepção de jornalismo como atividade constituída a partir de valores sócio-ideológicos, é notório, segundo alguns autores (trazidos à discussão mais adiante), que o jornalismo comporta, em si, marcas ideológicas que refletem e refratam as condições sócio-políticas de uma época. Essa é uma questão amplamente defendida por autores como Barreto (2006), Serrano (2006), Lage (2013) e outros. Por isso, agora, deter-nos-emos à relação entre jornalismo e política ou, mais especificamente, à relação entre discurso jornalístico e o discurso político.

Um primeiro ponto para se atentar é o fato de que, segundo Barreto (2006, p. 12), o desenvolvimento dos meios de transmissão de informação fez com que a necessidade dos cidadãos de testemunhar os acontecimentos políticos da rua fosse suprida ou minimizada. Isso se deu porque “(...) o jornalismo passou a compensar essa ausência mediante o relato do fato, ocupando, assim, papel de relevo na política, chegando conjunturalmente a integrá-la, numa convergência de processos” (BARRETO, 2006, p.12.). Esse papel de relevo assumido pelo jornalismo faz com que a prática jornalística seja de suma importância para a política e, por isso, essa prática discursiva pode ser caracterizada como um veículo de difusão de uma ideologia partidária ou anti-partidária, já que, como vimos anteriormente, fatores de ordens diversas podem interferir na composição da notícia.

Esse processo de difusão de uma ideologia partidária (ou anti-partidária) pode ser percebido no seguinte excerto da notícia do DP, que traz em si marcas de um posicionamento político-ideológico.

Os aliados do candidato ao governo Armando Monteiro (PTB) estão gostando das declarações ácidas proferidas pelo ex-governador e candidato à Presidência Eduardo Campos (PSB) (...)

(DP-1)

Na reportagem do fato, a *fala* de Eduardo Campos é caracterizada como “declarações ácidas” sem qualquer artifício que supostamente transferiria a responsabilidade a outrem. Ao tratar o fato dessa forma, o DP acaba por dar indícios de seu posicionamento sócio-político-ideológico em relação à candidatura e partido

de Eduardo Campos: o jornal “demonstra” uma postura anti-partidária em relação ao PSB e, conseqüentemente, a Campos, pois classifica o ato enunciativo de Eduardo Campos numa acepção negativa, como “declarações ácidas”.

No JC, também, é possível perceber indícios do seu posicionamento sócio-político-ideológico. Veja-se o seguinte trecho

O pré-candidato do PSB à Presidência, Eduardo Campos, e sua vice Marina Silva, tiveram um encontro na quarta-feira (25), em Brasília, para tentar encerrar a crise causada pelas divergências entre os dois grupos na formação de palanques estaduais.

(JC-1)

Neste excerto, o JC se referiu a um encontro que se realizara na tentativa de dissolver a “crise causada por divergências entre os dois grupos na formação de palanques estaduais”, ou seja, entre PSB (partido de Eduardo Campos) e a Rede (Coligação de Marina Silva). Ao utilizar a palavra “crise”, o jornal dá indicações de que a discordância entre o então pré-candidato e sua vice (Eduardo Campos e Marina Silva, respectivamente) é sinal de que há incongruências partidárias, reforçando a ideia, bastante difundida na época²⁰, de que a aliança dos candidatos se caracterizava controversa. Sendo assim, reforçando essa ideia de crise, o JC acaba por dar indícios de uma posição, também, anti-partidária em relação ao partido pelo qual Campos e Marina Silva eram candidatos.

Isto posto, percebemos que não há como discutir jornalismo sem atentar para sua relação com a política, já que ele é uma importante fonte de informação à população. Pensando assim, Rubim e Colling (2004), fazendo um paralelo entre o discurso midiático/jornalístico e o discurso político no período pós-ditatorial, dizem que a mídia, sob influência da disseminação das tecnologias de transmissão de informações, passou a ter grande importância na construção do debate político em nossa época. Desse modo, os meios jornalísticos passaram a ser “(...) um espaço

²⁰ Como podemos ver, por exemplo, nessa notícia (no sentido estratégico de Sousa [2002]) intitulada: *Discursos controversos prejudicam imagem de Campos e Marina em SP*. Disponível em: <http://www.blogdacomunicacao.com.br/discursos-controversos-prejudicam-imagem-de-campos-e-marina-em-sp/>. Acesso: 30 de abr de 2015.

social (ainda que eletrônico) de produção de fatos políticos-eleitorais essenciais para a campanha e autonomização frente aos acontecimentos da rua” (p. 172).

Esse processo apontado pelos autores fez com que as mídias passassem a ser uma fonte de informação elementar para a população que busca não apenas estar informada, mas, também, estar ciente das propostas políticas dos candidatos para, assim, fazer uma escolha “consciente”. Pensando mais especificamente no papel que o jornalismo tem no processo de escolha dos candidatos pelos eleitores, Miguel (2004), seguindo uma linha semelhante a de Rubim e Colling (2004), diz que

De forma um tanto esquemática, é possível dizer que, para que o eleitor seja capaz de fazer uma opção consciente, ele precisa estar provido de informações adequadas sobre: (a) quem são os candidatos, quem os apóia, quais são as suas trajetórias e as suas propostas; e (b) o mundo social, isto é, quais são os desafios a serem enfrentados, as alternativas possíveis e suas conseqüências (p. 93)

Por conseguinte, surge a necessidade de sistemas específicos que sejam responsáveis pelo provimento dessas informações para os eleitores na sociedade moderna (MIGUEL, 2004, p. 93). Devido ao desenvolvimento das mídias, há o surgimento de um conjunto de diversas formas de transmissão dessas informações. O conjunto desses sistemas seria o que constitui o jornalismo, mais especificamente, o jornalismo político.

É interessante lembrar que essa necessidade de sistemas específicos que facilitassem o acesso a informações, por parte do eleitor, fez com que surgisse, também, uma necessidade por parte dos candidatos políticos: a necessidade de ser notícia, de ter suas propostas e feitos divulgados. Segundo Serrano (2006, p. 67-68), isso se dá porque o desenvolvimento dos grandes *media*²¹, e conseqüentemente do jornalismo, fez com que houvesse uma crescente dependência dos políticos e dos eleitores frente às mensagens que eles fornecem. Os políticos procuram fazer algo que chame a atenção dos jornalistas para, assim, tornarem-se notícia e ganharem eleitores. Já os eleitores buscam informações para estarem conscientes das propostas dos candidatos.

Para a autora, esse quadro de dependência mútua, tanto por parte do eleitor, quanto do candidato, gera algumas conseqüências e acaba por conceder e legitimar

²¹ Termo usado pela autora para se referir aos grupos (conglomerados) empresariais da comunicação.

o poder dos grandes conglomerados da comunicação de massa. Segundo Serrano (2006), as consequências são as seguintes

em primeiro lugar, os *media* passaram a deter posições-chave no campo político – especialmente a televisão e os jornais – cujas políticas editoriais não se pautam, necessariamente, pelo interesse público (Patterson, 1993); em segundo lugar, essa situação obriga os políticos – que, naturalmente, desejam atrair a atenção e o apoio dos eleitores – a fazer tudo para interessar os jornalistas, que, por sua vez, não estão necessariamente vocacionados para a política; em terceiro lugar, as estratégias políticas conduzem à profissionalização da produção e disseminação das mensagens, dando origem a uma complexa rede de relações entre, de um lado, políticos e conselheiros de comunicação e, de outro, os jornalistas (p. 68).

Frente ao fato de as empresas jornalísticas se mostrarem como um lugar privilegiado de visibilidade política, é comum que se busque manter e até estreitar as relações entre políticos e jornalistas. Essas relações podem se dar de diferentes formas, mas ela acontece, principalmente, por meio de financiamento ou de relações de prestação de serviço, pois os jornais, enquanto empresas, precisam de clientela e os políticos podem vir a ser esses clientes. Desse modo, o discurso jornalístico, em face a filiações ou a interesses econômicos, e vistas ao fato de que, enquanto empreendimento empresarial, precisa se compor com os interesses de seus financiadores (LAGE, 2013), acaba refletindo e refratando posicionamentos político-ideológicos em seu *fazer*.

Tomando partido também dessa discussão sobre a orientação sócio-política-ideológica do discurso jornalístico, Rossi e Ramires (2013) trazem o capitalismo como um importante fator dessa orientação. Os autores dizem que a lógica capitalista é a grande barreira à objetividade jornalística, isso porque “(...) os jornalistas são trabalhadores assalariados dos meios de comunicação e escrevem em benefício dos empresários” (ROSSI e RAMIRES, 2013, p. 80). Além disso, não se pode esquecer que a ideologia editorial da empresa jornalística é composta também pela ideologia de seus financiadores.

Não obstante, a esfera jornalística continua detentora dos supostos *status* de isenção e de quarto poder, que teria como objetivo a defesa do interesse do público e a garantia da democracia (SERRANO, 2006, p. 64). Esse fato mostra que o jornalismo, mesmo em face dos estudos que constata que seu *fazer* se dá sob a influência de diversas forças, não tem sua credibilidade abalada e consegue manter-se como um sistema de grande importância no processo de análise e escolha dos representantes políticos de seu público-alvo. Dessa forma, segundo Miguel, de forma sintetizada,

(...) o trabalho jornalístico consiste em recolher informações dispersas (através de uma rede de repórteres), “empacotá-las” através de determinados processos técnicos (jornal, rádio, televisão) e, enfim, distribuir o produto final a uma audiência diversificada (2004, p. 94).

Nesse processo triplo apontado pelo autor, apesar de aparentemente se mostrarem alheios aos fatores externos que interferem na composição da notícia, os valores ideológicos são refratados de modo que o produto final reforça, ainda que de forma velada, a posição editorial assumida pela empresa. No entanto, o consumidor da notícia deposita sua confiança na informação prestada, pois, muitas vezes, ele não tem como verificar a veracidade da informação e, por isso, é necessário, por parte do público, a crença no *dizer* do jornal. Essa crença, para o autor (MIGUEL, 2004, p. 94), é composta por três elementos

Primeiro (e mais simples), a confiança na veracidade dos fatos relatados. Depois, a confiança de que realmente os aspectos mais relevantes de cada fato são aqueles que estão relatados. Por fim, a confiança na escolha acertada, entre a infinidade de eventos que ocorrem a cada dia, de quais mereceriam ser alçados à condição de “fatos jornalísticos”.

É interessante notar que esse processo de conferência de credibilidade ao discurso jornalístico (que também é mídia), pelo público, faz com que se ressalte cada vez mais a sua condição de “quarto poder” da mídia. Isso, segundo Serrano (2006, p. 64), faz com que o poder da mídia seja reforçado, pois, gozando de *status* de mediadora de informações dignas de confiança, ela se configura como um poder capaz de equilibrar os outros três – o executivo, o judiciário e o legislativo.

Para manter a posição do poder, o jornalismo usa-se de certas estratégias para conferir e reforçar a suposta condição de fidedignidade aos fatos. Essas estratégias são sintetizadas da seguinte forma por Tuchman, (1999, p. 79-84 *apud* ALDÉ; MENDES; FIGUEIREDO, 2007, p. 154)

1) a apresentação de possibilidades conflituais, ou seja, os famosos dois lados da questão ou “contraditório”; 2) A apresentação de provas auxiliares, utilizando “fatos expressivos” que justifiquem as avaliações apresentadas; 3) O uso judicioso das aspas, que permite transferir a terceiros, personagens ou especialistas, a responsabilidade pela avaliação, interpretação ou posição; 4) a estruturação da informação numa seqüência apropriada, hierarquizando por meio dos atributos formais da notícia, do título ao *lead*, o que é para ser considerado mais importante em cada matéria.

No entanto, essas estratégias nem sempre são usadas visando à fidedignidade, pois, em alguns casos, já no título e *lead*²² de uma notícia (item 4 da citação) podem se demonstrar um direcionamento discursivo. Como podemos ver nos seguintes casos:

Eduardo Campos e Marina se reúnem para 'superar diferenças'
Em compensação, no segundo maior colégio eleitoral do País prevaleceu a tese de candidatura própria

(título e lead notícia JC-1)

Nesse caso, do JC, percebemos, como já apontado anteriormente no texto, que há uma orientação anti-PSB, pois, ao usar as aspas no título, o jornal supostamente atribui o dizer “superar diferenças” a outrem, o que pode indicar que, de fato, a superação das diferenças não ocorre. Este posicionamento se evidencia quando, no *lead*, o Jornal traz “em compensação, no segundo maior colégio eleitoral do País prevaleceu a tese de candidatura própria”, ou seja, apesar da reunião, o empasse não foi resolvido, tendo em vista que a divergência, nesse caso, dizia respeito ao apoio a outros partidos em detrimento de lançamento de candidaturas próprias²³.

Vejamos outro caso, agora do DP:

Aliados de Armando gostam de declarações ácidas de Campos
Para Sílvio Costa, ex-governador trata mal aliados de última hora e comentários mostram desespero

(título e lead notícia DP-1)

Nesse caso, também se evidencia, desde o título e o *lead*, a orientação anti-PSB, pois, no título, as declarações de Campos são taxadas de “ácidas” sem uso de

²² Primeira parte da notícia (depois do título) que visa dar destaque, chamar atenção, para a notícia. Voltaremos a falar de *lead* na parte do texto que se detém ao gênero notícia, mais à frente.

²³ Questões referentes ao contexto extraverbal dos enunciados que compõem o nosso *corpus* serão exploradas na quinta seção.

qualquer artifício que supostamente transferiria a responsabilidade a outrem. No *lead*, o DP atribui a fala a Sílvio Costa, no entanto, não a traz como citação direta, e a imagem de Eduardo Campos que é posta é a de um político em desespero que trata mal seus próprios aliados.

Isso prova que nem sempre os jornais escondem sua posição valorativa em relação ao fato por meio de artifícios que dariam conta de os mostrar (os jornais) como meios de transmissão de informações fidedignas à realidade.

É importante, aqui, também trazer à discussão o fato de haver estudiosos da relação entre jornalismo e política que, reconhecendo a função dos dois domínios sociais, analisam os paradoxos dessa relação. Esse tipo de estudo se deve à compreensão de que, sendo um mecanismo de democratização do acesso às informações, o jornalismo acaba por perturbar a própria democracia, pois, dados os interesses político-ideológicos dos *media*, seu fazer pode acabar indo contra a ordem democrática. Nas palavras proferidas por Themudo (2002 *apud* SERRANO, 2006), em um debate sobre jornalismo cívico,

Há um paradoxo entre jornalismo e política. Por um lado, há necessidade de os *media* tornarem acessível o discurso político mas, por outro, não são poder nem contrapoder. São metapoder, um poder que interfere e perturba o funcionamento de outros poderes. A democracia precisa do sistema mediático mas este é perturbador da democracia (p. 74).

Isso é para dizer que, ao invés de unicamente transmitir informações que sejam capazes de tornar os cidadãos mais conscientes dos acontecimentos políticos, as mídias e, mais especificamente o jornalismo, têm sido, antes, um meio de difusão de ideologias partidárias ou anti-partidárias, perturbando a ordem democrática da sociedade em detrimento de interesses particulares de um determinado grupo e, sendo um poder regulador dos outros poderes, têm em vista interesses que não dizem respeito ao bem-comum.

De posse dessas considerações sobre a esfera jornalística, convém trazer, agora, a discussão sobre texto, enunciado e gêneros do discurso, tendo em vista que uma esfera da comunicação humana, com suas especificidades, tem suas “formas” próprias de linguagem que servem para desempenhar as práticas sociais desse grupo. Nas palavras de Bakhtin (2011c [1952/53]),

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal,

geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (p. 266).

Com a esfera jornalística não é diferente. A esfera jornalística se serve de determinados gêneros do discurso (que são tipos relativamente estáveis de enunciados e textos) para desempenhar suas práticas sócio-discursivas. No nosso caso, nesta pesquisa, o tipo relativamente estável de enunciado que nos interessa é a notícia. Passemos a essas noções na seção a seguir.

4 ALGUNS ELEMENTOS CONCEITUAIS DO DIÁLOGO

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.

(Bakhtin)

Antes de adentrarmos a discussão das noções anunciadas, achamos necessário informar o porquê de termos optado por trazê-las separadas da discussão de linguagem feita na segunda seção deste texto. Optamos por trazer essas noções bakhtinianas só agora, depois da discussão de questões importantes da esfera jornalística, por acreditar que, se a linguagem traz reflexos e refrações ideológicas em suas diferentes formas de materialização, o conhecimento social da esfera na qual a prática discursiva se dá deve ser anterior à explicitação desses conceitos. Essa escolha também se justifica pelo fato de trazermos à discussão o nosso *corpus*, oriundo da esfera jornalística, à medida que discutimos as noções. Dito isso, iniciamos a discussão apontada.

Os integrantes do Círculo de Bakhtin, por tomarem o enunciado como base para o estudo da linguagem e considerá-lo como evento único e irrepetível, buscaram evidenciar a linguagem como resultado da interação de diferentes elementos. Em um desses estudos, no texto *Que é a linguagem?*, Volochinov (2013b [1930a], p. 141) propõe que “a linguagem [...] é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou (grifos do autor)”, ou seja, a linguagem mantém um diálogo com as condições sócio-político-econômicas.

Sendo assim, a linguagem está diretamente ligada e perpassada pelo social, e estudá-la requer, antes de tudo, o reconhecimento dessa ligação, como afirma Rodrigues (2001, p. 9), em síntese desse ensaio de Volochinov²⁴, ao dizer que a origem e o desenvolvimento da linguagem não pode ser buscado no campo do divino ou do natural, mas, sim, nas relações sociais, pois “(...) sua origem e desenvolvimento se encontram na organização econômica e sócio-política da sociedade”.

²⁴ Convém ressaltar que a autora atribui a autoria da obra *Que é a linguagem?* a Bakhtin/Volochinov, no entanto, citei apenas Volochinov para ser fiel a edição usada para essa pesquisa.

A partir desse entendimento de linguagem, as noções a ela relacionadas, pensadas pelo Círculo de Bakhtin, têm, no social, o elemento determinante de suas constituições e caracterizações. Por isso, nessa parte do texto, traremos à discussão os elementos conceituais referentes à linguagem que se fazem necessários para a nossa análise e, conseqüentemente, para o cumprimento dos nossos objetivos nesta pesquisa.

Sendo assim, iremos dar início à discussão desta seção com o conceito de texto que, no entender do Círculo, não se resume ao sistema de signos, ao estritamente linguístico e, por isso, representa um rompimento com a corrente linguístico-filosófica, da época, baseada unicamente na estrutura linguística. Acreditamos que a discussão que Bakhtin ([1959/61] 1997) tece no ensaio *O problema do texto nas áreas da lingüística, da filologia, das ciências humanas* evidencia a relação entre texto, enunciado e discurso na interação verbal, pois, no entender do filósofo, esses são conceitos implicados nela. Passemos à discussão sobre texto.

4.1 UMA (RE)VISÃO SOBRE TEXTO

Falar da noção de texto do Círculo de Bakhtin requer que se tenha em conta que os estudos do Círculo se distanciavam do que a Linguística, enquanto ciência aos moldes positivistas, pregava, pois, para esta, a linguagem deveria ser vista como sistema de signos capaz de explicar todos os fenômenos linguísticos em si mesmo, sem interferência do social. Esse distanciamento é uma questão que se avulta claramente já em MFL (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]) por meio da argumentação em favor de uma filosofia marxista da linguagem. Convém ressaltar, no entanto, como já mostrado na segunda parte desta pesquisa, que esse distanciamento não ocasiona o desprezo do material linguístico. A parte propriamente linguística é considerada pelos estudiosos russos, já que, para haver relações dialógicas é preciso que o material linguístico entre na cadeia da comunicação real. Entretanto, a essa parte material são agregadas questões ideológicas e dialógicas.

É importante fazer a ressalva acima, porque a discussão sobre texto que Bakhtin empreende foge ao que se consideraria como linguístico na época, como o próprio autor adverte no início do ensaio

Nosso estudo poderá ser classificado de filosófico sobretudo por razões negativas. Na verdade, não se trata de uma análise lingüística, nem filológica, nem literária, ou de alguma outra especialização. No tocante às razões positivas, são as seguintes: nossa investigação se situa nas zonas limítrofes, nas fronteiras de todas as disciplinas mencionadas, em sua junção, em seu cruzamento (BAKHTIN, [1959/61] 1997, p. 330).

Como podemos ver, o próprio filósofo nos adverte que o estudo que ele desenvolve foge aos padrões da lingüística da época, como dito no parágrafo acima, de uma lingüística positivista. E ainda adverte que “Se tomarmos o texto no sentido amplo de conjunto coerente de signos, então também as ciências da arte (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) se relacionam com textos (produtos da arte)” (BAKHTIN, [1959/61] 1997, p. 330). Assim, ele desenvolve seu ensaio, advertindo que o *texto* é uma construção que pode ser vista sob a ótica de diferentes áreas e, ao mesmo tempo, na junção delas, porque é algo inerente à interação e, sendo essas áreas, supracitadas pelo autor, ciências humanas/sociais às quais a linguagem é inerente, elas podem tomá-lo como ponto de partida a reflexões diversas, mesmo que a natureza do texto, no entender de Bakhtin, seja uma só: social.

Para evidenciar essa natureza, apoiado no que dissera sobre congregar diferentes áreas, Bakhtin inicia sua discussão relacionando sua concepção de texto à concepção de ciência humana, pois, para ele, dentro desse tipo de ciência, “qualquer que seja o objetivo de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto” ([1959/61] 1997, p. 331), pois dentro das “ciências do espírito” (humanas) ele é dado primário de toda e qualquer disciplina.

Por isso, não só para a ciência da linguagem, mas para todas as ciências humanas, e também sociais, é importante ter em conta que o texto, segundo Bakhtin ([1959/61] 1997), é determinado principalmente pelas questões extralingüísticas, pois, para o autor, um texto sempre tem um sujeito, um autor que fala ou escreve e haverá sempre formas, aspectos e subaspectos que o ato do autor (o texto) pode assumir ([1959/61] 1997, p. 331). Desse modo, a visão bakhtiniana já se mostra em oposição aos padrões positivistas, pois traz o sujeito e, inevitavelmente, sua subjetividade para o cerne dessa discussão.

Ainda segundo Bakhtin ([1959/61] 1997), o texto é um ato enunciativo oral ou escrito que depende de dois fatores para sua efetivação: o projeto (referente ao seu “planejamento”, à intenção) e a execução desse projeto (referente à sua realização, ao cumprimento da função comunicativa). Além disso, comporta o autor e pressupõe,

sempre, o outro; estabelece uma relação complexa e dialógica com o contexto, sendo essa relação um fator para a construção de sentido e é perpassado por elementos extralinguísticos e dialógicos.

Seguindo essa definição, o autor russo também vê o texto como fenômeno que comporta duas faces, ou dois “pólos” nas palavras de Bakhtin ([1959/61] 1997): uma linguística (verbal) e outra discursiva (ideológica), ou seja, textos se efetivam por meio de uma parte concreta da língua, mas também por uma parte ideológica. Sua produção e leitura-interpretação dependem da articulação dessas duas partes dele constituintes. Por isso, a formação e a posição ideológica de um autor podem ser demonstradas por meio de seus textos, visto que estes são sempre perpassados contexto a que o autor pertence – a esfera discursiva – e ao qual está exposto, incluindo os diferentes discursos que o perpassam.

Esse modo de Bakhtin pensar o texto é sintetizado por Rodrigues (2001, p. 62) no seguinte esquema

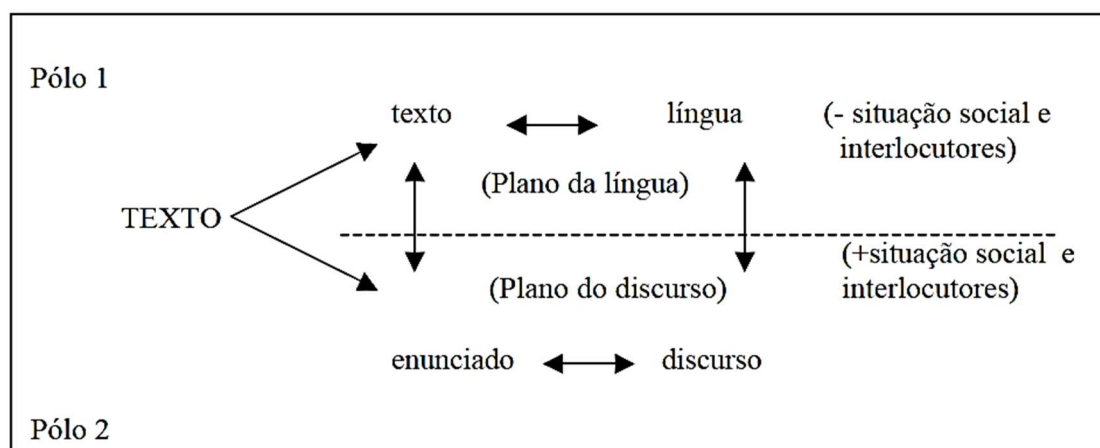


Figura 8: Esquema da concepção de texto de Bakhtin

Percebemos que Rodrigues (2001, p. 62), na ilustração acima, mostra os dois *pólos* do texto, conforme a caracterização de Bakhtin ([1959/61] 1997): o primeiro *pólo* se refere ao plano da língua, aos elementos técnicos que todos os textos comportam; não considera a situação social e os interlocutores, e é da ordem do repetível; o segundo *pólo* diz respeito ao plano da efetivação, ao plano enunciativo-discursivo; considera a situação social e os interlocutores que estão envolvidos na efetivação do texto e é da ordem do não repetível, do único.

Esse gráfico mostra que Bakhtin toma o texto em um sentido amplo, diferentemente da visão positivista da linguística que se restringe à parte referente ao sistema de signos de uma língua, excluindo elementos ideológicos, dialógicos e o sujeito com sua subjetividade. Além disso, ele evidencia a relação que há entre texto, enunciado e discurso, pois são três categorias diferentes que mantêm inter-relações diretas nas situações concretas de interação, ou seja, na interação verbal, e são definidas por questões sócio-político-ideológicas.

Desse modo, a título de síntese, podemos afirmar que, no dizer de Bakhtin ([1979] 1997, p. 328-359), um texto sempre se manifesta em um ou mais tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros do discurso, conceitos que se aproximam sem, no entanto, serem equivalentes (os conceitos de enunciado e gênero do discurso serão explorados mais a frente). Assim, um texto, oral ou escrito, seria um enunciado que traz em si a ideia (o projeto) e seu acontecimento; está numa cadeia discursiva de um dado campo e mantém relações intra e interdiscursivas. Vejamos, o texto (DP-2, já apresentada na seção 1) a seguir

Eduardo Campos aliava programas sociais e a visão de mercado

Assim era o candidato do PSB, um político de esquerda, defensor da área social e ao mesmo tempo alinhado com o o setor privado

[Paulo Silva Pinto](#) - Enviado Especial

Publicação: 14/08/2014 07:49 Atualização: 14/08/2014 11:08

Na campanha para subir a rampa do Planalto, Eduardo Campos buscou, em larga medida, ser identificado com o perfil que o ex-aliado Luiz Inácio Lula da Silva construiu no primeiro mandato presidencial: um político de esquerda, defensor de programas sociais e ao mesmo tempo alinhado com o mercado. A estratégia também era um modo de estabelecer diferenças com a presidente Dilma Rousseff, criticada por ter se distanciado do setor privado, em forte contraste com Lula.

Eduardo vinha falando de coisas que soam como música ao ouvido dos empresários: reduzir a meta de inflação para 3% ao ano até 2019; dar independência ao Banco Central, garantindo mandato de três anos ao presidente da instituição; enviar um projeto de reforma tributária ao Congresso Nacional na primeira semana de governo, com propostas para desonerar exportações e investimentos; e promover acordos comerciais para beneficiar a inserção global de produtos brasileiros.

Aos estudantes, Eduardo prometeu passe livre no transporte público. Diante da crítica quanto aos eventuais custos da medida, ele comparou com a despesa de juros do governo: elevar em meio ponto percentual a Selic, taxa básica do Banco Central (BC) custa aos cofres públicos R\$ 14 bilhões por ano, de acordo com as contas dele. Permitir que os jovens viajem de graça sairia mais barato, argumentou.

Este texto se materializa na forma de notícia, que é um tipo relativamente estável de enunciado. O projeto dele é informar e, para isso, o enunciador o produziu levando em consideração as informações que, na opinião dele, são de interesse do público, e sua efetivação se dá mediante a sua publicação e leitura pelo público do jornal. Nele, também, se materializam questões intradiscursivas, que dizem respeito ao próprio posicionamento do jornal em relação ao objeto de enunciação e, nesse caso, Eduardo campos é apontado como sendo um político que consegue congrega a “programas sociais e visão de mercado”, o que o caracteriza como um político promissor. No que se refere às questões interdiscursiva, percebemos que, na construção desse texto, o enunciador retoma outros discursos, que circulam socialmente (discurso a respeito da figura política de Lula), para caracterizar Campos, exemplo disso é o seguinte trecho

Na campanha para subir a rampa do Planalto, Eduardo Campos buscou, em larga medida, ser identificado com o perfil que o ex-aliado Luiz Inácio Lula da Silva construiu no primeiro mandato presidencial: um político de esquerda, defensor de programas sociais e ao mesmo tempo alinhado com o mercado.”

(Trecho DP-2)

Na concepção bakhtiniana, o texto é individual e social ao mesmo tempo e está voltado para o outro na cadeia discursiva, dentro de um contexto. Isso também é uma característica do texto apresentado acima, pois ele é individual, por apresentar um posicionamento que se mostra de um lugar único no espaço, e social, por materializar relações de diálogo com diversas instâncias discursivas (discursos outros, interlocutores, contexto extraverbal, etc). É um acontecimento singular, irrepitível (somente a reprodução mecânica, gráfica é passível de ser repetida; a enunciação, não.), que só é possível porque há para o texto dois sujeitos, dois autores: um que cria o texto e outro que recebe o texto e o recria responsivamente. Desse modo, requer compreensão e sentido²⁵ e é visto como elemento de interação e compreensão, podendo manter relação dialética ou de concordância.

Nesse sentido, fica claro que é uma condição à construção de sentido levar em consideração o contexto comunicativo do texto, pois nesse contexto é que as questões ideológico-dialógicas serão aclaradas. Adam (2011, p. 45), pesquisador

²⁵ Na teoria Bakhtiniana, a *compreensão* é um processo dialógico, através do qual o interlocutor constrói sentidos; o *sentido*, assim, é definido por elementos contextuais e ideológicos e não depende apenas da significação imanente do sistema linguístico.

francês do campo da Linguística textual que se detém atualmente ao que ele nomeia de Análise Textual dos Discursos, corrobora essa questão que Bakhtin ([1959/61] 1997) levanta em relação à importância do contexto para compreensão textual ao defender que, para que um texto seja entendido como um todo, ele deve ser projetado sobre o plano de fundo da sua esfera discursiva, considerando-se os fatores cotextuais/contextuais²⁶ e ideológicos que exercem influência sobre a produção e, conseqüentemente, sobre a leitura-interpretação dos textos.

Apesar de ser um autor da linguística textual, Adam (2011) usa Bakhtin, dentre muitos outros teóricos, como uma de suas bases para fundamentação de sua perspectiva de estudos, ou seja, do estudo textual dos discursos e, por isso, apesar de se direcionar mais a um estudo do discurso, na dimensão textual, tendo em Maingueneau seu principal expoente, o autor trata de algumas questões referentes ao *texto* tocando diretamente em reflexões empreendidas por Bakhtin. Essas questões ficam mais claramente pontuadas na obra *O texto literário – por uma abordagem interdisciplinar* na qual, junto com Heidmann, propõe um estudo que agrega a parte textual à parte enunciativo-discursiva de textos literários.

Assim, apoiando-se na discussão bakhtiniana, Adam e Heidmann (2011, p. 13-30) defendem que todo texto está exposto a um regime de gêneros, ou genericidade, e a respeito disso, esses autores postulam as seguintes proposições: a) “todo texto participa de um ou mais gêneros”, b) “os gêneros são tão diversos quanto as práticas discursivas”; c) “os gêneros são práticas normatizadas, cognitivamente e socialmente indispensáveis”; d) “os gêneros são categoria dinâmicas em variação”; e) “os gêneros existem apenas no âmbito do sistema de gêneros”; e, f) “a genericidade envolve todos os níveis textuais e transtextuais”.

Apesar de se ligarem a uma perspectiva de estudo diversa da adotada nesta pesquisa, as proposições mostradas acima, de um estudo recente de um dos ramos da linguística textual, mostram que a concepção de texto que Bakhtin postulou deu conta de antecipar, em muito tempo, questões que apenas mais recentemente ganharam espaço dentro dessa área de estudo da linguagem. Trouxemos as proposições desses autores também para mostrar que a dimensão na qual o texto foi

²⁶ Na forma de pensar do autor, ambos conceitos dizem respeito a elementos não textuais; no entanto, os *elementos cotextuais* dizem respeito aos elementos recuperáveis na superfície textual, já os *elementos contextuais* dizem respeito aos elementos recuperáveis na situação textual como um todo.

pensado por Bakhtin vem dando subsídios a pesquisas de ordens diversas que utilizam o texto como ponto de partida.

Além disso, podemos dizer que, na maneira que Bakhtin trata a questão do texto, percebemos que o uso (com todos os elementos que ele implica) e a forma são agregados na sua compreensão de texto. Para nós, este é um conceito relevante porque os textos que surgem dentro da esfera jornalística, especificamente o que temos como *corpus*, trazem essas características elucidadas aqui e, enquanto tais, são enunciados concretos que cumprem seu projeto na cadeia discursiva.

Dessa forma, os textos devem ser vistos como atos de sujeitos com objetivo de cumprir funções comunicativas, atos esses a partir dos quais se revelam posicionamentos ideológicos por meio de relações dialógicas. Esse modo de ver o texto aproxima-o da noção de enunciado do Círculo de Bakhtin, conceito que será discutido a seguir.

4.2. O ENUNCIADO COMO UNIDADE DA COMUNICAÇÃO VERBAL

Avançando em direção à compreensão dos elementos conceituais desta pesquisa, aqui situaremos o conceito bakhtiniano de enunciado por entender que ele comporta elementos da linguagem verbal, mas também excedentes que permitem a compreensão e a interação entre os sujeitos. Traremos, assim, à discussão os principais elementos que fundamentam essa concepção de enunciado e que servirão de base ao empreendimento analítico desta pesquisa.

Antes de adentrarmos a discussão propriamente dita, convém, mais uma vez, ressaltar que as reflexões sobre linguagem do Círculo de Bakhtin surgiram no início do século XX e são marcadas por um distanciamento do modelo de análise e estudo linguístico da época (como já mostrado na segunda parte desse texto), por isso toma o enunciado como unidade por excelência da interação verbal e o modo de vê-lo “(...) aponta para uma concepção de enunciação²⁷ em que a língua é considerada em situações concretas, cujos interlocutores, espaço, tempo e projeto discursivo são fundamentais” (FLORES *et al.* 2009, p. 99). Desse modo, segundo Flores e Teixeira

²⁷ Para Flores (2009, p. 99), *enunciado*, *enunciação* e *enunciado concreto* são tomados por Bakhtin como sinônimos, pois decorrem da tradução ao português de um único verbete.

(2012, p. 45), o Círculo de Bakhtin, por meio de suas ideias, anuncia a fundação da enunciação como centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos, “vendo-a como evento sempre renovado, pelo qual o locutor (e também sujeito) se institui na interação viva com vozes sociais” (FLORES; TEIXEIRA 2012, p. 45).

Sendo assim, um dos pontos centrais dessas reflexões sobre o enunciado é o entendimento da linguagem humana como algo que vai além de um sistema linguístico, como algo que é originado de um diálogo único e singular no qual cooperam diversos fatores para a construção do sentido do enunciado. Desse modo, um enunciado é mais que simples repetição de elementos imanentes de um sistema linguístico, pois, segundo Bakhtin ([1959/61] 1997, p. 349),

O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc).

Além disso, cada enunciado se constitui como algo não repetível, pois, mesmo a repetição exata de um enunciado (linguisticamente falando) não comportará mais o mesmo significado, não terá mais o mesmo sentido. Essa questão retoma o que Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) chama de tema e significação.

Para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), a enunciação é composta de duas partes: o *tema* e a *significação*. O *tema* diz respeito a “Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*”. Já por significação, Bakhtin/Volochinov entende como “(...) os elementos da enunciação que são *reiteráveis* e *idênticos* cada vez que são repetidos” (2006 [1929], p. 131-132, *grifos do autor*). A enunciação se constitui, nesse modo de pensar, como um tema, quando em situação concreta, que se serve de uma significação (aparato técnico que permite a enunciação). Nas palavras do filósofo

O tema é um *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às *condições de um dado momento da evolução*. O tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*. A significação é um *aparato técnico para a realização do tema*. [...] (No entanto) o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação (p. 132, *grifos do autor*)

É a partir desse modo de pensar que Flores e Teixeira (2012, p. 52-53) afirmam que o método sociológico de ver a língua, proposto em MFL, integra os elementos abstratos da língua à estrutura da enunciação, entendida como um espaço de diálogo

entre diversas instâncias de discurso e acentos apreciativos. Isso nos leva a pensar no nosso *corpus*, pois se o enunciado, por si só, já é espaço de diálogo entre acentos apreciativos, o que dizer de enunciados que são construídos de forma conjunta²⁸ (dois dos textos que constituem nosso *corpus*), algo comum em se tratando de jornalismo digital, como veremos mais adiante.

A partir desse mesmo excerto bakhtiniano, percebemos também que *forma* e *uso* são considerados no tratamento da questão do enunciado, mas, mesmo reconhecendo a importância do aparato técnico da enunciação, “(...) o que importa é o caráter de novidade, o evento, aquilo que pertence à circulação de posições avaliativas de sujeitos do discurso e a permanente renovação de sentidos” (FLORES *et al.*, 2009).

No modo de ver o enunciado do Círculo, também é fundamental a orientação social para outrem da enunciação, pois é impossível, nessa perspectiva, interação sem relação eu-outro, pois o enunciado se caracteriza como “resultado” de enunciados anteriores, portanto, dialógico, e a monologicidade é algo impraticável em se tratando de interação verbal, de enunciados concretos. É nesse sentido que Bakhtin diz que

Por mais monológico que seja um enunciado (por exemplo, uma obra científica ou filosófica), por mais concentrado que esteja em seu objeto, ele não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto, sobre dada questão, ainda que essa responsividade não tenha adquirido uma nítida expressão externa: ela irá manifestar-se na tonalidade de sentidos, na tonalidade de expressão, na tonalidade de estilo, nos matizes mais sutis da composição. ([1952-53] 2011, p. 298)

A respeito disso, podemos afirmar que, sendo o enunciado posto como a unidade por excelência da interação verbal, ele, como podemos ver no excerto supracitado, se pauta, desde o princípio, na possível reação-resposta do outro, como afirma Rodrigues (2001, p 36), buscando sintetizar a orientação social do enunciado na visão bakhtiniana, ao dizer que “todos os aspectos do enunciado se constroem em vista da atitude de resposta do interlocutor”.

Nisso está implícito, como defende Volochinov (2013c [1930b]), que o enunciatador leva em consideração a *situação* (tempo, espaço, objeto que trata a

²⁸ Essa indagação diz respeito às notícias que na modalidade *on-line* que muitas vezes são escritas de forma coletiva e, nesse caso, o que há é um sujeito coletivo que representa a ideologia editorial da empresa jornalística, como veremos melhor na seção seis.

enunciação e avaliação dos interlocutores) em que se encontra e na qual se realiza a interação, os ditos anteriores, os ditos que estão por vir e o próprio interlocutor, não se podendo, assim, separar o enunciado desses elementos, sem prejuízo ao seu entendimento, pois aqueles são peças-chave para este.

Além disso, deve-se ter em conta a orientação social do enunciado, pois este está sempre voltado a um auditório (entendido como a presença dos participantes da *situação*) ainda que este não seja real (VOLOCHINOV, 2013c [1930b], p. 157). Para Volochinov, as orientações para o auditório, junto com a situação, constituem o todo da enunciação.

Reforçando o caráter de orientação para outrem dessa visão do Círculo de enunciado, Flores e Teixeira (2012, p. 51) afirmam que é da crítica à corrente de estudos formais, que considera apenas a parte sistêmica da linguagem, que Bakhtin (2006, [1929]), em MFL,

(...) mostra sua concepção de enunciação como produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados, mesmo que esse interlocutor seja uma virtualidade representativa da comunidade na qual está inserido o locutor e propõe, dessa forma, a ideia de interação verbal realizada por meio da enunciação. A unidade fundamental da língua passa a ser o diálogo, entendido [...] como toda comunicação verbal.

Os enunciados se caracterizam como as formas pelas quais a língua ganha vida e se concretiza na comunicação real, permitindo a existência dos discursos dos falantes. Nesse processo, a subjetividade dos interlocutores é fator essencial para a efetivação desses enunciados, pois eles só podem se efetivar na intersubjetividade desses falantes.

Como é a forma da manifestação da interação social, o enunciado também se caracteriza pela sua natureza dialógica. Este surge a partir da interação discursiva que se torna concreta através dos falantes a fim de interferir em seu meio, ou esferas (este conceito será discutido no tópico seguinte) das quais faz parte. No entanto, um enunciado nunca será o primeiro nem será o último a ser criado, posto que está em uma cadeia de enunciados que mantêm um elo entre si, evidenciando enunciados que o antecederam e apontando para outros que o sucederão. Assim, implícita ou explicitamente, a interação também pressupõe outros discursos, anteriores ou não.

A concepção de enunciado posta é fundamentalmente social, como visto. De posse desse entendimento dessa noção bakhtiniana, podemos avançar na discussão,

tocando, a seguir, na questão dos gêneros do discurso. A ordem com que trazemos as discussões sobre essas noções se justifica pelo fato de o entendimento dos gêneros do discurso, que são enunciados relativamente estáveis, passar pelo entendimento primeiro da natureza do enunciado. Posto isso, passemos a noção bakhtiniana de gêneros.

4.3. DETERMINAÇÃO SOCIAL DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM: OS GÊNEROS DO DISCURSO

Compreender a noção bakhtiniana de esfera discursiva e saber seu funcionamento e as implicações ideológicas desta para os eventos discursivos é fundamental ao estudo dos fenômenos da linguagem na perspectiva bakhtiniana e, agora, mais especificamente, à compreensão dos gêneros do discurso. Por isso, nesta parte do texto, traremos a noção de gêneros do discurso de Bakhtin para, em seguida, lançar olhar para o gênero discursivo que compõe o nosso *corpus*: a notícia.

Para falar dos gêneros do discurso, tomamos como ponto de partida o ensaio de Bakhtin (2011c [1952/53], p. 261-306), intitulado *Os gêneros do discurso*. Para o filósofo, todas as esferas discursivas se utilizam de determinadas práticas de linguagem que se fazem necessárias para a interação entre seus indivíduos. Como esses indivíduos compartilham o mesmo ambiente social, acabam tendo necessidades comunicativas semelhantes, em condições, também, semelhantes, e isso gera a criação de formas linguísticas mais ou menos padronizadas – ou “enunciados relativamente estáveis” (p. 262), nas palavras de Bakhtin – que cumprem determinadas funções comunicativas do ambiente social. São essas formas linguísticas, que evidenciam ainda mais a relação de diálogo entre linguagem e sociedade, que Bakhtin chamou de “gêneros do discurso”.

Sendo assim, todas as interações entre sujeitos que se dão nos diferentes espaços sociais se efetivam por meio dos gêneros discursivos. Por esse motivo, esses *enunciados relativamente estáveis*, na acepção do filósofo, são tão diversos quanto os campos da atividade humana. E, no que se refere a sua constituição, Bakhtin afirma que

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional (p. 261).

O que o autor propõe é que os gêneros são perpassados em todas as suas dimensões pelas especificidades que advêm da sua esfera discursiva de origem, pois ele defende que esses três elementos constituintes das formas de linguagem – *conteúdo temático, estilo e construção composicional* – agregam-se indissolavelmente para constituir um *todo* sócio-ideologicamente determinado que cumpre uma função sócio-discursiva.

Sobre esses elementos supracitados, Fiorin (2006, p. 62), buscando sintetizar a noção de gênero discursivo de Bakhtin, ainda que numa perspectiva mais ligada à dimensão textual da enunciação, diz que “o conteúdo temático [...] é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero”; “a construção composicional é o modo de organizar o texto, estruturá-lo”; e

O ato estilístico é uma seleção de meios linguísticos. Estilo é, pois, uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado.

Esses elementos, que são definidos social e dialogicamente, evidenciam a influência das esferas da comunicação humana na composição dos diversos gêneros do discurso.

Essa influência dá conta de explicar, também, o fato de falantes, mesmo tendo um conhecimento amplo da língua (enquanto sistema de signos), se sentirem incompetentes a usar determinados gêneros que não fazem parte de seu repertório. Isso é decorrente do fato de que as formas relativamente estáveis de linguagem comportam especificidades do seu domínio e dominá-las vai além do estritamente linguístico. Segundo Bakhtin, “São muitas as pessoas que dominam magnificamente a língua sentem amiúde total impotência em alguns campos comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas do gênero de dadas esferas” (2011c [1952/53], p. 284).

O domínio de um gênero exige, assim, mais que apenas conhecimento linguístico, conhecimento técnico; ele requer conhecimentos de ordem social, cultural, etc. Por conseguinte, justifica-se a escolha de Bakhtin a respeito da questão dos

gêneros, por não propor um estudo de suas regras gerais de funcionamento, pois, para ele,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório dos gêneros do discurso que cresce e se diferencia a medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (2011c [1952/53], [p. 262]).

O que filósofo propõe é a classificação dos gêneros em dois grandes grupos: os gêneros primários e os secundários. Os gêneros primários, segundo o autor, fazem parte da comunicação imediata, “simples”, que se molda e se realiza no próprio momento de interação; os secundários são gêneros que se servem dos primários para a criação daqueles mais complexos, caracterizando uma comunicação não imediata e que “(...) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito)” (BAKHTIN, 2011c [1952/53], p. 263-264).

Cabe apontar aqui que, em vista da consideração a respeito dos dois grandes grupos supracitados, Bakhtin defende que “(...) a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio de análise de ambas as modalidades (gêneros primários e secundários)” (p. 264). Por isso, o mesmo autor defende que o estudo da natureza do enunciado e dos gêneros de enunciado nas diferentes esferas da comunicação é de suma importância para quase todos os campos da linguística e para a filologia. Isso porque, no entender do filósofo,

Todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto [...] opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos ou orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação” (2011c [1952/53], p. 264).

Nesse ponto, e também em vista do que foi visto até agora, percebemos que o autor usa as particularidades do enunciado como definidores dos diferentes gêneros do discurso. Isso se justifica pelo fato de que as atividades humanas são ininterruptas, e as trocas verbais e/ou trocas culturais, que estão na base do estudo, são vistas pelo filósofo segundo critérios enunciativos; ou seja, ele considera os elementos do enunciado para conceituar gênero.

Nesse sentido, Cunha (2000, p. 3) diz que

É interessante notar que, diferentemente da maioria dos estudiosos, Bakhtin não se dedica à classificação dos gêneros, mas à descrição das cinco particularidades do enunciado ou gênero do discurso:

1ª) o enunciado é delimitado por fronteiras claras que são as mudanças de locutor. Pode portanto ser uma réplica de diálogo ou um romance;

2ª) o enunciado é acabado: ele tem fronteiras – um começo e um fim, um acabamento, que é percebido pela exaustividade do objeto de sentido, pelo projeto discursivo do locutor e pelas formas-tipo de estruturação do gênero;

3ª) o enunciado é marcado pela expressão do locutor, ou seja, os enunciados trazem a marca do locutor, não havendo possibilidade de neutralidade quando se fala de enunciados concretos;

4ª) o enunciado mantém relação com aqueles que lhe precederam e com os que estão por vir, sobre o mesmo objeto. Todo enunciado é um elo na cadeia verbal, respondendo, interrogando, polemizando com outros sobre o mesmo objeto;

5ª) o enunciado é voltado para o alocutário (outro), trazendo assim a resposta presumida, as objeções, restrições do alocutário.

Essas particularidades do enunciado apontadas pela autora são também particularidades dos gêneros porque, como mostrado acima, os gêneros são também “tipos” enunciados relativamente estáveis.

No que se refere à historicidade, Bakhtin diz que “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (2011c [1952/53], p. 268). Isto é, eles evoluem à medida que a própria sociedade evolui. É por isso que, a respeito dessa noção bakhtiniana, Rodrigues (2001, p. 49) diz que, quanto à origem, os gêneros se constituem historicamente para atender a necessidades dos falantes de determinada esfera social e, por isso, são regidos pelo meio social que acaba por perpassá-los. Assim, segundo a autora, acabam por refletir suas esferas discursivas, ambientes sociais, e, em decorrência disso, sua compreensão vai muito além do linguístico: passa pela situação social que os provoca.

Além de considerar particularidades dos ambientes sociais que os fazem surgir, os gêneros também evidenciam o enunciador. As formações e posições ideológicas dos autores de textos podem ser demonstradas por meio de seus enunciados, tendo em vista que estes são sempre concretizados por meio de gêneros.

No que diz respeito às refrações ideológicas e a esta noção bakhtiniana, Flores e Teixeira (2012, p. 133) dizem que

Os gêneros são plurívocos, trazem vozes, posições sociais, retomam e antecipam discursos outros, ou seja, suscitam respostas. São materiais discursivos dinâmicos, que têm como pressuposto a construção do enunciado

concreto a partir de uma esfera da atividade, em que locutor, interlocutor, tempo, lugar e finalidade do dizer são constitutivos.

O que os autores apontam é algo inerente à linguagem e suas formas de manifestação (texto, enunciados e etc.), ou seja, o diálogo entre *vozes sociais*. Como os gêneros do discurso são linguagem e são também texto e enunciado, eles não poderiam se eximir desse diálogo. Além disso, os autores também tocam em outro ponto essencial: o sujeito e os diferentes elementos que estão por trás da materialização, na interação verbal, dos gêneros do discurso. Esses elementos são essenciais para o seu funcionamento e sua circulação.

Cabe enfatizar que os gêneros do discurso estão presentes em todas as esferas da comunicação humana, pois, sempre que fala, um sujeito se serve deles, obedecendo, mesmo que involuntariamente, a determinadas “regras” de funcionamento dessas “formas de linguagem”. Além disso, sendo os gêneros do discurso formas relativamente estáveis de enunciados, a posição valorativa que compõe o enunciado da comunicação efetiva é, também, inerente aos gêneros, não havendo nenhum gênero do discurso que se excetue da carga axiológica de um sujeito.

Nesse sentido, para que seja possível a interação entre diferentes indivíduos, faz-se necessário o compartilhamento de conhecimentos de um mesmo sistema linguístico bem como outros tipos de conhecimentos. Mas é indispensável, também, o conhecimento prático das formas de linguagem que circulam dentro da esfera comunicativa onde a interação se dá. Esse conhecimento é basilar para as relações discursivas pela interação verbal.

A partir do que vimos, notamos que, tomando conhecimento da noção de gêneros do discurso, sua importância para a compreensão dos fenômenos de linguagem se evidencia. Não há como pensar de forma diferente se se considera que sempre que há uso de linguagem, há uso de gêneros e que esses gêneros trazem reflexos e refrações das suas esferas discursivas de origem; são marcados por posições axiológicas dos sujeitos que enunciam. É pensando assim que levamos em consideração essa noção para o estudo dos fenômenos enunciativo-discursivos que nos propomos a analisar.

Por isso, apoiados no supradito, agora, passamos à discussão das especificidades do gênero notícia, exemplificando-as por meio de trechos do *corpus* da pesquisa.

4.4 O GÊNERO DISCURSIVO NOTÍCIA

A notícia é um gênero discursivo da esfera jornalística. Vimos anteriormente que a esfera jornalística é o campo do conhecimento humano responsável pela seleção, pelo processamento e pela transmissão de informações e, para tanto, ela se serve de alguns diferentes gêneros discursivos, tais como a reportagem, a entrevista, a coluna, a notícia, entre outros. Mesmo tendo conhecimento disso, focaremos, nesta parte do texto, apenas o gênero notícia, tendo em vista que este é o tipo relativamente estável de enunciado que estamos analisando e, nesse ínterim, nos servimos de noções do estudo da linguagem e também do jornalismo. Ademais, cabe ressaltar que, baseados na concepção de linguagem do Círculo, que entende os enunciados como sendo duplamente constituídos (elementos verbais e não verbais), tocaremos na dimensão discursiva e na linguística do gênero em questão, sem, no entanto, delimitar fronteiras entre elas.

Acreditamos que, para falar de qualquer “forma” de linguagem, antes de qualquer outra coisa, é necessário falar sobre a função sócio-discursiva que ela desempenha. No caso da notícia, sua função é informar sobre os fatos “socialmente relevantes”. Todavia, cabe ressaltar que a decisão sobre a relevância dos fatos se dá a partir do ponto de vista do jornalista/empresa jornalística, e isso faz com que, não necessariamente, o fato noticiado seja relevante ao público. Nas palavras de Ismal Herraiz (*apud* ALSINA, 2009, p. 295), sugerindo que sempre há relações valorativas entre sujeito-jornalista e o fato, ou o objeto da notícia, “A notícia é o que os jornalistas acham que interessa aos seus leitores, portanto, a notícia é o que interessa aos jornalistas”.

Diante do papel que este tipo relativamente estável de enunciado desempenha, e fazendo um comparativo com os outros gêneros que circulam no meio jornalístico, podemos dizer que a notícia é o principal expoente do jornalismo, tendo em vista que é o mais frequente do *fazer* jornalístico; é o gênero que traz a notícia primeira. Os outros gêneros, tais como reportagem e entrevista geralmente são usados para fornecer informações adicionais a um fato já noticiado. Assim (geralmente), sendo o principal produto das empresas jornalísticas, a notícia é de natureza massiva, buscando atingir todas as camadas da população, trazendo informação para elas e, ainda que indiretamente, ajudando-as a formar suas opiniões (ARAÚJO, 2008, p.

197). Essa questão apontada por Araújo sugere que os valores que se propagam por meio dessa prática discursiva podem ser diretamente absorvidos pelo público-leitor.

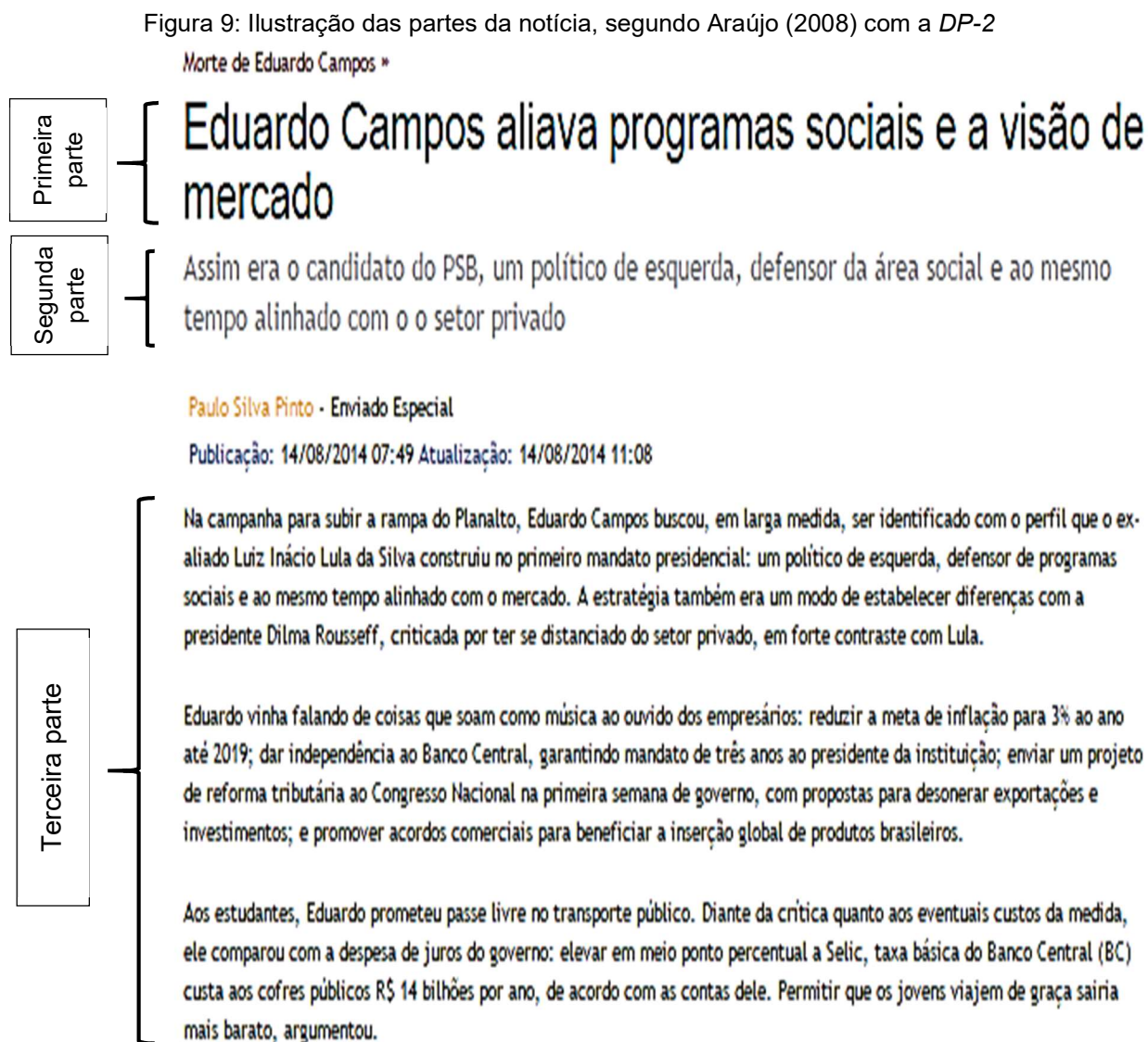
É sabendo da importância da notícia na formação da opinião das diferentes camadas da população que muitos políticos, como mostrado na terceira seção desse texto, buscam estreitar suas relações com jornalistas, ou empresas jornalistas, visando ter sua “ideologia” disseminada para o maior número de pessoas possíveis (SERRANO, 2006, p. 68). Outrossim, não se pode esquecer que a notícia é a matéria-prima das empresas jornalísticas que visam ao lucro e, assim sendo, quanto mais pessoas se “identificarem com a(s) personagem(ns) e situação da notícia, mais importante ela se torna” (ARAÚJO, 2008, p.197). Isso incidirá diretamente no seu lucro, tanto por tiragem, quanto por financiamento e prestação de serviço.

No que se refere à dimensão linguística, segundo Araújo (2008), a notícia é composta de três principais partes que estão articuladas entre si, a saber: título, *lead* e corpo.

- O título (*primeira parte*, ver figura 9 a seguir) tem por função “despertar o interesse no leitor pela leitura da notícia” (ARAÚJO, 2008, p. 197), por isso, recebe destaque na edição e, geralmente, é uma parte “condensada, sucinta e surpreendente”. Dada sua função, esta é a parte mais importante do texto que pode fazer com que o leitor opte por ler ou não a notícia na íntegra. Outra questão interessante de se observar no título é que já nele podem se evidenciar posições sócio-políticas, ou sócio-discursivas;
- O *lead* (*segunda parte*, ver figura 9), é a parte da notícia que se apresenta logo após o título. *Lead* é uma palavra que vem do inglês e significa “conduzir” e, como o próprio significado em português sugere, tem por objetivo conduzir o leitor à informação noticiada e, por esse motivo, traz um breve relato do fato que será apresentado no decorrer do texto;
- O corpo (*terceira parte*, ver figura 9) tem por função aprofundar as informações apresentadas no *lead*, dando conta de responder às seguintes perguntas, ou pelo menos as que se mostrem indispensáveis: “O que?”, “Quem?”, “Quando?”, “Onde?”, “Como?” e “Porque?”. Podendo ainda, além dessas informações

essenciais, trazer informações complementares ao fato (ARAÚJO, 2008, p. 198).

A seguir usamos parte do nosso *corpus* para ilustrar a definição das partes da notícia, segundo Araújo (2008):



Apesar de essas partes do gênero terem sido apresentadas em separado, elas são intrinsicamente imbricadas, pois a união delas é que constitui a notícia. Ademais, observando-as, percebemos que são formas que materializam discursos, discursos esses que perpassam todas as suas partes constituintes.

Ainda no que se refere às seis questões supracitadas a que a notícia deve responder, mostramos, a seguir, a título de exemplo, as respostas para todas elas.

Cabe ressaltar que nem sempre essas informações são explicitamente postas. As vezes, elas estão implícitas no texto, ou postas na região paratextual²⁹. Veja-se³⁰:

Aliados de Armando gostam de declarações ácidas de Campos

Para Sílvio Costa, ex-governador trata mal aliados de última hora e comentários mostram desespero

Diário de Pernambuco

Publicação: 08/07/2014 11:42 Atualização: 08/07/2014 14:23

Os aliados do candidato ao governo Armando Monteiro (PTB) estão gostando das declarações ácidas proferidas pelo ex-governador e candidato à Presidência Eduardo Campos (PSB). Para a base de Armando, os comentários contraditórios e desrespeitosos, mostram um "sinal de desespero", segundo alguns políticos ouvidos pela reportagem do Diário.

Para o deputado federal Sílvio Costa (PSC), o ex-governador não foi feliz em suas declarações. "Ele já chegou a chamar alguns aliados de 'parasitas do poder'. O ex-governador costuma dar esse tipo de tratamento a quem adere às candidaturas apoiadas por ele de última hora", disparou. Segundo Sílvio, este seria um claro sinal de desespero por parte da Frente Popular.

Ontem (segunda-feira), durante o segundo ato de campanha do afilhado Paulo Câmara, Eduardo mandou um recado. "Todos vão pensando numa campanha colada. Quando chegar em setembro é do mesmo jeito que eu vi os vereadores na eleição de Geraldo (Julio, prefeito do Recife). Até setembro era de um jeito. Em setembro, quando Geraldo disparou, a fila chegou na porta. Aí você sabe que a fila se organiza pelo mérito. É meritocracia!", disse.

(DP-1)

A notícia acima trata de um fato que ocorreu durante a campanha eleitoral do ano de 2014 (o contexto extraverbal dessa notícia será melhor explicitado na seção seguinte do texto). Para noticiar sobre ele, a DP-1 respondeu às seguintes perguntas:

- Quem? Os aliados de Armando Monteiro
- O que? Gostam das “declarações ácidas” proferidas por Eduardo Campos;
- Quando? “Ontem”, segunda-feira, dia sete de julho de dois mil e catorze;
- Onde? O “onde” apresentado na notícia se refere ao ato de Campos, que seriam os locais nos quais os atos de campanha vinham acontecendo, e não

²⁹ No entorno do texto.

³⁰ Transcrevemos a notícia para facilitar a leitura.

ao “onde” aconteceu o fato de os aliados de Armando terem gostado das declarações do candidato da oposição.

- Como? Demonstrando satisfação frente aos desrespeitos de Campos aos aliados de última hora;
- Por quê? Porque o ato de Eduardo Campos seria um sinal de desespero na campanha eleitoral.

Outro ponto importante a se considerar, em se tratando do gênero notícia, são as especificidades que ele adquire devido às influências do suporte. A esse respeito, Marques (2008, p. 2) diz que, frente às exigências da sociedade globalizada, as fronteiras do espaço e tempo têm sido estreitadas com as tecnologias modernas que têm permitindo a transmissão quase que simultaneamente ao acontecimento dos fatos que são noticiáveis.

Pensando nessa mesma linha, Ribeiro et al. (2009) afirmam que a esfera jornalística, sob a influência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs, doravante), ocupou o espaço virtual, assumindo diferentes configurações e, com isso, presenciamos o surgimento do jornalismo virtual cada vez mais rápido e concorrente³¹ e, conseqüentemente, uma diversidade de formas e ferramentas para interação. Esse jornalismo sob influência das TICs, o jornalismo digital, é marcado, em especial, pelas seguintes características: pela convergência e multiplicidade de mídias; pela possibilidade de interação do leitor com a informação de modo mais rápido e instantâneo³²; pela ligação hipertextual com fontes diversas em relação ao que se noticia; e pelo acesso a arquivos quase infinitos relacionados à informação veiculada (RIBEIRO et al., 2009, p. 4-5).


Essa mudança operada no jornalismo afetou também as suas “formas” discursivas, pois fez com que houvesse uma pressão grande em relação à instantaneidade na divulgação de notícias, tendo em vista que elas não terão valor se forem “velhas”. É por isso que, no ambiente virtual, “o relato jornalístico se constrói muitas vezes como narrativa continuada e pressupõe um acompanhamento ao longo do tempo” (ALDÉ et al., 2005 p. 193). Isso podemos perceber a partir da lista de

³¹ Há uma corrida pelo chamado furo de reportagem e pela atualização das notícias, sobretudo em ambientes digitais.

³² Aqui, pode-se refletir tanto sobre a rapidez no acesso quanto sobre os “pacotes prontos” da mídia.

notícias divulgadas pelo DP no dia do acidente que matou o então candidato a presidente da república, Eduardo Campos (figura 10, abaixo).

Figura 10: Lista de notícias do DP no dia da morte de Campos

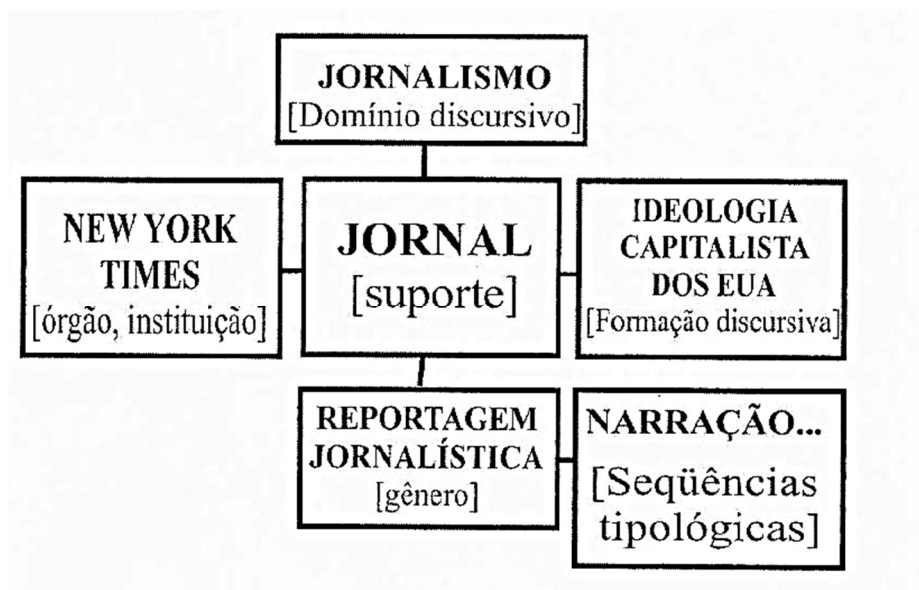
13:21	Aeronáutica já começou a investigar acidente com Campos
13:19	Dilma cancela compromissos de campanha do dia, devido à morte de Eduardo
13:19	TCU suspende sessão e decreta luto por morte de Campos
13:18	Líder diz que PPS está 'órfão' com morte de Campos
13:18	Confirma o perfil de Eduardo Campos
13:17	Maurício Rands não estava na aeronave que caiu em Santos
13:16	Governo de PE não se pronuncia sobre acidente com Campos
13:14	Aécio cancela agenda e se diz 'perplexo' com o acidente
13:11	Aeronave que levava Campos estava regular, informa Anac
13:11	Armando Monteiro e João Paulo cancelam agenda depois da morte de Eduardo Campos
13:10	Marina Silva não estava na aeronave que caiu
13:09	Conselho de Ética encerra reunião após morte de Eduardo Campos
13:08	Confirmada morte de fotógrafo da campanha de Campos, Alexandre Severo
13:08	Sete pessoas morreram no acidente aéreo
13:07	Coordenador da Rede diz que Marina está 'chocada'
13:06	Rede lamenta morte de Eduardo Campos no Twitter
13:04	Ana Arraes, mãe de Campos, deixou TCU após rumores
13:04	Assessor de Campos cancela palestra após acidente
13:01	Rede Sustentabilidade se pronuncia sobre morte de Eduardo Campos
12:58	Miguel Arraes também morreu no dia 13 de agosto
12:56	Erundina se diz 'chocada' com queda do jato de Campos
12:54	Todos os passageiros teriam morrido no acidente, diz parlamentar
12:44	Morre o ex-governador e candidato à Presidência Eduardo Campos 
12:33	Eduardo Campos estaria dentro do avião que caiu em Santos, diz aliado
12:30	Alckmin vai a Santos após queda de aeronave na cidade
12:29	Feldman: Campos estava em avião que caiu em Santos
12:14	Queda de aeronave em Santos preocupa equipe de Eduardo Campos

Percebemos que o *site* do jornal vai sendo alimentado com notícias no decorrer do dia, o que faz com que as notícias sejam construídas como uma espécie sequência narrativa; ou seja, cada nova notícia vai acrescentando informações ao fato anteriormente anunciado, nesse caso, à morte de Eduardo Campos.

Essa especificidade, que a notícia adquire em suporte virtual, remonta a um esquema proposto por Marcuschi (2003), que, tratando da questão do suporte textual, traz uma reflexão bastante contundente vistas ao nosso objetivo. No estudo, apesar de se filiar à linguística textual, o autor diz que o suporte deve ser olhado em conjunto com todos os elementos que constituem um gênero, pois cada elemento tem

relevância para o sentido global; ou seja, Marcuschi ratifica, ainda que não explicitamente, o pensamento de bakhtiniano, que entende que todos os elementos constitutivos de um gênero fazem parte de um diálogo, que é base de qualquer “forma” de linguagem. Vejamos o esquema:

Figura 11: Relação entre os diferentes elementos de um gênero conforme Marcuschi (2003, p.14)



No esquema, Marcuschi, visando ilustrar sua proposta, traz como exemplo o jornalismo como um domínio discursivo (uma esfera da atividade comunicativa humana) e a partir de então fala dos diferentes elementos que devem ser considerados na produção de sentidos. Assim, para o autor, o jornal seria o suporte, o *locus* físico; a ideologia se oferece como a formação discursiva³³. Já a reportagem jornalística seria o gênero, e as narrativas seriam o tipo textual usado para a materialização do texto.

Vemos que, na proposição de Marcuschi (2003 p. 14), há a consideração de diferentes elementos para a compreensão dos fenômenos da linguagem, o que vai em linha semelhante às ideias do Círculo, e, em certa medida, também, à proposta de

³³ **Formação discursiva** (FD) é um conceito comumente usado na Análise do Discurso de linha francesa (AD), introduzido por Foucault e reformulado por Pêcheux. Foucault usa, em Arqueologia do saber, o termo para se referir a um conjunto de enunciados que são determinados pelo mesmo conjunto de regras sócio-histórico. Já Pêcheux reformula esse conceito, tomando a FD como posições político-ideológicas que não são feitas nos indivíduos, mas os organiza em formações que mantêm relações de antagonismo, de aliança ou dominação (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 240-242).

Sousa (2002) e a concepção de esferas discursivas e suas implicações ideológicas para suas formas de linguagem de Bakhtin (2011c [1952/53]).

Dito isso, cabe reafirmar que não podemos esquecer que, como afirma Silva (2006, p. 15 *apud* ROSSI; RAMIRES, 2013, p. 80), “Todo fato é percebido e construído constantemente na recategorização dos objetos do discurso [...] o mundo real depende dos nossos valores”. Nisso está implícito, como defendem os integrantes do Círculo de Bakhtin, que nossos valores são determinantes de nossas práticas sócio-discursivas, logo também de notícia.

É nesse sentido que, entendendo o enunciado como constituído por um diálogo único, acreditamos que captar os valores, ou as avaliações, em relação ao objeto do discurso requer que os fios dialógicos ideológicos que dão sustentação aos dizeres sejam investigados. Por isso, procedemos, na seção seguinte, à questão do dialogismo e das marcas dialógicas que se mostram na materialidade verbal.

5 LINGUAGEM E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: O DIALOGISMO COMO CARACTERÍSTICA BASE DA INTERAÇÃO VERBAL

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascido no diálogo de séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles irão sempre mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, diálogo futuro.

(Bakhtin)

Nesse excerto (BAKHTIN, 2011f [1974], p. 410), podemos perceber o grande enfoque que é dado ao caráter dialógico da linguagem, peça chave em se tratando do legado teórico deixado pelo grupo de estudiosos, denominado Círculo de Bakhtin, que desenvolveu suas reflexões sobre linguagem, literatura, estilística, ciências dentre outras áreas e questões. No caso desse trecho, Bakhtin, no texto *Metodologia das ciências humanas*, sai em defesa das ciências humanas advogando que essas requerem uma metodologia diversa da que é praticada na Ciência natural/positivista vistas à especificidade de seus objetos: os objetos das ciências humanas não podem ser tomados no seu caráter de coisa, pois estes estão envoltos em relações de sentido, ou seja, relações dialógicas. Por isso, nesta parte do texto, focamos nas marcas dialógicas que se avultam na materialidade verbal dos enunciados.

Em se tratando especificamente do estudo da interação verbal, as relações dialógicas são a base principal sobre a qual se apoia a concepção de linguagem que emerge das reflexões do Círculo, pois, como afirma Fiorin (2008, p. 24), “(...) o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado”. Segundo o autor, esse também é o princípio responsável pela unificação da teoria bakhtiniana, pois “O dialogismo são as relações de sentidos que se instauram entre enunciados” (p. 19), sem as quais não há enunciação nem interação.

Ainda a respeito dessa questão, cabe acrescentar, Flores e Teixeira (2012, p. 45) afirmam que o dialogismo subjaz toda e qualquer utilização que se faça da teoria bakhtiniana. Isso se deve ao fato de que, mais que uma concepção dialógica de

linguagem, Bakhtin tem uma concepção dialógica de mundo: é o que se evidencia em *Para Uma Filosofia do Ato* (2010 [1919/20]). Assim, para explicitar melhor a importância dessas relações para a compreensão da linguagem no entender dos estudiosos do Círculo, passemos à discussão de alguns pontos essenciais trazidos e tratados em seus escritos.

Dentro desse modo de pensar a linguagem do Círculo, ela é entendida numa dimensão social, como já pontuado nas seções precedentes. Isso se deve ao fato de a língua (e, conseqüentemente, a linguagem) ser socialmente constituída e os indivíduos a adquirirem, constituírem suas consciências, linguístico-socialmente por meio da interação verbal, ou seja, em um processo dialógico. É o que defende Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 120) ao dizer que

A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em conseqüência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social.

Com isso, os autores defendem que a linguagem é social por excelência e qualquer processo que a envolva também o é. É o caso da constituição do sujeito (que será discutida e aprofundada na sexta seção deste texto). Segundo Fiorin (2008), em empreendimento introdutório ao pensamento bakhtiniano, esse processo de constituição do sujeito é puramente dialógico e o autor o aponta como um dos três tipos de dialogismo existentes nos escritos do Círculo: o dialogismo constitutivo do indivíduo-sujeito.

Além desse tipo de dialogismo, Fiorin (2008) defende que há mais dois: o dialogismo constitutivo e o dialogismo composicional. No que se refere ao dialogismo constitutivo, o autor diz que um enunciado só adquire sentido em relação com outros enunciados, por isso a relação de diálogo é inerente ao enunciado, é constitutiva dele; já o dialogismo composicional, para Fiorin, relaciona-se à apropriação do discurso de outrem (nas suas diferentes formas, marcadas ou não) na constituição de enunciados.

Assim, percebemos que o dialogismo é constitutivo não só da comunicação concreta, mas, também, da própria consciência, que se dá através da linguagem de acordo com Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), ou “semioticamente” nas palavras de Fiorin (2008).

Quando focamos na linguagem verbal materializada em enunciados, a questão da natureza social também é determinante. Aqui convém lembrar e ressaltar que,

no entender do Círculo, a linguagem é constituída a partir de um sistema linguístico (parte imanente), a língua no sentido saussuriano. No entanto, na interação verbal, a língua por si só não dá conta da interação, por isso, na interação verbal, são construídas relações de diálogo com diversas instancias da enunciação, sem as quais a comunicação seria inviabilizada (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]). Essas relações são as relações dialógicas.

Bakhtin reconhece que a língua é construída também socialmente, mas ela é da ordem do imanente, do repetível, e por isso, menos suscetível a mudanças, constituindo as chamadas “forças centrípetas³⁴” (BAKHTIN, 1998 [1934/35] p. 81-82). Nesse caso, afirma Bakhtin (2011c [1952/53], p. 296), ao diferenciar a oração do enunciado, na língua se estabelecem relações lógicas, já na linguagem o que operam são as relações dialógicas que se materializam em unidades da interação verbal, em enunciados.

Apesar de na língua se estabeleceram apenas relações lógicas, ela é imprescindível às relações dialógicas, pois, como lembra Bakhtin (2011d [1959/60], p. 323), as relações dialógicas pressupõem uma língua, embora não exista nela. É nesse sentido que Faraco (2006, p. 64), em empreendimento de escrita de uma síntese do pensamento do Círculo, diz que, para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico entre no plano do discurso por meio de enunciados.

Assim, a partir dos estudos do Círculo, evidencia-se que, no plano da enunciação, a orientação social se evidencia de formas diversas na linguagem por meio: da orientação social, para o outro; da presença de diferentes vozes sociais que dialogam ou se conflitam; da materialização do enunciado enquanto elo entre os já-ditos e a presunção de respostas; da adequação ao contexto enunciativo; e das marcas valorativas/emotivo-volitivas/axiológicas do sujeito em relação ao objeto da enunciação.

Essas marcas da orientação social são também responsáveis pela caracterização da dialogicidade da linguagem; são elas que dialogizam os enunciados da comunicação real. Essas marcas, que constituem as relações dialógicas, são materializadas por meio do material linguístico, pela parte imanente da linguagem, e qualquer processo de compreensão deve partir desse material linguístico.

³⁴ Para o Círculo, há na linguagem forças centripetas que são responsáveis por manter a estabilidade da linguagem; referem-se ao imanente, ao repetível, compartilhado entre os falantes. Há, em oposição a estas, há as forças centrifugas que se referem ao irrepitível, ao individual e sempre novo.

Nesse ponto, acreditamos que seja pertinente trazer a afirmação de Volochinov (2013c [1930b], p. 169) sobre a relação da orientação social e a escolha do material linguístico. Para o filósofo, “a orientação social é uma das forças vivas organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação”. Ou seja, até mesmo a parte linguística do enunciado, que é da ordem das relações lógicas, é determinada em vista do social, das relações dialógicas estabelecidas na instancia de enunciação.

Sendo assim, já que a materialização verbal da linguagem serve como meio e “*locus*” de diálogo entre diferentes instâncias, esse deve ser ponto de partida para investigar os fios dialógicos que dão sustentação aos dizeres dos sujeitos sócio-historicamente situados.

Até aqui, já podemos perceber que as relações dialógicas são a condição *sine qua non* da linguagem, pois elas são relações de sentido, a partir das quais é possível aos parceiros de interação construir sentidos para os enunciados, textos, discursos, etc., ou seja, a construção de sentido sempre se dá de forma dialógica. Por isso, no estudo da linguagem, as relações existentes entre enunciado e realidade, entre o enunciado e o locutor (autor) devem ser estudadas; deve-se ter em conta essas relações de sentido que se instauram entre as diferentes instancias da palavra no jogo da interação (BAKHTIN, 2011d [1959/60], p. 307-330).

Esse caráter dialógico é algo inerente à linguagem como um todo; não é algo exclusivo da linguagem verbalizada, pois, como defende o próprio Volochinov (2013c [1930b], p.164), mesmo na linguagem interior, as formas de intervenções verbais realizadas são totalmente dialógicas, pois estão repletas de valorações de um ouvinte potencial, dirigidas a um público, também potencial e são modeladas a partir desse público, mesmo que o pensamento não tenha sido exteriorizado pelo indivíduo em nenhum momento. Ainda, segundo Volochinov (2013c [1930b], p. 165), essa dialogização da linguagem interior se evidencia quando temos que tomar uma decisão e começamos a discutir conosco mesmos, buscando convencer-nos da decisão mais adequada. Nesse caso, para o autor, a consciência parece quase dividir-se em duas vozes distintas que se contrapõem.

E, por defender uma perspectiva marxista da linguagem, sobre essa discussão interna, Volochinov (2013 [1930], p. 165) ainda diz que “sempre uma dessas vozes, independente de nossa vontade e de nossa consciência, coincide com a visão, com

as opiniões e com as valorações da classe a que pertence. A segunda voz é sempre o representante típico, ideal, de nossa classe”.

Apesar de ser de relevância elementar para a compreensão da natureza dialógica como característica inerente à linguagem, a linguagem interior não será nosso foco principal, já que para a ADD, perspectiva na qual se insere essa pesquisa, partimos do material verbal, no nosso caso, de enunciados escritos, para as análises, e, por isso, só é possível buscar reconstruir os fios dialógicos dos discursos apoiados nas marcas linguísticas da dialogização deixadas na materialização verbal da linguagem.

Vistas a isso, passemos às marcas apontadas acima como as formas de materialização verbal da dialogização da linguagem. Convém advertir que as marcas de dialogização que apresentaremos a seguir em tópicos separados, na linguagem, se apresentam de forma imbricada, diríamos até indissociável. Todavia, vistas a uma didatização dessas formas de diálogo na linguagem, ousamos apresentá-las separadamente. Dito isso, vejamos esses indícios da orientação social/dialógica na linguagem de forma mais detalhada.

5.1 A ORIENTAÇÃO PARA O OUTRO

Na teoria dialógica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, um dos aspectos constitutivos da linguagem é a orientação para o interlocutor, para o outro, pois essa orientação constitui a base arquitetônica do pensamento do Círculo. Essa base arquitetônica é um dos focos de Bakhtin (2010 [1919/20]) no texto *Para uma Filosofia do Ato*. Segundo o filósofo, para o entendimento da linguagem deve-se buscar o que é da ordem do individual e irrepetível e, para isso, deve-se recorrer aos momentos básicos de sua construção, ou seja, as relações que constituem a arquitetônica³⁵ do pensamento do Círculo bakhtiniano: *o eu-para-mim, o eu-para-o-outro e o outro-para-mim*.

Essas relações de base da linguagem, evidenciam que a linguagem é produto de interação entre interlocutores (mesmo que um deles não seja um interlocutor real). Nesse sentido, a linguagem existe em função da interação, em função da

³⁵ Base que dá sustentação a teoria da linguagem do Círculo.

intersubjetividade dos sujeitos. E, além disso, segundo Bakhtin (2010 [1919/20], p. 115), o “eu”, o “outro” e o “eu-para-o-outro” são responsáveis por todos os valores sócio-espáço-temporais de toda a linguagem na interação verbal; os valores são construídos nesse processo de interação intersubjetivo entre sujeitos.

Disso temos que, na formulação de enunciados, o locutor serve-se de elementos reiteráveis da língua; serve-se também da parte não verbal, e atrelado a isso, atribui uma posição valorativa em relação ao objeto de enunciação. Tudo isso é determinado pela orientação social para o outro, pela base arquitetônica da linguagem.

Nas palavras de Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 115)

(...) toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*.

Dessa forma, na linguagem, o locutor é tido como um sujeito que faz uso da linguagem como resposta a outro locutor, e essa sua resposta dá margem à resposta de outro locutor, constituindo um diálogo no sentido estrito e amplo da palavra.

No que se refere ao gênero notícia, por si só, ele já é uma forma discursiva que visa ao outro, ao público e, por isso, é sempre dirigida a outrem, fornecendo informações que o jornalista (ou a empresa jornalística) julga necessárias. Nesse caso, não há marcas linguísticas específicas que apontem o direcionamento para o interlocutor, mas a seleção das informações contidas nas notícias e até mesmo a seleção dos seus elementos linguísticos, como afirma Volochinov (2013c [1930b], p. 169), se dará mediante a consideração dele. No trecho a seguir da JC-2, percebemos que o enunciador traz as informações que ele julga ser do interesse do seu público-alvo.

A missa de 30º dia da morte do ex-governador Eduardo Campos, no final da tarde desse sábado (13) na Igreja de Casa Forte, foi marcada por emoção e homenagens. A viúva Renata Campos chegou acompanhada dos cinco filhos e da mãe e do irmão de Eduardo, Ana Arraes e Antonio Campos. O padre Edvaldo Gomes, próximo à família, foi quem passou o recado político na celebração, usando como exemplo a foto de Eduardo impressa num livro com a liturgia da missa.

(Trecho JC-2)

A notícia, direcionada ao público-leitor (outrem), refere-se à missa de trinta dias de morte de Campos. E, a respeito disso, traz as principais informações relacionadas ao acontecimento, ou seja, informa sobre o dia (“no final da tarde desse sábado (13)”), o local (“na Igreja de Casa Forte”), fornece informações sobre a família do candidato (“A viúva Renata Campos chegou acompanhada dos cinco filhos e da mãe e do irmão de Eduardo, Ana Arraes e Antonio Campos”) e aponta fatos “relevantes” da ocasião (“O padre Edvaldo Gomes, próximo à família, foi quem passou o recado político na celebração, usando como exemplo a foto de Eduardo impressa num livro com a liturgia da missa”). Como objetivou informar, teve em vista um público-alvo determinado e, nesse sentido, levou-o em consideração.

Sendo assim, na busca da interpretação dos fios dialógicos que dão sustentação ao dizeres, essa relação entre interlocutores é um aspecto a ser investigado, pois essa relação entre eles é definidora de valores e sentidos de textos, enunciados e discursos. No entanto, não é a única relação a ser observada; devemos também levar em consideração o diálogo entre diferentes vozes sociais, como veremos a seguir.

5.2 DIFERENTES VOZES SOCIAIS NA ENUNCIÇÃO

Ao tocar na questão da relação entre interlocutores na interação verbal trazemos à tona a questão da pluralidade de vozes sociais que se encontram, dialogam ou se conflitam na interação verbal. Essa é uma questão amplamente discutida por Bakhtin (1998 [1934/35]) no texto *O Discurso no Romance*, no qual ele sugere que uma abordagem correta e sem preconceitos das formas retóricas revelaria com grande precisão os aspectos próprios de todos os discursos, ou seja, sua dialogização interna e os fenômenos que a acompanham, tal como o plurilinguismo (1998 [1934/35], p. 79).

Apesar de seu foco nesse estudo ser o romance, as reflexões desenvolvidas por ele nesse ensaio corroboram as ideias desenvolvidas por ele e seus companheiros de Círculo em outros escritos que focam a linguagem propriamente. Ao sugerir uma forma de abordagem que leve em conta o dialogismo e o plurilinguismo no estudo do romance, Bakhtin diz que todo discurso encontra o seu objeto sobre o crivo de outrem,

pois o objeto já está também sobre a tônica do outro; por isso, orientado para o objeto, o discurso penetra esse meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos outros. No dizer de Bakhtin (1998 [1934/35], p. 86) “ele (o discurso) entrelaça com eles (discursos outros) em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros”. Tudo isso é constitutivo do discurso, materializado através dos enunciados na interação.

Além disso, Bakhtin (1998 [1934/35], p. 100) diz que “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada de intenções de outrem”. Ou seja, a linguagem se mostra como uma zona de tensões entre vozes de outrem, sócio-ideologicamente situadas; “todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas” (1998 [1934/35], p. 106).

Associado a essa forma de diálogo, há as relações de alteridade e de responsividade que se dão na linguagem, como veremos na seção seguinte.

5.3 O ELO ENTRE OS JÁ-DITOS E PRESUNÇÃO DE RESPOSTAS

No entendimento do Círculo, a linguagem não se relaciona unicamente com os interlocutores em relações de alteridade e de responsividade: a linguagem é definida, também, por essas relações no plano do conteúdo. Para Bakhtin ([2011d [1959/60], p. 329) “o enunciado se determina (na verdade, se define) [...] por sua relação imediata com os outros enunciados dentro dos limites de uma esfera de comunicação” e fora dessa relação o enunciado é um texto no sentido saussuriano, ou seja, diz respeito à parte imanente da linguagem, a língua na qual não há relações dialógicas, apenas relações lógicas.

Na interação entre indivíduos, há um jogo constante entre o já dado e o novo; ou seja, o indivíduo para conseguir interagir socialmente, deve partir de algo já dado, conhecido, e, a partir disso, ou em resposta a isso, construir seu enunciado gerando um evento singular e irrepetível que assim comporta um elemento novo por meio da adequação à instância de enunciação e da presunção das possíveis respostas ao seu enunciado, ou seja,

toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 99)

Esse jogo entre o dado e o por vir é peça chave para se entender os discursos, vistas que ele é regulador da enunciação e o reconhecimento desse jogo de dizeres no texto é uma das vias de investigação dos dizeres e de seus fios dialógicos, de construção de sentido.

No trecho a seguir, percebemos, na notícia, que há a retomada de um *dizer* anterior (divergência sobre o apoio do grupo Rede Sustentabilidade, liderado por Marina, à formação de palanques estaduais).

O pré-candidato do PSB à Presidência, Eduardo Campos, e sua vice Marina Silva, tiveram um encontro na quarta-feira (25), em Brasília, para tentar encerrar a crise causada pelas divergências entre os dois grupos na formação de palanques estaduais. [...] As alianças confrontam o discurso de Campos e Marina, em que tentam ser uma opção à polarização PT-PSDB na disputa nacional. Em compensação, no segundo maior colégio eleitoral do País prevaleceu a tese de candidatura própria.

(Trecho JC-1)

A partir do *dizer*, o JC informa o que os grupos em aliança (Rede e PSB) têm feito para buscar resolver o empasse (O pré-candidato do PSB à Presidência, Eduardo Campos, e sua vice Marina Silva, tiveram um encontro na quarta-feira (25), em Brasília, para procurar encerrar a crise causada pelas divergências entre os dois grupos na formação de palanques estaduais). No entanto, a notícia termina declarando que o empasse não se desfez (Em compensação, no segundo maior colégio eleitoral do País prevaleceu a tese de candidatura própria), dando espaço à reação resposta do público a respeito do acontecimento.

Além de considerar a dimensão alteritária e responsiva do enunciado, é preciso ter em conta que os enunciados se dão dentro de um contexto extraverbal que precisa ser explicitado para a compreensão do evento sócio-discursivo que se dá por meio da linguagem. Veja-se a seguir.

5.4 A ADEQUAÇÃO AO CONTEXTO DE ENUNCIÇÃO

Outra questão importante para o pensamento do Círculo é o fato de as interações verbais entre sujeitos se darem em diferentes esferas discursivas. Dentro dessas esferas, os enunciados são constituídos, levando-se em conta não só o verbal, mas também a parte não verbal que compõe a enunciação. Na teoria dialógica da linguagem, o compartilhamento dessa parte não verbal pelos parceiros de interação e entre o autor e o leitor é de suma relevância para a compreensão dos sentidos, visto que o seu desconhecimento, ou conhecimento apenas parcial, compromete a construção desse sentido. Portanto, a linguagem, na interação verbal, também está em constante diálogo com o não verbal.

Para Volochinov (2013a [1926], p.71-100), ao discorrer sobre a enunciação na vida e na arte, em defesa de uma poética sociológica, a enunciação na arte é da mesma natureza que a enunciação na vida, ou seja, social. Sendo assim, ele faz suas reflexões partindo da enunciação na vida e, por isso, mesmo estando diretamente ligado à poética nesse escrito, há vários conceitos que se apresentam como elementares para a compreensão na, e da, interação verbal na vida. Um desses conceitos é o de contexto extraverbal da enunciação. Esse conceito é ponto nodal para a compreensão da linguagem, pois, ao enunciar, o locutor o faz adequando-se às condições desse contexto extraverbal, e compreender requer o conhecimento desse contexto. Isso se evidencia por meio do exemplo que o próprio autor traz em seu texto:

Duas pessoas se encontram em uma casa. Estão caladas. Uma delas diz: “Bem”. O outro não responde nada.
Para nós outros, que não nos encontramos na casa na situação da conversação, todo esse enunciado é absolutamente incompreensível. A enunciação “Bem”, tomada isoladamente, é vazia de sentido. Não obstante, essa singular conversação entre os dois, que consta de uma só palavra expressivamente entonada, é plena de sentido, de importância e está perfeitamente concluída (2013a [1926], p. 78).

Para Volochinov, a incompreensão desse enunciado por quem se encontra fora da instância de sua produção se dá justamente pelo desconhecimento do contexto extraverbal. É necessário conhecê-lo. O contexto extraverbal na acepção volochinoviana comporta três elementos. São eles:

1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes (unidades do visível: a casa, a janela etc); 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhados pelos dois, e, finalmente, 3) a valoração compartilhada pelos dois, da situação (VOLOCHINOV, 2013a [1926], p. 78).

Ou seja, para que se compreenda de forma adequada o sentido, deve-se atentar para o diálogo que se instaura na linguagem por meio da adequação ao ambiente físico/espacial compartilhado pelos interlocutores, do compartilhamento entre interlocutores do conhecimento da situação e da valoração compartilhada dos dois da situação.

De conhecimento do contexto extraverbal, o enunciado, o exemplo que Volochinov traz em seu texto, fica pleno de sentido. Veja:

No momento da conversação, *ambos* os interlocutores *olharam* pela janela e *viram* que começava a nevar; os dois sabem que é mês de maio e que faz muito tempo que devia ter iniciado a primavera; finalmente, *aos dois* o inverno tão prolongado é um mal; *ambos* esperam a primavera e a queda da neve tão fora de época *entristece os dois*. *A enunciação se apoia diretamente* em tudo isto: no *visto conjuntamente* (os flocos de neve pela janela); no *sabido conjuntamente* (é mês de maio), e no meio *avaliado conjuntamente* (o inverno atrasado, o desejo de que chegue a primavera); tudo isso é abarcado pelo sentido vivo, aparece absorvido por ele e, sem dúvida, não está expresso verbalmente, não está dito. Os flocos de neve estão atrás da janela: a data, na folha do calendário; a valoração, na psique do falante, porém tudo isso aparece compreendido pela palavra “Bem” (grifos do autor) (VOLOCHINOV, 2013a [1926], p. 78-79).

Disso, percebemos que o que é “**visto conjuntamente**”, “**sabido conjuntamente**” e “**avaliado conjuntamente**” compõem o diálogo que se estabelece na linguagem e permite a construção do sentido que, como já dito, só pode se dar de forma dialógica.

5.5 AS MARCAS VALORATIVAS DO SUJEITO

Na concepção de linguagem que emerge dos estudos do Círculo de Bakhtin, outra questão de suma relevância é a questão ideológica do signo linguístico. Essa é uma questão amplamente tratada no texto *Marxismo e Filosofia da Linguagem* por Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]). Nesse escrito, ele defende que toda palavra é ideológica por excelência, ou seja, toda palavra carrega a ideologia social de uma determinada classe ou grupo social. No entanto, para o autor, na interação verbal, o

uso da linguagem não apenas reflete essa ideologia, a ideologia é também refratada pelo falante.

Isso evidencia que, na linguagem, se dá um diálogo ideológico, do qual as posições valorativas do sujeito emergem, e essas posições se evidenciam por meio da palavra. Para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 109) “toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa”. Isso se dá porque, no entender dos membros do Círculo, a linguagem está sempre carregada de posições valorativas, e são justamente os acentos avaliativos mostrados que dão vida às palavras, às enunciações, à linguagem como um todo.

E em se tratando de estudos das relações dialógicas do discurso, essas posições valorativas são elementos essenciais à compreensão, pois, de acordo com o Círculo, na linguagem se revelam as valorações e ideologias do sujeito em relação ao objeto da enunciação. Sendo assim, a linguagem é fruto desse diálogo entre ideologias e posições valorativas, estas como reflexo e refração daquelas. Por isso, acreditamos ser de suma importância trazer as marcas linguísticas de posicionamento do sujeito à análise a fim de lançar uma luz sobre a questão das práticas sócio-discursivas do jornalismo.

Acreditamos que todas as formas de diálogo apresentadas nas subseções desta parte do texto são relevantes à compreensão desse fenômeno. Assim, as tomamos como ponto de partida para as análises desta pesquisa, não esquecendo de fazer antes algumas considerações sobre sujeito (seção seguinte) para, assim, analisarmos a relação do sujeito-jornalista com o objeto de enunciação (Eduardo Campos).

Passemos à seção seguinte.

6 A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO SUJEITO DO DIÁLOGO: UM PROCESSO DE INTERAÇÃO ENTRE O “EU” E O “OUTRO” NA CONSTITUIÇÃO DO “UM”

A essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo considerado à parte. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais.

Lucien Sève

A epígrafe acima destaca a essência humana como não sendo algo inerente aos indivíduos, como não sendo algo instintivo, mas, sim, como algo de natureza social, algo construído na coletividade e por meio de relações sociais, por isso podemos dizer que ele toca na questão central desta seção: a constituição social do sujeito. Embora Lucien Sève (e Charlot) não seja integrante do Círculo de Bakhtin, esse modo de pensar a essência humana retoma (e ajuda a compreender, a nosso ver) a noção de sujeito desse grupo de estudiosos, pois o trecho que abre esta seção acaba por se aproximar do seguinte modo de pensar o sujeito de Bakhtin/Volochinov (2006 [1929])

O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico. (p. 58)

Assim, entendendo o sujeito como ser social, mas, ao mesmo tempo, também individual, discutiremos a noção de sujeito que perpassa as obras do Círculo, fazendo também um percurso histórico do lugar do sujeito na linguística, para discutir o sujeito-jornalista como ser a partir do qual se refletem e refratam valorações sócio-político-ideológicas.

Iniciamos, no entanto, com as reflexões de Charlot que, mesmo se ligando a uma outra linha de estudo (teoria da educação), tece reflexões interessantes (que ajudam, a nosso ver) à compreensão desse sujeito bakhtiniano. Desse modo, trazemo-las a pesquisa, em caráter de cooperação segundo a visão bakhtiniana de sujeito (apoiados na ideia de cooperação entre áreas de Bakhtin sobre cooperação entre áreas (2011e [1970/71])). Para Charlot (1997), tratando da teoria da educação, o reconhecimento do sujeito com todas as suas idiossincrasias é fundamental para a

compreensão das práticas de ensino (que se dão em linguagem) e, por isso, embora nossa pesquisa não se direcione ao ensino, acreditamos que a discussão que o autor tece sobre o processo de constituição do sujeito pode ajudar na direção da compreensão do sujeito bakhtiniano e, conseqüentemente, na análise dos sujeitos e suas marcas valorativas que se mostram a partir do nosso *corpus*, já que o autor, assim como os integrantes do Círculo de Bakhtin, vê o sujeito como socialmente constituído pelo outro, na alteridade. Diante disso, passemos inicialmente à discussão de Charlot para, em seguida, adentrarmos na noção de sujeito do Círculo.

6.1. DE HUMANO-INDIVÍDUO A SUJEITO

A discussão sobre sujeito empreendida por Charlot (1997) tem início a partir da necessidade de trazer à discussão o sujeito como elemento ativo no processo de ensino-aprendizagem, mas suscita questões imprescindíveis à compreensão do sujeito e à relação deste com a linguagem. Para o autor, há o entendimento de que cada indivíduo tem um modo de ser único, ou seja, se constitui como um sujeito único; no entanto, o ser humano não nasce já sendo este sujeito, pois, segundo o autor, se servindo das ideias de Kant e Fichte, o ser humano é um ser incompleto, imperfeito, pois precisa aprender para *ser* (sujeito) e, por isso, o autor diz que

Nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender para construir-se, em um triplo processo de “harmonização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem) e de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela) (CHARLOT, 1997 p. 53).

Percebemos que a constituição do sujeito se dá por meio do social: na *harmonização*, o indivíduo se iguala a seus semelhantes (seres humanos) por meio do contato social, por meio da interação; na *singularização*, o indivíduo, a partir do contato com os seus grupos sociais, constitui-se como um ser único, apesar de ser constituído a partir de outrem, do social; na *socialização*, o indivíduo passa a partilhar os “mesmos” valores e ideologias de seus grupos sociais e assume seu lugar como membro desses grupos.

Esse modo de Charlot (1997) pensar a constituição do sujeito evidencia o papel fundamental do contato, da linguagem. Nesse ponto, trazemos os estudos do Círculo,

relacionando-os aos de Charlot, para dizer que, se a linguagem é constituída de signos ideológicos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]) e o sujeito se constitui *na* e *pela* linguagem, ele incorpora e carrega marcas ideológicas dos grupos dos quais faz parte. Assim, o modo de ver o mundo desse ser que se mostra na linguagem vai ser perpassado pelas ideologias dos grupos sociais dos quais ele faz parte,

(...) pois não existe atividade mental sem expressão semiótica. [...] o centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a *expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação [...] *pela situação social mais imediata*. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 114, *grifos do autor*)

Desse processo, resulta um ser social, mas, ao mesmo tempo, individual, como pontua Fiorin (2008, p. 58), falando do sujeito bakhtiniano, ao dizer que “O sujeito é integralmente social e integralmente individual”.

Como é notável, esse processo de constituição de si mesmo (enquanto sujeito) só pode se dar a partir de outrem (membros da(s) comunidade(s) que ele faz parte e/ou tem contato), e, desse modo, Charlot diz que os sujeitos se constituem socialmente na alteridade por meio da educação, entendida como qualquer processo no qual o indivíduo seja ensinado a *ser*, sendo assim, engloba desde os primeiros contatos familiares até os contatos institucionalizados, como o ensino formal. Desse modo de ver a constituição do indivíduo enquanto sujeito, ressalta-se a importância das relações sociais nesse processo, pois só é possível tornar-se sujeito na interação com outros sujeitos, ou seja, as relações sociais constituem e são constituintes do sujeito.

O que Charlot defende toca em outro aspecto do sujeito bakhtiniano: o fato de ele ser dialogicamente constituído. Ou seja, “Ele (o sujeito) é um evento único, porque responde às condições objetivas do diálogo social de uma maneira específica, interage concretamente com as vozes sociais de um modo único” (FIORIN, 2008, p. 58).

Esse modo de pensar o homem (o sujeito) também relembra o que se disse anteriormente, sobre a relação entre sociedade e linguagem, pois é a linguagem que permite viver em sociedade e é por meio dela que se dão as práticas sociais e, conseqüentemente, o processo de constituição do sujeito. Além disso, como já mostrado, a linguagem traz consigo marcas do sujeito que enuncia; sendo assim, a consideração dessa relação é fundamental à compreensão dos fenômenos da

linguagem e do próprio sujeito, já que aquela é constitutiva deste e os dois se mantêm imbricados.

No entanto, nem sempre se considerou essa relação entre a linguagem, sociedade e sujeito nos estudos dos fenômenos da linguagem. Em alguns momentos históricos, e dada a perspectiva metodológica de estudo do objeto, a língua, o sujeito foi esquecido ou relegado a segundo plano, tendo importância primeira apenas a parte imanente da linguagem. Vistas a isso, façamos, pois, uma retomada histórica, ainda que breve, da consideração dessa relação entre língua e sujeito na Linguística³⁶.

6.2. UMA VISÃO DIACRÔNICA DO SUJEITO NA LINGUÍSTICA

No início do século XX, momento de decadência da metafísica e da ascensão de um novo modo de pensar as coisas do mundo, o científico (HEIDEGGER, 2009), há uma ampla discussão em torno dos critérios para conferência do *status* de Ciência. Dessa discussão, surgem alguns critérios e, para ser considerado ciência, um estudo deveria seguir as máximas da objetividade, da verificabilidade e da neutralidade. Em consequência disso, as ciências humanas/sociais foram relegadas ao patamar de *pseudociências*, pois estas não conseguiam atender a esses critérios, por tratarem de relações sociais/humanas, às quais a subjetividade é inerente.

No entanto, contradizendo esse pensamento da época, a Linguística, sendo ciência social/humana, atingiu o *status* de ciência. Dascal (1982) diz que, apesar de a linguística ser uma ciência social/humana, ela é pioneira dentre as ciências sociais, pois conseguiu o *status* de ciência a partir da adequação metodológica de Ferdinand de Saussure e da instituição de um objeto de estudo passível de uma análise aos moldes das ciências naturais: estudo da língua enquanto sistema de signos.

Em seu empreendimento científico-metodológico, Ferdinand de Saussure (1991[1916]) fez escolhas. Admitindo que a linguagem é formada de duas partes, a língua e a fala, optou por estudar a *língua*, que seria a parte comum aos falantes, ao contrário da *fala*, que seria individual. A partir disso, ele fez outras escolhas: considerando que o estudo da língua poderia se dar em dois diferentes eixos, o

³⁶ Tomamos como ponto de partida o início do século XX, quando a Linguística consegue o *status* de ciência por meio do empreendimento metodológico de Saussure.

sincrônico e o diacrônico³⁷, ele opta pelo estudo da língua em suas relações sintagmáticas e paradigmáticas pelo eixo sincrônico. Dessa forma, Saussure deixa de lado a fala, que seriam as manifestações individuais de apropriação da língua pelos falantes e, assim, também, exclui o sujeito e, conseqüentemente, as relações subjetivas do estudo da linguagem, pois, segundo sua proposta, as línguas naturais deveriam ser tratadas como entidades autônomas (SILVA, 2009, p. 83). Convém ressaltar que Saussure, ao deixar essas questões de lado, não desconsidera a fala ao optar pelo estudo da língua; ele apenas escolheu estudar a parte “comum” aos falantes de uma língua, mas o próprio autor afirma que a fala deveria ser objeto de estudo de uma “translinguística”.

Nesse modo de estudar a linguagem, chamado de estruturalista, o sujeito não era considerado, pois o sistema por si só daria conta de explicar os fenômenos da linguagem. Esse modelo de estudo, devido ao *status* científico, perdurou por muito tempo, até que, contrapondo-se ao Estruturalismo, “Chomsky viu que seus antecessores não davam valor ao produtor da fala, mas, sim, ao produto” (SILVA, 2009, p. 90) e surge uma nova corrente de estudo da linguagem, o *Gerativismo*.

Ao contrário de Saussure, Chomsky privilegiava o falante, mas focou no que ele dizia ser a competência inata do falante para a linguagem e, por isso, dava importância primeira às questões psíquico-biológicas que faziam do falante um ser hábil para uso da linguagem. Apesar de o falante ser considerado no *Gerativismo*, ele ainda não é visto como sujeito ativo que determina a linguagem e a construção de sentido por meio dela.

É apenas a partir do que Bárbara Weedwood (2002) chama de *guinada pragmática*, na segunda metade do século XX, que o objeto da linguística é ampliado, pois

Em vez de se preocupar com a estrutura abstrata da língua, com seu sistema subjacente (com a *langue* de Saussure e a competência de Chomsky), muitos lingüistas se debruçaram sobre os fenômenos mais diretamente ligados ao uso que os falantes fazem da língua (p. 144).

A língua em uso passa a ser preocupação dos linguistas, e a partir de então as questões relacionadas a esse uso, também, começam a ser olhadas dentro do estudo da linguagem, tais como o contexto de produção, o falante com sua subjetividade,

³⁷ O eixo *sincrônico* diz respeito a língua vista em um espaço determinado de tempo; o eixo *diacrônico* diz respeito à língua vista ao longo do tempo.

etc.. Assim, surgem diferentes perspectivas de estudos da linguagem nas quais se reconhece o seu carácter dual, constituída pelo aspecto formal, mas, também, por questões sociais, ideológicas e pela própria subjetividade constitutiva do sujeito falante.

Diversas perspectivas surgem a partir de então, tais como a linguística da enunciação, a linguística de texto, a análise do discurso, entre outras, nas quais o sujeito é partícipe dos sentidos construídos na, e pela, linguagem.

Desse quadro histórico que se figura, percebemos que, só, na segunda metade do século XX, mais especificamente em meados dos anos 60, o sujeito vai ganhando lugar no estudo da linguagem devido ao fato de se tomar a língua em uso como objeto de estudo. Assim, uma das correntes que toma o sujeito (ainda que visto de forma sumária) como condição *sine qua non* da linguagem é a linguística da enunciação (doravante LE), que surge frente ao questionamento de Émile Benveniste sobre como se dá a passagem da língua ao discurso. Desse questionamento de Benveniste, considerado o pai da LE, surge o entendimento da enunciação como sendo um ato individual de apropriação da língua que se dá na intersubjetividade dos sujeitos, sendo o sujeito entendido como um indivíduo subjetivo (BENVENISTE, 1995). Além disso, para Benveniste, a enunciação é composta pelas categorias de pessoa, lugar e tempo, ou seja, na instância de discurso há sempre um ***Eu*** falando para um ***Tu*** em um ***Aqui*** e um ***Agora***.

Apesar de caracterizar um ramo da Linguística no qual o sujeito ganha espaço, convém ressaltar que os preceitos que guiaram a LE foram antecipados em muito tempo pelos membros do Círculo de Bakhtin, como nos lembra Teixeira e Flores (2005), pois já nos primeiros anos do século XX, os filósofos se ocupavam em discutir questões relacionadas à linguagem, focando no uso, mas sem esquecer a forma, e tomando o enunciado como unidade da interação verbal na qual o sujeito se mostra como um ser-único em cada evento.

Vistas a isso, passemos à discussão do sujeito visto dentro dos estudos da teoria bakhtiniana, partindo, primeiramente, dos estudos de base filosófica que o Círculo empreende.

6.3. O ATO REALIZADO E O SER-ÚNICO RESPONSÁVEL

Antes de qualquer coisa, é mister ressaltar que falar de sujeito dentro da perspectiva bakhtiniana de estudo da linguagem é algo que requer atenção, posto que o sujeito não foi teorizado dentro dos estudos desenvolvidos pelo Círculo, no entanto, da concepção de linguagem e, mais que isso, da concepção de mundo, sobre a qual a teoria do Círculo está apoiada emerge, também, uma concepção de sujeito.

Ainda nos primeiros escritos do Círculo, percebemos que as discussões tecidas por Bakhtin apontam para uma concepção de linguagem que traz o sujeito e a sua subjetividade a ela atrelados. Bakhtin (2011a [1919], p. XXXIII), em *Arte e Responsabilidade*, o mais antigo dentre os seus textos publicados, já afirmava que “os campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade” e, com isso, já há uma indicação do papel do “indivíduo” (sujeito) na constituição dos sentidos.

No seu texto seguinte, cronologicamente falando, *Para uma Filosofia do Ato* (PFA), Bakhtin (2010 [1919/20]) discute a prática de objetivação do ato vivido por meio do método científico, alegando não ser a melhor forma de olhá-lo, pois o filósofo acredita que cada ato é único e, por isso, põe como ponto central a questão do ser-único em cada ato como dimensão indispensável em um estudo ético do ato. Sendo assim, propõe uma filosofia do ato que traz o próprio sujeito e seu modo de ser-único de cada ato-evento para essa discussão.

No início do século XX, momento de grande difusão da filosofia científica no qual a verdade e as coisas eram descritas a partir de sua parte repetível, imanente e livre de subjetividade, Bakhtin (2010 [1919/20]) vem questionar como seria possível enquadrar uma experiência própria e única mantendo a reponsabilidade ética com o ato/experiência, pois, segundo o filósofo, isso não seria possível sem que se perda o lugar do *ser-único* no mundo.

Segundo Bakhtin (2010 [1919/20]), o **ser-único** é o modo de ser único e inerente a cada ato realizado, constituído de forma dialógica, e isso faz com que o ser não tenha o direito de evasão do ato que toda a sua vida constitui, o que caracteriza, nas palavras de Bakhtin, o *não-álibi* do ser. Desse modo, não se pode separar o ato da vida real de sua objetivação/abstração; no entanto, vendo a situação que se figurava na época, o autor alegou que existiam dois mundos desvencilhados: o mundo no qual os atos das nossas atividades são objetivados e o mundo do qual esses atos realmente provêm e são realmente realizados uma e única vez (2010 [1919/20], p.

43). Esses dois mundos devem ser agregados para superar a não-interpenetração que se figura com o método científico.

Com isso, Bakhtin quer dizer que no estudo do ato efetivado da vida real não se pode desprezar a parte não imanente deste, ou seja, o aspecto abstrato do sentido e o aspecto histórico-individual devem ser levados em consideração nesse estudo. Sendo assim, o sujeito deve ser levado em consideração já que ele, como reflexo dialógico de sua vida inteira, se mostra como determinante e constitutivo do ser-único de cada evento.

Como cada ato-evento, por meio do qual o ser-único se mostra, é único, o sujeito, dentro dessa perspectiva, também o é. É nesse sentido que, em *O Autor e a Personagem na atividade estética (OAP)*, Bakhtin ([2011b [1920/30], p. 11) diz que

Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais -, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente.

Se avulta assim o entendimento de um *eu* em processo de *ser*; de um sujeito em processo de *devir*, em processo, apontado por Geraldí (2010) a partir dos escritos do Círculo, que se constitui nos momentos básicos essências da linguagem que são o *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*, portanto, de forma dialógica.

É nesse sentido que Tezza (2007, p. 234) diz que Bakhtin, nesta obra (OAH), ao discutir a relação entre o autor e a personagem, lança as bases de uma estilística geral, o que, ainda segundo Tezza, não demonstra apenas uma moldura internamente coerente para o enquadramento das obras de Bakhtin, mas, também, atrelado a isso, uma concepção de linguagem que pressupõe uma concepção de mundo e de homem. Sendo assim, conclui o autor, há em OAH o embrião filosófico que subjaz a toda a obra teórica de Bakhtin e do Círculo.

Apesar de, nesses primeiros textos, ter se preocupado mais com questões filosóficas que, de alguma forma, elucidam o entendimento de sujeito do Círculo, Bakhtin também se preocupou em discutir questões mais relacionadas à linguagem na vida, evidenciando a relação que Tezza (2007, p. 234) aponta entre concepções de linguagem, de mundo e de homem na sua obra. O Círculo se preocupou, ainda que não de forma direta, em falar sobre o sujeito que se constitui e se mostra na linguagem, ou, mais especificamente, na enunciação que, no entender do Círculo, é

a unidade da comunicação real. Por isso, passemos à discussão da relação entre sujeito e linguagem (enunciação) empreendida pelos filósofos russos.

6.4. SUJEITO E ENUNCIÇÃO

Como já dito na subseção anterior, nos escritos do Círculo, não há reflexões específicas sobre a noção de sujeito, mas esta emerge (está atrelada a) do seu entendimento de linguagem. Por isso, ao falar da natureza social/ideológica da linguagem, Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) toca na questão da constituição social da consciência do indivíduo (sujeito) e defende que ela é, também, um fenômeno puramente ideológico, social.

Desse modo, ao tomar a linguagem como centro organizador das relações sociais entre indivíduos, o autor a traz para um lugar de importância primeira a todos os processos de interação nos quais o ser humano está envolvido. Mas não é só isso. Para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), a própria constituição enquanto sujeito se dá pela linguagem, ou seja, “O indivíduo [...] apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico” (2006 [1929], p. 58).

Esse modo de pensar evidencia a concepção marxista de linguagem do Círculo (ainda que numa nova perspectiva dentro da tradição Marxista), na qual se enfatiza “(...) que a linguagem é formadora do ser social já em suas primeiras instâncias de relacionamento social” (FANINI, 2015, p. 19), pois, para ele, ela é ideológica e é a partir dela que o indivíduo se constitui enquanto **ser-único** (sujeito) – isso porque, para Bakhtin/Volochinov, o sujeito enquanto tal, reflete e refrata a si mesmo e a realidade por meio dos signos linguístico, ou seja, “O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se *refrata*” (2006 [1929], p. 45).

Logo, o entendimento de sujeito enquanto ser ideológico começa a se configurar a partir das reflexões da natureza social/Marxista de linguagem. Esse entendimento é fundamental para se prosseguir a noção de sujeito bakhtiniano (ainda que implícita na de linguagem), pois, para Bakhtin/Volochinov, qualquer que seja o tema ideológico, esse vai ter sempre um índice de valor que chega à consciência do sujeito e esse vai ser refletido e refratado de modo individual em cada ser-único. Nas palavras do autor,

O tema ideológico possui sempre um índice de valor social. Por certo, todos estes índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos, é toda ideologia. Aí eles se tornam, de certa forma, índices individuais de valor, na medida em que a consciência individual os absorve como sendo seus, mas sua fonte não se encontra na consciência individual. (2006 [1929], p. 44)

É nesse sentido que Fiorin (2008, p. 55), ao falar do terceiro tipo de dialogismo³⁸ (o autor entende que há três tipos de dialogismo nas obras do Círculo, como mostrado na seção 5), diz que o sujeito bakhtiniano vai se constituindo discursivamente, e constituindo sua consciência, por meio da apreensão das vozes sociais que constituem a realidade na qual o indivíduo está imerso e, também, através de suas interações dialógicas. Essas vozes, a partir de um jogo de interação complexo, dão origem a um ser social e ao mesmo tempo individual.

Fiorin (2008), também, afirma que, nesse processo de constituição do sujeito, há, semelhantemente à linguagem, um jogo de forças centrípetas e forças centrífugas, pois, para ele, nesse processo,

Há vozes que são incorporadas como a voz de autoridade. É aquela a que se adere de modo incondicional, que é assimilado como uma massa compacta e, por isso, é centrípeta, impermeável, resiste a impregnar-se de outras vozes, a relativizar-se. [...] Outras são assimiladas como posições de sentido internamente persuasivas. São vistas como uma entre outras. Por isso, são centrífugas, permeáveis à impregnação por outras vozes, à hibridização, e abrem-se incessantemente à mudança (p. 56).

Para o autor, o sujeito bakhtiniano é resultado do embate desses tipos de vozes; desse embate de forças.

Esse processo de interação de vozes sociais na constituição de um ser individual é característico do modo pelo qual, nos estudos do Círculo, “*o organismo e o mundo encontram-se no signo*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 47, *grifos do autor*). Assim, colocando o signo, que é “ideológico por excelência”, como um dos pontos centrais da constituição do sujeito, Bakhtin/Volochinov entende que o sujeito é puramente sócio-ideológico.

O conhecimento desse processo de constituição da consciência é necessário ao entendimento da dimensão valorativa da enunciação. Ele permite entender que as

³⁸ Cabe ressaltar que os propósitos de Fiorin são didáticos, já que esta obra do autor se trata de uma obra introdutória ao pensamento de Bakhtin. Na verdade, essa tripartição não existe no constructo teórico do estudioso e, além disso, ela deixa de fora questões importantes ao dialogismo bakhtiniano, como, por exemplo, o diálogo que se instaura na linguagem com o contexto extraverbal. Por isso, não concordamos que o dialogismo bakhtiniano se resume a essa tripartição.

práticas de linguagem que se dão em contexto social não podem ser tidas como neutras, pois advêm de um ser que é ideológico. Não se pode esquecer que a alteridade é a condição *sine qua non* do sujeito, mas, ao mesmo tempo, não se pode esquecer também que o ser que se constitui nunca é simples reflexo dos outros seres ideológicos das esferas da qual ele faz parte, pois, também, se dá um processo de refração através do qual o sujeito se mostra como detentor de um selo de sua individualidade. É com vistas a isso que de Bakhtin/Volochinov defendem que

Se o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo) quanto psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo de individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social. (2006 [1929], p. 58)

Ainda a esse respeito, segundo Teixeira (2006, p. 229), a visão sobre sujeito de Bakhtin “emerge e se sustenta na enunciação, entendida como um processo em que o *eu* se institui através do *outro* e como *outro* do *outro*, sendo pela inter-relação entre dialogismo e alteridade que se pode tentar cerca a subjetividade em Bakhtin”. Desse modo, o sujeito, assim como o enunciado, é constituído de um diálogo único em cada momento discursivo.

Partindo dessa visão, Dahlet (1997, p. 77 *apud* TEIXEIRA, 2006, p. 229) considera que “o dialogismo bakhtiniano se fundamenta na negação da possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz” e Teixeira (2006, p. 229) completa explicando que esse é o motivo pelo qual não há uma teoria do sujeito enquanto objeto, mas, sim, “uma teoria da linguagem fundada na idéia de que a interação verbal é o modo de ser social dos indivíduos”. Ou seja, para Bakhtin, não há sujeito sem linguagem.

Com isso, servindo-se de pensamento de Dahlet (1997, p. 60) a respeito do sujeito bakhtiniano, Teixeira (2006, p. 230) afirma que

Bakhtin relança a problemática do sujeito em uma concepção dinâmica de enunciação, como produto de uma voz na outra, em que a significação é produzida em direções diferentes, sob as pressões de um dialogismo que remete a ancoragem do sujeito à realidade do discurso, entendido como uma ‘*construção híbrida*’, (*in*)*acabada, por vezes em concorrência e sentidos em conflitos*” (*grifos do autor*)

É nesse sentido que a compreensão do sujeito se faz relevante para a compreensão dos valores que são inculcados nas palavras que materializam a

interação verbal por meio de enunciados. O diálogo de vozes e valores que se opera na linguagem opera-se a partir de um sujeito que se institui pela linguagem e, por isso, é visto, assim como o enunciado, como evento.

Buscando sintetizar essa visão de sujeito do Círculo, trazemos a seguir excerto de Severo (2008), que se debruça sobre os textos dos estudiosos russos, perseguindo essa noção de sujeito, e mostrando os caminhos à análise desse sujeito bakhtiniano. Para Severo,

(...) o sujeito/indivíduo em Bakhtin deve ser visto em relação às categorias de dispersão (ao invés da centralização), do concreto (ao invés do abstrato), do singular (ao invés do repetido), da alteridade (ao invés do eu), do diálogo (ao invés do monólogo), do convívio (ao invés da solidão), do discurso (ao invés do sistema abstrato de signos), do heterogêneo (ao invés do homogêneo), do sentido (ao invés da significação) e do devir (ao invés da cristalização) (2008, p. 59).

E a autora acrescenta que este sujeito nem é autônomo nem criador de sua linguagem, ele é constituído na alteridade e atravessado pelos diferentes usos de linguagem das esferas nas quais ele se inscreve (p. 60).

Acreditamos que essa compreensão de sujeito atrelada à enunciação do Círculo ajuda na busca de explicação para o fenômeno por nós investigado nesta pesquisa. Ou seja, na relação que se estabelece nas notícias entre **sujeito** (jornalista) e **objeto de enunciação** (no caso desta pesquisa, Eduardo Campos). Antes, porém, de iniciarmos nossas análises propriamente ditas, cabe trazer, na subseção seguinte, algumas questões referentes ao sujeito-jornalista como representante de uma ideologia editorial e, também, como personalidade coletiva a partir de alguns estudiosos da comunicação social e do jornalismo.

6.5 ENTRE A OBJETIVIDADE E A SUBJETIVIDADE, O COLETIVO E O INDIVIDUAL: O SUJEITO-JORNALISTA

Para falar do sujeito-jornalista, além da discussão sobre sujeito (apoiada na enunciação) do Círculo, é imprescindível que se leve em conta as discussões sobre subjetividade e *fazer* jornalístico; no entanto, essa é uma questão delicada, em se tratando dos estudos voltados para o jornalismo. Como já mostrado na seção três, há um embate entre os que argumentam que o *fazer* jornalístico é isento de subjetividade

(atividade sem um papel ativo do sujeito) e os que defendem que esta é uma prática à qual a subjetividade está inevitavelmente atrelada (atividade na qual o sujeito tem papel ativo). Portanto, para falar desse sujeito, precisamos tocar nessa polêmica.

Além disso, é importante atentar que para o fato de que o modo como o sujeito se mostra na enunciação jornalística mantém relação direta com o próprio modo de organização social dessa esfera. Desse modo, a discussão sobre o sujeito-jornalista também leva em consideração esse modo de organização social que interfere diretamente na constituição ideológica deste no *fazer* jornalístico.

Rossi e Ramires (2013), ao discutirem acerca da imparcialidade como critério de qualidade jornalística, mostram que as discussões sobre a dicotomia **objetividade versus subjetividade** não surgiram no campo do jornalismo, pois são mais antigas do que essa esfera da comunicação, datadas da Grécia antiga. Para os autores, essa dicotomia pôs, de um lado, os realistas, que defendiam que a verdade deveria ser vista em correspondência com a realidade e, do outro, os idealistas, que acreditavam que “a verdade é aquilo que é vantajoso para nós crermos” (p.79). No entanto, essa divisão se dá de forma semelhante, segundo os autores, no jornalismo, pois, semelhante à dicotomia supracitada, os jornalistas são postos em campos teóricos diferentes (dicotômicos): enquanto alguns profissionais admitem que a notícia constitui uma construção a partir de valores pré-estabelecidos, outros acreditam estar relatando a verdade à audiência (ROSSI; RAMIRES, 2013, p. 79). Essa divisão que se instaura no campo do jornalismo tem papel determinante no entendimento do sujeito-jornalista e seu papel social: enquanto os partidários daquele campo o veem enquanto ser que veicula, por meio das notícias, valores presentes, os partidários deste veem o sujeito como um ser avulso no processo de construção da notícia.

No entanto, apesar dessa dicotomia e embate de visões, os partidários do sujeito avulso se sobressaem e esta perspectiva, na qual a isenção é buscada, é tida como objetivo a ser alcançado e, por isso, posta como parâmetro de qualidade jornalística (ROSSI; RAMIRES, 2013). Porém, cabe ressaltar, nem sempre o jornalismo almejou o *status* de imparcialidade/isenção. Essa busca pela imparcialidade só foi adotada a partir do século XIX, quando surgiu a necessidade de distribuição de notícias para os diferentes públicos. É nesse momento que, segundo Rossi e Ramires (2013), os jornais que eram declaradamente parciais e partidários começam a buscar a objetividade, pois

Com o desenvolvimento industrial, os jornais, até então partidários, transfiguraram-se para jornais que ampliaram seus negócios e assim o mecanismo de mudança foi simples: ficou decidido que a notícia guardaria isenção e apareceria em sua forma crua, natural, sem interpretações (p. 79-80).

Esse movimento de interesse comercial foi o que começou, segundo Rossi e Ramires (2013), o processo de valorização da isenção nos discursos jornalísticos. Mas, ainda segundo os autores (p. 80), apesar de a influência de mercado ter motivado essa busca pela isenção, o capitalismo acaba, também, por ter determinação direta nessa prática sócio-discursiva de outra forma, de forma inversa: os jornais passam a ser empreendimentos que visam ao lucro e, sendo os jornalistas trabalhadores assalariados dos jornais, eles precisam escrever em favor dos empresários que lhes financiam.

Não obstante, cabe lembrar que a realidade não é algo exterior ao sujeito (como já pontuado na seção de abertura deste texto), pois a realidade é constituída em processo dialógico com instâncias diversas. Ou seja,

A realidade por si só, como vemos, não é algo puro. O real só existe quando estabelecemos interações com os acontecimentos e, como há condicionamento sociais, histórico-culturais, psicológicos, cada interpretação do que é real, dá-se de diferenciada para cada um (ROSSI; RAMIRES, 2013, p. 82)

Desse modo, segundo os autores, o perigo desse suposto jornalismo imparcial é que “Disfarçado sob a bandeira do imparcial, o real é muitas vezes o discurso oficial; expressa o interesse de determinado grupo no jogo do capital; ou faz propagandas de ideologias” (ROSSI; RAMIRES, 2013, p.82).

No que se refere a essa ideologia propagada, segundo Aldé et al. (2005), os jornais, enquanto empreendimento financeiro que precisa se compor com os interesses de sua clientela, público-alvo, assumem um determinado posicionamento ideológico. Esse posicionamento serve de parâmetro para a produção e circulação de informações. Ou seja, essa será a ideologia que será refletida e refratada pelo sujeito-jornalista na composição de suas notícias.

Por isso, nesta pesquisa, tomamos o sujeito-jornalista como o ser a partir do qual valores sócio-político-ideológicos (alinhados com sua clientela e financiadores) do jornal (grupo do qual o jornalista faz parte) são refletidos e refratados.

Essa ideologia tem papel determinante na prática jornalística, pois ela serve de filtro para tudo que se produz dentro da empresa jornalística; assim, mesmo os textos

assinados, como a coluna, por exemplo, em que os autores têm uma suposta liberdade para opinar, precisam estar alinhados com as diretrizes ideológicas do jornal. É por isso que Aldé et al. (2005) defendem que, em se tratando de jornalismo, há que se ter em conta que tudo o que é publicado é filtrado por uma personalidade editorial coletiva, ou seja, uma ideologia editorial.

Além disso, embora acreditemos que não seja uma exclusividade do jornalismo virtual, os autores defendem que, frente à necessidade de instantaneidade no jornalismo virtual, as notícias, por vezes, acabam sendo escritas coletivamente (caso em que as notícias não são assinadas), mas, mesmo nesses casos, há uma ideologia editorial que será propagada. Conseqüentemente, os jornalistas precisam seguir a linha editorial do jornal que estabelece as diretrizes que devem ser seguidas pelos jornalistas (essas diretrizes acabam por ser parte do sujeito que se mostra nos enunciados jornalísticos).

Assim, o sujeito-jornalista é um indivíduo que representa uma ideologia editorial que, enquanto tal, reflete e refrata um posicionamento sócio-político-ideológico do jornal para o qual trabalha. Dadas as exigências do meio virtual, esse sujeito também pode se apresentar como um ser coletivo (caso em que as notícias não são assinadas). Isso faz com que o sujeito-jornalista se encontre numa zona entre a subjetividade inerente ao sujeito e à linguagem e uma pseudo-objetividade que se estabelece como critério de qualidade. Além disso, esse sujeito também se encontra entre o individual, já que o jornalista é um ser que ocupa um lugar único no mundo, apesar de compartilhar valores com os integrantes das esferas nas quais se inscreve, e o coletivo, porque o sujeito que se inscreve em um enunciado jornalístico pode ser um sujeito coletivo, que representa mais de um jornalista e uma mesma ideologia.

De posse desta discussão sobre sujeito e sujeito-jornalista, e de posse também de todo o percurso traçado neste texto até este ponto, temos subsídios suficientes para, na seção seguinte, lançarmos olhar analítico aos eventos discursivos dos dois jornais mais lidos do estado de Pernambuco, DP e JC, a fim de averiguar *como a relação entre **sujeito-objeto de enunciação**, que é essencialmente social/dialógica, evidencia a relação entre fazer jornalístico e valorações sócio-político-ideológicas, por meio dos modos de apropriação dos discursos de outrem.* Passemos à análise.

7 EVENTOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS E POSICIONAMENTOS SÓCIO-POLÍTICO-IDEOLÓGICOS: ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E JORNAL DO COMMERCIO SOBRE EDUARDO CAMPOS

O grau de ideologização que reveste sua cobertura (da empresa jornalística) varia conforme o clima político da época.

Lage

Nesta seção, analisamos os eventos discursivos do DP e do JC a respeito de Eduardo Campos, candidato à presidência em 2014, buscando reconstruir os fios dialógicos que dão sustentação aos dizeres e mostrando que esse diálogo que se instaura como único em cada momento discursivo faz emergir imagens diferentes do candidato no período pré e nos períodos pós morte, sendo a sua morte, em período mais imeditamente posterior, um fator determinante para a exaltação de sua imagem. Para isso, observamos as questões ideológicas que se evidenciaram nos textos por meio do discurso citado, pela própria organização textual e por meio de palavras que mostram claramente a valoração em relação ao objeto de discurso. Levamos, também, em consideração o sujeito da enunciação, visto que esse é o ser a partir do qual se refletem e refratam essas questões ideológicas, ainda que o sujeito seja um sujeito coletivo que representa a ideologia editorial do jornal. Sabemos que, mesmo nesse caso em que o sujeito não está identificado, ele é peça chave, já que é a partir dele que o diálogo se instaura na enunciação e, no caso que trazemos à análise, não seria diferente. Nesse primeiro momento, analisamos a DP-1 e a JC-1 (primeiro recorte temporal, como apontado na seção um). Passemos à análise.

7.1 EVENTOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS ANTERIORES À MORTE DE EDUARDO CAMPOS

Neste primeiro momento, como já preconizado nos aspectos metodológicos desta pesquisa, tomamos os eventos discursivos do DP e do JC do período anterior à morte de Campos (DP-1 e JC-1), para analisarmos, por meio das marcas de

apropriação do discurso de outrem, da organização textual e das palavras que indicam claramente posicionamento valorativo, as imagens que são construídas do então candidato nesse período. Feito isso, comparamos as imagens dos dois jornais para investigar se há semelhanças no modo como o então candidato era caracterizado antes de sua morte. Iniciamos com a DP-1.

7.1.1 Análise da DP-1

Para contextualizar um pouco a DP-1, convém situar o contexto, ainda que de forma sumária, que gerou a notícia. No ano de 2014, Eduardo Campos se lançou como candidato à presidência do Brasil pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Como era um candidato não muito conhecido, precisava angariar votos Brasil a fora para buscar ganhar a eleição e, por isso, participou de comícios com seus aliados. Nesse ínterim, Campos buscou mostrar suas propostas de governo, apoiando-se no discurso de que o governo do momento era falho e que, por isso, não deveria ser mantido, sendo ele uma melhor opção para o Brasil.

Desse quadro surge a notícia: Eduardo Campos, em ato político com seu “afilhado” Paulo Câmara, teria dado declarações “ácidas” e, segundo os candidatos da oposição, esses “comentários contraditórios e desrespeitosos” seriam um “sinal de desespero” do candidato. Ainda, segundo a notícia, para o deputado federal Sílvio Costa, Campos “não foi feliz em suas declarações”, pois teria chegado a chamar seus próprios aliados de “parasitas do poder”, o que seria, para Costa, um “sinal de desespero da frente popular”.

Para a reportagem desse fato, o DP se serviu do discurso de outras pessoas, usando-os tanto no *estilo linear* quanto no *estilo pictórico*, (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]). Esses modos de apropriação do discurso de outrem evidenciam uma posição valorativa do sujeito-jornalista em relação a Campos, reforçada pela própria organização das informações na notícia e pelo uso de termos avaliativos na composição da notícia. Percebemos isso logo no início da DP-1, no título e *lead*, como já apontado em seção anterior. Veja-se:

Figura 12: Título e lead da DP-1

Campanha »

Aliados de Armando gostam de declarações ácidas de Campos

Para Sílvio Costa, ex-governador trata mal aliados de última hora e comentários mostram desespero

Tendo em vista que a função do título da notícia, segundo Araújo (2008), é chamar a atenção do público-alvo, percebemos que, no título, o jornal usa uma frase de efeito na qual há a expressão “declarações ácidas” para se referir às falas de Eduardo Campos em atos de campanha. Assim, logo no início da DP-1, por utilizar tal expressão, evidencia-se um posicionamento frente ao candidato do PSB, por meio do estilo pictórico de apropriação do discurso de outrem, ou seja, um posicionamento de oposição, pois, como Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) preconiza em *MFL*, toda palavra é ideológica por natureza e reflete e refrata as condições sócio-ideológicas da esfera que a gerou. Desse modo, o uso de “declarações ácidas” no título da notícia (e também no corpo da notícia, como se verá à frente), ainda que tenha sido tomado emprestado do discurso dos aliados de Armando, diz respeito ao próprio posicionamento que o sujeito-jornalista, que reflete e refrata a ideologia editorial da empresa a qual faz parte, assume frente a Eduardo Campos. Isso se evidencia, ainda mais, pelo fato de não haver qualquer artifício, dos apontados por Marques (2008), que supostamente postergaria a responsabilidade pelo uso da expressão a outrem.

No que se refere ao *lead*, o DP faz uso do discurso de alguém no *estilo linear*, de Sílvio Costa, mas toma-o para falar que o então candidato à presidência “trata mal os aliados” e “demonstra desespero”. Ao fazer isso, o sujeito-jornalista opta pela forma indireta desse estilo que, apesar de ter contornos delimitados, é mais suscetível a inserções de comentários e valorações pessoais no discurso de outrem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]). Esse modo de trazer o discurso citado é indicativo de que o próprio sujeito enunciador toma para si, fala junto com, o que Sílvio Costa diz.

No corpo da DP-1, também há outros discursos que são tomados para a constituição do seu todo enunciativo-discursivo. Como no trecho a seguir:

Figura 13: Excerto um da DP-1

Os aliados do candidato ao governo Armando Monteiro (PTB) estão gostando das declarações ácidas proferidas pelo ex-governador e candidato à Presidência Eduardo Campos (PSB). Para a base de Armando, os comentários contraditórios e desrespeitosos, mostram um "sinal de desespero", segundo alguns políticos ouvidos pela reportagem do Diário.

Nesse primeiro parágrafo da notícia, percebemos que, mais uma vez, temos o uso da expressão “declarações ácidas” sem qualquer artifício que delimitaria o discurso de outrem, no estilo pictórico (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), tal como o uso de aspas que é uma estratégia comumente usada no jornalismo para conferir uma suposta neutralidade axiológica frente ao fato noticiado (MARQUES, 2008, p. 10), o que é indicativo de um posicionamento político-ideológico de oposição ao PSB. Além disso, há o uso de outros termos que, mesmo sendo tomados estilo linear (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), também evidenciam esse posicionamento avaliativo, e anti-PSB, para referir-se ao discurso de Campos: é o caso de “os comentários contraditórios e desrespeitosos”. Esses termos carregam consigo uma carga valorativa, como é próprio da linguagem segundo Bakhtin (2011d [1959/60], p. 326), e, com isso, demonstram um posicionamento de reprovação das atitudes do então candidato. O uso de marcas do *estilo linear* na forma direta (menos suscetível a inserções de comentários) se dá apenas na segunda parte do parágrafo da DP-1, quando o discurso é atribuído à “base de Armando”, em “sinal de desespero”, discurso que é atribuído a aliados de Armando Monteiro (candidato a governador do estado de Pernambuco em 2014), políticos que, segundo o DP, teriam sido ouvidos.

No parágrafo seguinte do corpo da notícia, o sujeito-jornalista continua a usar de discursos de outrem na construção do seu próprio discurso.

Figura 14: Excerto dois da DP-1

Para o deputado federal Sílvio Costa (PSC), o ex-governador não foi feliz em suas declarações. "Ele já chegou a chamar alguns aliados de 'parasitas do poder'. O ex-governador costuma dar esse tipo de tratamento a quem adere às candidaturas apoiadas por ele de última hora", disparou. Segundo Sílvio, este seria um claro sinal de desespero por parte da Frente Popular.

Nesse excerto, percebemos que o discurso do deputado federal Sílvio Costa, do Partido Social Cristão (PSC), volta à cena, mas dessa vez, apesar de também no estilo linear, sob a forma de discurso direto. O discurso de Costa serve como exemplo do discurso dos aliados de Armando que viram, como sinal de desespero, a fala de Campos no ato político. Há também, dentro da fala de Costa, uma marca do discurso de outrem, “parasitas do poder”, que é atribuído a Campos. Isso evidencia a interação complexa entre vozes que se dá na enunciação, diálogo entre discursos sobre o qual dialogismo bakhtiniano se detém (BAKHTIN, 1998 [1934/35], p. 86). Além disso, o discurso de Sílvio Costa é acompanhado do verbo “disparou”, o que sugere ataque por parte do adversário político de Campos e evidencia, também, a interação entre a voz de Sílvio Costa e do sujeito-jornalista, pois, na construção discursiva, quando da apropriação do discurso de outrem, as duas vozes ressoam juntas, como sugere Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), ao dizer que, no discurso citado, ao invés de ceder espaço ao herói, autor e herói falam conjuntamente³⁹. Isso comprova, também, que, mesmo no uso do estilo linear, em sua forma direta (com contornos mais rígidos que a forma indireta), há a possibilidade de inserções de valorações no discurso apropriado.

É interessante notar que, nesse excerto, há o uso do termo “aliados” com sentido diverso do que aparece anteriormente: no excerto um da DP-1, há o uso do termo “aliados” para referi-se aos aliados de Armando Monteiro, opositores de Eduardo Campos; no excerto dois da DP-1, o mesmo termo é usado para se referi-se a outro grupo de pessoas, os aliados de Campos. Percebemos, assim, como adverte Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), que, na enunciação, o sentido é algo construído em interação com o seu contexto sócio-histórico. Ou seja, apesar de haver uma base imanente na qual o sentido se apoia (a significação), o sentido se constrói levando em consideração a parte contextual (o tema). Esse fato também ocorre no título e *lead* analisados no início desta subseção.

³⁹ Convém ressaltar aqui, mais uma vez, que, nesta pesquisa, fazemos a “transposição” das reflexões que Bakhtin empreende sobre o discurso citado no romance (acontecimento estético da esfera literária) para a análise de notícias (acontecimento ético da esfera jornalística). Essa ressalva se deve ao fato de reconhecermos que as esferas das quais emergem os gêneros em questão têm implicações sobre o modo como eles refletem e refratam a realidade.

Seguindo a análise dos modos de apropriação do discurso de outrem na composição do enunciado jornalístico, na última parte do corpo da DP-1, também temos um uso do discurso de outrem para a constituição do discurso do jornal.

Figura 15: Excerto três da DP-1

Ontem (segunda-feira), durante o segundo ato de campanha do afilhado Paulo Câmara, Eduardo mandou um recado. "Todos vão pensando numa campanha colada. Quando chegar em setembro é do mesmo jeito que eu vi os vereadores na eleição de Geraldo (Julio, prefeito do Recife). Até setembro era de um jeito. Em setembro, quando Geraldo disparou, a fila chegou na porta. Aí você sabe que a fila se organiza pelo mérito. É meritocracia!", disse.

No trecho supracitado, percebemos que o enunciador selecionou um trecho que comprovaria o que vinha sendo dito pelos opositores de Eduardo Campos a seu respeito, sobre os seus comentários que demonstrariam desrespeito. O sujeito-jornalista selecionou o trecho no qual Campos critica as alianças, os gestos de apoio, que se dão de última hora, o que, nas palavras de Campos, segundo o DP, caracterizaria a "meritocracia". Ao trazer esse discurso, o sujeito-jornalista, mais uma vez, evidencia seu posicionamento sócio-político-ideológico frente ao então candidato.

Nessa notícia, percebemos que o sujeito-jornalista se serviu de discursos de outrem para constituir seu próprio discurso. Em um primeiro momento, o texto apresenta o fato ao qual se refere apoiado no discurso dos aliados de Armando Monteiro (aliados de Armando Monteiro gostaram das declarações de Campos). Após isso, ele traz o discurso de Sílvio Costa para exemplificar a satisfação dos opositores de Eduardo Campos frente à sua atitude e finaliza trazendo a fala do próprio Eduardo Campos que evidenciaria, no dizer do jornal, as "declarações ácidas" do então candidato.

O modo como as informações foram organizadas na DP-1 sugere que houve um projeto discursivo (BAKHTIN, 2011d [1959/60]) anterior à sua constituição enquanto evento enunciativo-discursivo, pois, na notícia, o sujeito-jornalista se serve de trechos selecionados de discursos outros, dos aliados de Armando Monteiro, de Sílvio Costa e de Eduardo Campos, para construir o seu discurso. Esse modo de trazer o discurso de outrem para a composição da notícia evidencia uma estratégia

de legitimação do dizer, ou seja, as palavras de outrem são trazidas como argumentos de verdade que comprovariam a informação que o jornal traz, conferindo-lhe o *status* de verdade. Isso corrobora o pensamento de Volochinov (2013c [1930b]), para quem a intenção do enunciador, junto à consideração do público-alvo, são definidores de toda a composição do enunciado. Assim, não há como não levar em consideração que essas escolhas dizem respeito ao próprio modo pelo qual o sujeito vê a realidade, vê o fato em questão. Essa seleção do discurso de outrem se dá, como afirma Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), de acordo com o projeto intencional do enunciador, no caso, do sujeito-jornalista, representante da ideologia do DP.

Isso corrobora o que defendeu Bakhtin/Volochinov, ao dizer que toda enunciação comporta uma posição axiológica e nela há sempre uma posição de acordo ou desacordo com alguma coisa (2006 [1929], p. 109), pois, como vimos na notícia acima, que faz parte de um tipo relativamente estável de enunciado, há uma posição valorativa de oposição a Eduardo Campos evidenciada pelas marcas dialógicas de posicionamento axiológico. Esse posicionamento é evidenciado por meio das críticas tecidas ao candidato – candidato que estaria em desespero, que proferiria comentários desrespeitosos e contraditórios e que desrespeitaria seus próprios aliados. Dessa forma, ainda que a notícia atribua parte das críticas à oposição, um discurso, na perspectiva bakhtiniana, sempre é proferido por um sujeito que, enquanto tal, reflete e refrata as ideologias da sua esfera de comunicação. Dessa forma, os discursos de outrem usados na DP-1 também são parte do discurso do sujeito que representa a ideologia editorial do DP. Eles são mais que temas da DP-1; eles são parte constitutiva dela, confirmando o que defendeu Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) a respeito da questão do discurso citado.

A notícia é também um discurso do sujeito do jornal⁴⁰ em relação ao objeto da enunciação, ainda que dialogue diretamente com discursos outros, pois ele é resultado do diálogo e conflito de vozes (discursos) da oposição, de Eduardo Campos e do próprio sujeito do jornal. Isso se dá porque, como lembra Bakhtin (1998 [1934/35], p. 86), toda enunciação encontra o seu objeto sobre o crivo de outrem, pois o objeto já está também sobre a tônica do outro, por isso, por ser orientado para o objeto, o discurso penetra um meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos outros, ou

⁴⁰ Usamos *sujeito do jornal* porque o texto, embora tenha um autor (ainda que coletivo, representante da ideologia editorial do jornal), este não foi identificado, sendo assinado pelo próprio jornal.

seja, “ele (o discurso) entrelaça com eles (discursos outros) em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros”.

Desse modo, através do discurso citado, tanto no estilo linear quanto no estilo pictórico, mostra-se o diálogo entre as vozes de oposição e do próprio jornal, evidenciando o dialogismo que é inerente à linguagem e é tomado como momento base da notícia e determinante de todos os seus valores. Esse diálogo trabalha para a construção de uma posição axiológica que se instaurou e trabalha para a construção da imagem de Eduardo Campos como um político de discurso desrespeitoso com seus próprios aliados e, por isso, em desespero, o que, por conseguinte, o caracterizaria como um candidato inapto a assumir o cargo ao qual se propunha a assumir: presidente do Brasil.

Dito isso, passemos à JC-1.

7.1.2 Análise da JC-1

Iniciamos a análise da JC-1 trazendo algumas informações referentes ao contexto extraverbal da enunciação (VOLOCHINOV, 2013c [1930b]). A JC-1 é uma notícia que se detém à aliança para a campanha presidencial de Eduardo Campos e Marina Silva em 2014. A união dos dois candidatos, que tinham bases políticas diferentes, levantou discussões e dúvidas a respeito da consistência da proposta de governo do partido dos candidatos, ou seja, do PSB. A notícia pretende informar sobre uma reunião entre os dois candidatos para discussão de pontos de divergência, entre os dois grupos aliados.

No título da JC-1, sendo o título uma frase de efeito que visa chamar atenção do público, já é possível perceber indícios do posicionamento sócio-político-ideológico do sujeito-jornalista. Veja-se:

Figura 16: Título e *lead* da JC-1

ELEIÇÕES 2014

Eduardo Campos e Marina se reúnem para 'superar diferenças'

Em compensação, no segundo maior colégio eleitoral do País prevaleceu a tese de candidatura própria

Há, no título supracitado, o uso das aspas (um dos artifícios que delimitam fronteiras entre discursos, como sugere Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), e que confere uma suposta objetividade, que, supostamente, serve para transferir a responsabilidade pela expressão a outrem (MARQUES, 2008). No entanto, o uso das aspas, nesse caso, também serve como tom sugestivo de que esse “superar diferenças” não tenha de fato se dado, o que pode ser comprovado na leitura do *lead*, pois, nele, o enunciador mostra que o impasse permaneceu em parte. Esse modo de organizar o discurso de outrem e as demais informações no título e *lead* são indicativos de que a seleção e organização textual do enunciado são característicos de um projeto discursivo (BAKHTIN, 2011d [1959/60]), que põe em jogo questões extraverbiais e valorativo-ideológicas, como defendem os estudiosos do Círculo; é característico também de um posicionamento anti-PSB. Esse posicionamento comprova, como defende Lage (2013), que há relação entre política e *fazer* jornalístico, pois este, serve de meio à disseminação de uma ideologia partidária, conforme também pontuam Rossi e Ramires (2013).

Esse posicionamento anti-PSB é característico de toda a JC-1. No trecho a seguir, vemos mais um indício desse posicionamento.

Figura 17: Excerto um da JC-1

O pré-candidato do PSB à Presidência, Eduardo Campos, e sua vice Marina Silva, tiveram um encontro na quarta-feira (25), em Brasília, para tentar encerrar a crise causada pelas divergências entre os dois grupos na formação de palanques estaduais.

No excerto acima, vemos que o enunciador fala do encontro entre Campos e Marina Silva que teria por objetivo superar diferenças, mas o faz dizendo que o encontro foi para “**tentar** superar diferenças”, ou seja, o verbo “tentar” sugere que não necessariamente essas diferenças seriam resolvidas. É interessante notar que mesmo que, na própria notícia, haja discursos citados que alegam a superação dessas diferenças, o sujeito-jornalista optou por usar o verbo supracitado, o que também é indicativo de um posicionamento frente ao objeto do discurso (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 109). Veja-se a parte na qual o discurso dos aliados de Campos e Marina Silva comprovariam a superação das diferenças:

Figura 18: Excerto dois da JC-1

Segundo aliados, os dois tiveram uma conversa “muito boa”, na qual reafirmaram o compromisso de seguir juntos no plano nacional. A três dias da convenção nacional do PSB - marcada para amanhã, em Brasília -, o encontro serviu para superar as diferenças surgidas com a formação de alianças estaduais que desagradaram ao grupo de Marina. “Acho que superamos (os desentendimentos) e agora é bola para frente”, resume Neca Setubal, próxima à ex-ministra.

Nesse trecho do enunciado, há a presença de discursos de aliados do partido de Eduardo Campos que apontariam que a reunião dos grupos que formam o partido teria sido proveitosa, “muito boa” e que teriam condições para continuar a campanha e, para isso, o JC utiliza-se do discurso de Neca Setubal. O sujeito-jornalista também traz o discurso de Marina Silva de forma indireta (*estilo linear*), mais suscetível a inserções do sujeito-enunciador, para mostrar que a candidata disse que estaria disposta a superar as diferenças em nível regional. Veja-se no trecho a seguir

Figura 19: Excerto três da JC-1

Marina disse a Eduardo que está disposta a relevar as diferenças regionais para poderem começar a campanha nacional em sintonia. Em nota divulgada esta quinta-feira (26), a Rede negou “dificuldades no relacionamento” com o PSB. O grupo reafirmou que não vai fazer campanha para aliados do PSB dos quais discorde, como vinha sendo dito por seus integrantes.

Nesse excerto, o JC toma o discurso de nota da Rede, no qual há a negação de qualquer dificuldade de relacionamento, e é a partir de então que começa a se evidenciar o posicionamento sócio-político-ideológico de forma mais clara, devido à organização das informações subsequentes. Veja-se:

Figura 20: Excerto quatro da JC-1

Dois a um. É o caso, por exemplo, de São Paulo - o eixo Rio-São Paulo foi o epicentro da crise entre PSB e Rede, que insistia em candidaturas próprias. O diretório paulista decidiu apoiar a reeleição de Geraldo Alckmin (PSDB) e terá a vaga de vice na chapa tucana. No Rio, o PSB vai apoiar o petista Lindberg Farias - a sigla vai ocupar a vaga para o Senado. As alianças confrontam o discurso de Campos e Marina, em que tentam ser uma opção à polarização PT-PSDB na disputa nacional.

Em compensação, no segundo maior colégio eleitoral do País prevaleceu a tese de candidatura própria. A Executiva mineira do PSB decidiu ontem lançar o ex-prefeito de Juiz de Fora Tarcísio Delgado, de 77 anos, pai do deputado Júlio Delgado, presidente do diretório local.

Nessa parte do texto, o sujeito-jornalista demonstra que, apesar do discurso de Marina Silva e do seu grupo, a Rede, o desentendimento que gerou o encontro não se dissolvera por completo. Frente ao empasse entre o apoio de candidatos de outros partidos e o lançamento de candidaturas próprias, houve o apoio a candidatos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Partido dos Trabalhadores (PT) e em Minas Gerais prevaleceu a tese de candidatura própria. O apoio a outros partidos, apontados pelo enunciador, retomando discursos outros e caracterizando o diálogo entre discursos (BAKHTIN, 1998 [1934/35]), contradiz o discurso da Rede e põe em confronto o discurso de Marina e Eduardo Campos, que buscavam se identificar como uma opção à polarização entre os dois partidos supracitados.

Nesse modo de organização da JC-1, o sujeito-jornalista, desde o início, a partir do modo da apropriação do discurso de outrem e do uso de termos que denotam posicionamento avaliativo, demonstrou uma postura anti-PSB, pois, ao falar do encontro entre os grupos de Eduardo Campos e Marina Silva para superar diferenças, traça uma estratégia narrativa (BAKHTIN, 2011d [1959/60]) que deixa claro que o empasse gerador da reunião se manteve, mesmo depois de ter se reunido. Esse modo

de organizar o enunciado evidencia que nele há uma posição avaliativa frente ao objeto de discurso (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p.109) e que a organização textual do enunciado se dá em vista do propósito comunicativo do enunciador (VOLOCHINOV, 2013c [1930b]).

Assim, servindo-se do discurso dos aliados e integrantes do próprio partido, o sujeito-jornalista evidencia que os discursos de Campos e do PSB são inconsistentes, pois a própria base aliada não mantém em si uma harmonia de propostas. E a imagem de Campos que se avulta é de um político com propostas inconsistentes e, mais que isso, de um político com uma base partidária inconsistente.

De posse dessa imagem construída do político na JC-1, junto com a imagem construída na DP-1, comparamo-las entre si, na subseção a seguir.

7.1.3 Das imagens jornalísticas construídas sobre Campos no período anterior à sua morte pelos jornais

A partir das análises da DP-1 e da JC-1, percebemos que as imagens que se construíram de Eduardo Campos foram negativas: no DP, a imagem seria de um político em desespero que desrespeita os próprios aliados e, por isso, deixa uma imagem de um candidato supostamente inapto a assumir o cargo de presidente do Brasil; no JC, a imagem seria de político com proposta e base política inconsistentes, o que sugere, de forma implícita, que ele, também, supostamente estaria inapto a assumir o cargo de presidente do Brasil.

Os modos de caracterização jornalística da imagem do então candidato a presidente do Brasil são similares nos dois jornais no período anterior à sua morte: ambos sugerem, pelo modo negativo que o caracterizam, que Campos seria um candidato inapto a assumir o cargo de presidente do Brasil. Desse modo, longe de ser um processo de apuração, processamento e transmissão de informações de forma objetiva e neutra, conforme a definição de Rabaça e Barbosa (1998, p. 346, *apud* RODRIGUES, 2001, p. 76), o jornalismo se mostra como sendo marcado pelas valorações de um sujeito (representante da ideologia editorial do jornal) e, nessa prática, fatores diversos e de diversas ordens, como defende Sousa (2002), são considerados na transmissão do fato.

Avulta-se das notícias (DP-1 e JC-1) um posicionamento anti-PSB, caracterizando o jornalismo como uma prática sócio-discursiva sujeita às questões político-ideológicas de cada época que serão mais evidentes conforme o clima político (LAGE, 2013, p. 27). Assim, corrobora-se a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin e, também, as ideias de Barreto (2006), Serrano (2006), Sousa (2002), entre outros, que defendem que o jornalismo é uma prática que está sujeita a valorações individuais e sócio-políticas, além de ser condicionada por fatores de ordem diversas, tais como os fatores organizacionais, ideológicos, históricos, entre outros apontados por Sousa (2002) e trazidos à discussão na terceira parte deste texto.

No entanto, como dito na sexta parte deste texto, o sujeito que se mostra pela linguagem é tido como evento, pois será único em cada momento discursivo (BAKHTIN, 2010 [1919/20]), já que é constituído dialogicamente em cada instância de enunciação. Logo, os sujeitos que se mostram em outras enunciações podem se constituir de forma diversa destes, que se mostraram nas notícias acima analisadas. Esse foi a questão apontada por Amorin (2006), ao dizer que o tempo é a dimensão alteritária por excelência que faz o ser não coincidir consigo mesmo. E, mais que isso, acreditamos que a instância do discurso como um todo se constitui numa dimensão alteritário-dialógica que resulta nessa não coincidência. Isso é característico do próprio do entendimento de linguagem (e de mundo) do Círculo.

Dito isso, passemos à análise das notícias do primeiro período posterior à morte de Campos (até um mês após a morte de Campos), a fim de analisarmos as imagens que se constroem do político neste período pós-morte, os sujeitos que se mostram por meio das notícias deste período e a relação destes com aquelas, no DP e JC.

7.2 EVENTOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS POSTERIORES À MORTE DE EDUARDO CAMPOS

Neste ponto, feitas as análises das notícias do período anterior à morte de Campos, passamos à análise das imagens construídas sobre o político no primeiro período posterior à sua morte (até um mês pós morte), conforme apontado em nossos procedimentos metodológicos (seção um). Para tanto, de modo similar às subseções anteriores, tomaremos as formas de utilização do discurso citado, a própria forma de organização textual e o uso de termos lexicais que demonstram posições avaliativas

em relação ao candidato, na DP-2 e na JC-2, como ponto de partida. Passemos às análises, iniciando pela DP-2.

7.2.1 Sobre a DP-2

No que se refere ao contexto extraverbal (VOLOCHINOV, 2013b [1930a]), a DP-2 é uma notícia que foi publicada um dia após a morte de Eduardo Campos, em acidente com a aeronave na qual o então candidato se locomovia para cumprir compromissos de campanha, agendados para o dia quatorze de agosto. O acidente ocorreu um dia antes, na cidade de Santos, São Paulo, e matou, além do então candidato, todos os outros seis tripulantes – o assessor **Pedro Valadares Neto**, o assessor de imprensa **Carlos Augusto Leal Filho** (Percol), **Alexandre Gomes e Silva** (fotógrafo), **Marcelo Lyra** (staff da campanha) e os pilotos **Marcos Martins** e **Geraldo Cunha**. No entanto, apesar da proximidade temporal do acidente, o foco da DP-2 não é dado ao acidente em si, mas, sim, à apresentação/discussão das propostas políticas do candidato recém-falecido.

Assim, o foco dessa notícia é dado na proposta política do candidato e é de se imaginar que o acidente (evento histórico) tenha interferido na construção do evento discursivo (DP-2). De posse desse contexto no qual a notícia emerge, passemos à análise da apropriação do discurso de outrem à sua construção.

Na notícia, percebemos um posicionamento diferente do que se configurou naquela do período anterior à morte do candidato, DP-1, já no título, pois, há uma frase de efeito que chama atenção para as qualidades da proposta política de Campos. Veja-se

Figura 21: Título e *lead* da DP-2

Eduardo Campos aliava programas sociais e a visão de mercado

Assim era o candidato do PSB, um político de esquerda, defensor da área social e ao mesmo tempo alinhado com o o setor privado

No título da DP-2, percebemos que o sujeito-jornalista foca os pontos positivos do plano de governo do candidato recém-falecido. Com isso, acaba por exaltar a figura política de Campos, pois, ao dizer que o candidato aliava os dois pontos de principal importância para uma boa gestão presidencial, o DP acaba por mostrar que ele seria uma boa opção para o cargo de presidente do Brasil. Esse posicionamento evidenciado no título é reforçado também no *lead*. Assim, percebemos, de forma mais clara, a relação entre valorações e *fazer* jornalístico e, mais que isso, que os fatores sociais interferem nesse *fazer*, conforme defende, por exemplo, Sousa (2002). A morte de Eduardo Campos se mostra como um fator determinante do diálogo que origina o enunciado em questão, comprovando a natureza social e dialógica da linguagem, conforme defendem os integrantes do Círculo.

No decorrer do texto, o sujeito-jornalista se serve também de discursos outros, mas, sem atribuí-los a alguém específico, ele se serve de discursos socialmente correntes para caracterizar Campos, e esse posicionamento, diferentemente do que se mostrara na DP-1, vai sendo reforçado. A esse respeito, podemos ver no trecho a seguir a presença de diferentes discursos que se cruzam na caracterização de Campos.

Figura 22: Excerto um da DP-2

Na campanha para subir a rampa do Planalto, Eduardo Campos buscou, em larga medida, ser identificado com o perfil que o ex-aliado Luiz Inácio Lula da Silva construiu no primeiro mandato presidencial: um político de esquerda, defensor de programas sociais e ao mesmo tempo alinhado com o mercado. A estratégia também era um modo de estabelecer diferenças com a presidente Dilma Rousseff, criticada por ter se distanciado do setor privado, em forte contraste com Lula.

Nesse excerto, há a presença de diferentes discursos (vozes) para caracterizar o candidato (BAKHTIN, 1998 [1934/35], p. 86). Em um primeiro momento, o enunciador usa o discurso a respeito da figura política de Luiz Inácio Lula da Silva [um político de esquerda, defensor de programas sociais e ao mesmo tempo alinhado com o mercado] para compará-lo com a figura de Campos, assim, retomando um discurso socialmente corrente. Em seguida, o enunciador usa o discurso a respeito da presidente Dilma Rousseff, que teria se distanciado do setor privado, o que a

distanciava de Luiz Inácio e também de Eduardo Campos. Vemos assim que, na composição da notícia, o sujeito-jornalista usa diferentes discursos para a construção da imagem de Eduardo Campos, que é posta em interação harmoniosa com um (com o discurso da imagem política de Luiz Inácio) e de conflito com outro (o discurso da figura política de Dilma Rousseff). Esse uso de discursos outros, no estilo pictórico, sem contornos definidos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), nesse caso, de discursos socialmente correntes e não de alguém especificamente, é característico do diálogo entre vozes que Bakhtin (1998 [1934/35], p. 86) diz ser inerente à linguagem. Além disso, dá indícios da própria intenção do sujeito-jornalista, que é determinante da própria organização dos elementos do enunciado (VOLOCHINOV, 2013c [1930b]; BAKHTIN, 2011d [1959/60]).

Além disso, o sujeito-jornalista se serve de forma indireta das propostas de governo de Campos, para comprovar que o então candidato dava conta de aliar os dois setores por ele apontado. Veja-se:

Figura 23: Excerto dois da DP-2

Eduardo vinha falando de coisas que soam como música ao ouvido dos empresários: reduzir a meta de inflação para 3% ao ano até 2019; dar independência ao Banco Central, garantindo mandato de três anos ao presidente da instituição; enviar um projeto de reforma tributária ao Congresso Nacional na primeira semana de governo, com propostas para desonerar exportações e investimentos; e promover acordos comerciais para beneficiar a inserção global de produtos brasileiros.

Aos estudantes, Eduardo prometeu passe livre no transporte público. Diante da crítica quanto aos eventuais custos da medida, ele comparou com a despesa de juros do governo: elevar em meio ponto percentual a Selic, taxa básica do Banco Central (BC) custa aos cofres públicos R\$ 14 bilhões por ano, de acordo com as contas dele. Permitir que os jovens viajem de graça sairia mais barato, argumentou.

Nesse modo de tomar o discurso de Eduardo Campos, na forma indireta do estilo linear (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), o sujeito-jornalista toma para si o discurso de Campos, como elemento constitutivo de seu próprio discurso, já que as fronteiras dessa forma de discurso são mais suscetíveis a inserções do sujeito-enunciador que o toma, e, assim, evidencia um falar junto, característico da apropriação do discurso de outrem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]).

O modo pelo qual as informações são organizadas nessa notícia, que se dá em vista do público-alvo e é pautado no projeto intencional (VOLOCHINOV, 2013c [1930b]), evidencia a exaltação da figura política de Campos. Por conseguinte, se distanciou bastante da figura do período anterior à morte do candidato, comprovando, assim como defende Amorim (2006), que o tempo é a dimensão alteritária que faz o sujeito não coincidir com ele mesmo e, também, o que sugere Bakhtin (2010 [1919/20]), ao dizer que cada ato e, conseqüentemente, também o enunciado (já que o enunciado também é um ato, um evento), é originado de um diálogo único em cada momento discursivo. É o que se vê na notícia analisada em relação a anterior do mesmo jornal.

Passemos à análise da JC-2.

7.2.2 Sobre a JC-2

A JC-2 é uma notícia que foi publicada a respeito da missa de trigésimo dia de morte de Eduardo Campos e fala sobre os principais fatos que aconteceram na ocasião. Nela, de modo diverso da JC-1, o jornal ressalta o legado deixado por Campos. Dado esse contexto extraverbal da enunciação (VOLOCHINOV, 2013b [1930a]), é de se esperar que a notícia trate das homenagens à Campos e que na ocasião tenha sido lembrado e ressaltado o legado político do mesmo.

O título, seguindo o que Araújo (2008) preconiza, dá conta de chamar a atenção para o assunto da notícia e é indicativo de um posicionamento frente à figura de Eduardo Campos.

Figura 24: Título e *lead* da JC-2

Missa de 30^o dia ressalta legado de Eduardo Campos

Familiares, amigos e aliados estiveram presentes na celebração na Igreja de Casa Forte. Família fez homenagens e tom político ficou para o padre

No título da JC-2, percebemos que é dado foco ao “legado” de Campos, pois, segundo o jornal, a missa serviu para ressaltar esse “legado”. No *lead* da notícia, há informações a respeito da celebração, bem como no primeiro parágrafo do corpo da notícia. Veja-se

Figura 25: Excerto um da JC-2

A missa de 30º dia da morte do ex-governador Eduardo Campos, no final da tarde desse sábado (13) na Igreja de Casa Forte, foi marcada por emoção e homenagens. A viúva Renata Campos chegou acompanhada dos cinco filhos e da mãe e do irmão de Eduardo, Ana Arraes e Antonio Campos. O padre Edvaldo Gomes, próximo à família, foi quem passou o recado político na celebração, usando como exemplo a foto de Eduardo impressa num livro com a liturgia da missa.

Como já dito anteriormente, cabe ressaltar que a seleção dessas informações se dá em vista do público-leitor, caracterizando a orientação própria do enunciado para o outro (BAKHTIN, 2011c [1952/53]; VOLOCHINOV, 2013c [1930b]). Assim, as informações que estão presentes na JC-2 são tomadas e organizadas visando atingir seu público-alvo e buscando levar as informações mais relevantes para ele, muito embora, como adverte Herraiz (1996, p. 19 *apud* ALSINA, 2009, p. 295), a notícia, a final de contas, seria o que interessa ao jornalista.

A partir de então, o sujeito-jornalista traz um trecho da mensagem lida pela filha de Campos, no *estilo linear*, no qual ressalta a saudade do pai, mas, mais que isso, ressalta o legado que o político teria deixado, o de não dar intimidade a problemas, mas, sim, resolvê-lo. Veja-se:

Figura 26: Excerto dois da JC-2

Os filhos do ex-governador fizeram leituras bíblicas e no final, a filha mais velha, Eduarda, leu em nome da família uma mensagem divulgada mais cedo no Facebook. “Sentimos falta de lhe ver chegar em casa, muitas vezes acompanhado de amigos, contando histórias e procurando saber das novidades da vida de cada um. Sentimos falta dos conselhos e da postura sempre firme para resolver as coisas e escolher os caminhos, afinal, como você bem nos ensinou ‘não podemos dar intimidade a problemas, temos que resolvê-los’. Nossa perda é irreparável, mas o Brasil ganhou um exemplo”, diz o texto.

O modo como o sujeito-jornalista traz o discurso da filha de Campos é indicativo de uma postura diferente da que se esboçara na JC-1, pois, nesse trecho, ao invés de apontar inconsistências nas propostas do político, o foco é dado ao seu suposto legado, evidenciando um posicionamento valorativo positivo em relação a Eduardo Campos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), o que também comprova o que defende Amorim (2006), sobre o tempo como dimensão alteritária que faz o sujeito deixar de coincidir com o ser que se mostrara em eventos enunciativos anteriores, ou seja, o tempo (com todos os fatores por ele condicionados) são elementos determinantes do diálogo que se instaura na enunciação..

No trecho seguinte, o JC traz discurso do Bispo Dom Genival Saraiva de França, para também ressaltar o legado deixado por Eduardo Campos. Veja-se:

Figura 27: Excerto três da JC-2

O bispo de Palmares, Dom Genival Saraiva de França, que também celebrou a missa, lembrou as circunstâncias da morte do socialista. “A morte de Eduardo ocorreu no meio do processo eleitoral. O acidente, com causas que não foram esclarecidas ou divulgadas, interromperam sua carreira política”, declarou. Em seguida, citou avanços na educação, com o aumento do índice do Ideb, e o programa Mãe Coruja.

Nesse trecho supracitado da JC-2, há o uso do discurso do bispo de forma direta e indireta (estilo linear). A opção pela forma direta do discurso linear (menos suscetível a inserção de comentários do sujeito-enunciador) se dá quando da apropriação de um discurso no qual se levanta a questão do não esclarecimento e divulgação das causas do acidente que matou o candidato. Como se trata de uma questão polêmica, esse estilo de apropriação é indicativo da tentativa de isenção de qualquer responsabilidade sobre o discurso, já que essa forma de apropriação do discurso de outrem permite uma delimitação de fronteiras e confere uma suposta neutralidade e isenção (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]; MARQUES, 2008). No entanto, mesmo estando na forma linear é acompanhado pelo verbo declarar, que enquadra o discurso do bispo como um tipo de ação específica, uma declaração sobre o acidente, por isso há uma interação entre os discursos do bispo e do sujeito-jornalista (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]).

No que se refere à utilização do discurso do bispo de forma indireta, essa se dá para falar dos avanços que Eduardo teria trazido para Pernambuco. Defende-se,

com isso, a ideia de um legado do político por meio da forma mais passível de valorações do sujeito que se apropria do discurso (a nosso ver) com o uso do discurso na forma indireta do estilo linear (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]).

No último trecho da JC-2, o jornal traz o discurso do Padre Edvaldo para também ressaltar o suposto legado de Campos e mandar um recado político. Veja-se:

Figura 28: Excerto quatro da JC-2

Padre Edvaldo, ao falar de Eduardo, usou como exemplo a foto do ex-governador sorrindo, no livro da missa. “Espero que a maneira de ser desperte nos políticos alguma consciência de sua missão. Não é hora de ressentimentos, é hora de pensar no Brasil como um todo”, disse. “Espero que esse olhar do retrato possa ajudar a não votar com leviandade. Podemos sim ter um Brasil muito melhor do que estamos tendo”, acrescentou o padre em outro trecho da homilia.

O discurso do Padre é posto para dar um recado para os outros candidatos e eleitores, dizendo esperar que os políticos tenham “consciência de sua missão”, pois seria hora “de pensar no Brasil” e dizendo esperar também que olhar a imagem de Eduardo Campos possa “ajudar a não votar com leviandade”. O modo como o sujeito-jornalista traz a fala do padre mostra que Campos seria uma figura política com um suposto legado digno de exemplo para os governantes do Brasil.

Esse modo de organização dos discursos de outrem na JC-2 é indicativo de um projeto discursivo (BAKHTIN, 2011d [1959/60]) que visou ressaltar os feitos políticos de Campos, caracterizando-o como um político de uma trajetória exemplar. Assim, a figura que se esboça é bem diversa da que o JC mostrou no período anterior à morte do político.

De posse dessa imagem da JC-2, na seção seguinte, comparamo-la com a imagem da DP-2. Passemos à comparação dessas imagens.

7.2.3 Das imagens jornalísticas construídas de Campos no primeiro período posterior a sua morte

As imagens construídas na DP-2 e na JC-2 são diversas das construídas na DP-1 e JC-1. Elas são imagens positivas em relação a Eduardo Campos: na DP-2, há

a imagem de um político que supostamente conseguia conciliar, em sua proposta, os dois principais pilares de um governo: a assistência social e a visão de mercado; na JC-2, há a imagem de um político que supostamente conseguiu avanços significativos para Pernambuco e que tinha uma trajetória exemplar.

No que se refere à imagem dos dois jornais, as duas são similares entre si e, igualmente, diferentes das que se construíram nas notícias do período anterior à morte do candidato nos dois jornais. Há, assim, a comprovação de que a notícia, sendo enunciado, traz consigo uma posição valorativa em relação ao objeto do discurso, como defende Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) e, mais que isso, que o *fazer* jornalístico está sujeito a valorações individuais (ou coletivas já que, no caso do jornalismo, o sujeito pode ser coletivo e representa a ideologia editorial do jornal) que são condicionadas por fatores diversos, como defende Sousa (2002), de forma dialógica, como defendem os integrantes do Círculo.

Além disso, mais uma vez, temos provas de que o tempo se mostra como dimensão alteritária, por excelência, na qual o *ser*, no nosso caso, o sujeito-jornalista, deixa de coincidir consigo mesmo (AMORIM, 2006), com o *ser* que se mostrara em eventos discursivos anteriores dos mesmos jornais. Isso se dá porque ele também se constitui de forma dialógica (BAKHTIN, 2010 [1919/20]).

Cabe ressaltar também que sabemos que as imagens diversas das que se construíram anteriormente são resultado de questões culturais/sociais: é prática social comum exaltar a trajetória de pessoas após sua morte, ainda mais quando a morte ocorre de forma trágica, como foi a de Eduardo Campos. Essa interferência de questões sociais/culturais na linguagem, e no próprio modo de o sujeito se mostrar, comprova a natureza social da linguagem (e do sujeito) defendida pelo Círculo. E o jornalismo, sendo uma prática sócio-discursiva, está também sujeito a essas interferências.

De posse desses primeiros resultados, passamos à análise do terceiro recorte temporal que constitui o objeto de análise desta pesquisa, a fim de analisarmos as imagens de Eduardo Campos que são construídas alguns meses após a sua morte. Passemos à DP-3 e JC-3.

7.3 ANÁLISES DOS EVENTOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS DO SEGUNDO PERÍODO POSTERIOR À MORTE DE EDUARDO CAMPOS

Nesta subseção, nos detemos a notícias que foram publicadas sete meses após a morte de Campos (terceiro recorte temporal que constitui o objeto desta pesquisa). As notícias de ambos os jornais narram o mesmo fato: o envolvimento, denunciado por um delator, do nome de Campos em escândalos de corrupção da Petrobras. Ou seja, em processo de investigação de escândalos de corrupção da Petrobras (conhecido como operação “Lava Jato”), o delator Alberto Youssef, por meio de acordo de delação premiada, declarou que Campos teria sido beneficiado por esquemas de corrupção envolvendo empreiteiras que prestaram serviço à Petrobras.

Dessa forma, iremos analisar, tanto na DP-3 quanto na JC-3, os modos de apropriação dos discursos de outrem, a própria organização textual e rastrear termos que demonstram posicionamento avaliativo frente a Eduardo, similarmente ao que fizemos nas análises das notícias precedentes. Analisamos, também, como as questões extralinguísticas interferiram nessas constituições.

Como neste caso as duas notícias narram o mesmo acontecimento, além de analisarmos em que medida essas imagens (da DP-3 e JC-3) se aproximam ou distanciam das dos dois outros períodos temporais desta pesquisa, analisamos, também, como o modo que cada jornal noticia o fato é indicativo de posições sócio-político-ideológicas diferentes entre si.

Iniciamos a análise da DP-3.

7.3.1 Sobre a DP-3

Sabendo da importância do título como chamariz ao público-alvo e, mais que isso, como indicativo do posicionamento sócio-político-ideológico do jornal, como visto nas notícias anteriores, percebemos que a DP-3 narra o fato, utilizando, já no título, o estilo linear de apropriação do discurso de outrem, sob a forma indireta. Ao fazer isso, o sujeito-jornalista acaba por tornar o discurso do delator Alberto Youssef mais suscetível a inserções suas (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]). Veja-se:

Figura 29: Título da DP-3

Youssef afirma que Eduardo Campos recebeu R\$ 10 milhões de propina pagos por empreiteiras

No título, o sujeito-jornalista utiliza o discurso de Youssef para dizer que Campos **recebeu** dez milhões em propina pagos por empreiteiras envolvidas em escândalos de corrupção. Ao usar o verbo na forma do pretérito perfeito do indicativo, levando em consideração que o sujeito-jornalista usa a forma indireta do estilo linear de apropriação do discurso de outrem, o jornal pode estar dando indícios de um posicionamento frente à declaração do delator, pois abre mão de recursos que aumentariam sua suposta isenção frente ao dito, como, por exemplo, o uso da forma verbal **teria recebido** (futuro do pretérito mais participio). Esse modo de tomar o discurso de outrem pode ser indicativo de um posicionamento em relação ao fato noticiado e, conseqüentemente, a Eduardo Campos, pois o sujeito parece tomar o discurso de Youssef na condição de verdade, o que pode ser indicativo de que ele assume uma posição valorativa implícita (BAKHTIN/VOLOVHINOV 2006 [1929]; BAKHTIN 2010 [1919/20]).

Além disso, esse modo de tomar a declaração de Youssef, também, é sugestivo de uma interação entre o dizer do jornalista e do delator (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), pois o jornalista não fez uso de artifícios que supostamente aumentariam a isenção dele frente a voz tomada à composição do enunciado jornalístico. Dentre esses artifícios, o DP poderia ter feito uso da forma direta do discurso de outrem, do uso de aspas, ou de algum modo verbal que dariam maior espaço à dúvida quanto a veracidade das informações (MARQUES, 2008), já que se tratava de uma declaração que precisaria ser comprovada antes de ser tomada como verdade.

No que se refere à estrutura composicional, essa notícia, diferentemente de todas as outras desta pesquisa, não traz *lead*. Logo depois do título, há a presença de uma imagem que, junto ao título, pode ser indicativa de um posicionamento sócio-político-ideológico (como ficará mais evidente quando for comparada com a imagem da JC-3). Veja-se:

Figura 30: imagem da DP-3

Embora nossa pesquisa não se detenha à análise da dimensão verbo-visual das notícias, essa imagem, indo na mesma linha do que é sugerido no título, passa a impressão de esperteza, de alguém que está contente frente a algo e, dados os indícios do título, de alguém que está contente por estar tendo vantagens com alguma coisa. No caso, a vantagem seria o fato de supostamente ter sido beneficiado pelo recebimento de dez milhões dos esquemas de corrupção da Petrobras. É dessa forma que a imagem selecionada pelo sujeito-jornalista é sugestiva de uma ratificação ao que Youssef disse.

Logo depois da imagem de Campos, o sujeito-jornalista dá seguimento à notícia, ainda tomando o discurso de Youssef. Veja-se

Figura 31: Excerto um da DP-3

O doleiro Alberto Yousseff afirmou em depoimento da delação na Operação Lava-Jato que o ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos (PSB) - morto em acidente aéreo em agosto do ano passado - recebeu entre 2010 e 2011 R\$ 10 milhões de propina por meio de contrato com a Conest. Formado pelas empreiteiras Odebrecht e OAS, o consórcio era responsável pela execução de obras da Refinaria de Abreu e Lima. Ainda de acordo com Yousseff, a propina destinada a Eduardo Campos ocorreu para o governo de Pernambuco não criar dificuldades nas obras.

O excerto supracitado traz o discurso do delator para mostrar as circunstâncias nas quais Campos teria se beneficiado com o recebimento de propina. Como se trata de uma acusação, o sujeito-jornalista tem o cuidado de usar sempre o nome do doleiro como artifício à manutenção de sua suposta isenção, ou seja, usa o estilo linear de apropriação do discurso de outrem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]). No entanto, no excerto, similarmente ao título, o discurso do delator é posto na forma indireta, e o envolvimento de Campos é anunciado novamente com o uso verbo no pretérito perfeito do indicativo e, dado que seria possível utilizar mecanismos que aumentariam a isenção frente ao discurso de Youssef, isso pode ser sugestivo de um posicionamento frente ao fato. Indicia-se, assim, mais uma vez, um posicionamento frente a Eduardo Campos: um posicionamento opositivo (e, indiretamente, “acusativo”).

Além do suposto envolvimento de Campos no esquema, o sujeito-jornalista também menciona o suposto envolvimento de Eduardo da Fonte, Ciro Gomes e Sérgio Guerra, mas o faz dando pouco destaque ao fato. O foco principal da notícia é o suposto envolvimento de Campos nos esquemas de corrupção. Essa seleção dos pontos destacados – que segundo Harraiz (1996, p. 19 *apud* ALSINA, 2009, p. 295), no final de tudo, se dá em vista do interesse do jornalista – e o pouco enfoque ao envolvimento de outros políticos no esquema também é indicativo de um projeto discursivo que revela um posicionamento em relação a Campos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]; BAKHTIN, 2011d [1959/60]). Veja-se:

Figura 32: Excerto dois da DP-3

O doleiro também afirma que o deputado federal pernambucano Eduardo da Fonte (PP) e o senador Ciro Nogueira (PP-PI) receberam entre 2010 e 2011 propinas de valores ainda não determinados pagas pela construtora Queiroz Galvão em contrato para implantação de tubovias em Abreu e Lima. O contrato referente a este serviço é da ordem de R\$ 2,7 bilhões. O ex-presidente do PSDB, o pernambucano Sérgio Guerra também teria sido um dos beneficiários pela propina paga pela Queiroz Galvão. O tucano recebeu, de acordo com Youssef, parte dos R\$ 10 milhões destinados para impedir a realização da CPI da Petrobras.

Ao custo de R\$ 18,5 bilhões a Refinaria de Abreu e Lima é a obra mais cara em curso no Brasil.

Como percebemos, apesar de mencionar o envolvimento dos políticos supracitados, o foco da DP-3 é, sobretudo, o suposto envolvimento de Campos.

Depois de tomar o discurso de Alberto Youssef, o sujeito-jornalista traz o discurso da família de Campos, que se posicionou em relação às declarações. Ao

fazer isso, o jornal usa o estilo linear de apropriação do discurso de outrem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), na forma direta, marcado por aspas. Veja-se:

Figura 33: Excerto três da DP-3

PSB e família Campos negam

Em nota divulgada pelo jornal *Folha de S.Paulo*, a família de Eduardo Campos e o PSB afirmam repelir "veementemente a tentativa de envolver um a pessoa que não está mais aqui para se defender". A nota afirma ainda que "todo mundo sabe" que a Petrobras é a responsável pela execução da obra "com contratos feitos pela diretoria da empresa, sem conexão alguma com o governo de Pernambuco".

O deputado Eduardo da Fonte (PP) afirmou desconhecer os fatos citados por Youssef e confiar na Justiça. O PSDB, partido do ex-senador Sérgio Guerra, disse que mantém sua posição "em defesa das investigações da Lava-Jato", e espera que os responsáveis pelo desvio bilionário de recursos da Petrobras sejam identificados e punidos.

O uso das aspas para marcar o discurso de outrem, da família de Eduardo Campos, ao invés de ser unicamente uma marca do modo de apropriação usado, é indicativo de um posicionamento frente a esse dito. Como o estilo linear de apropriação do discurso de outrem na forma direta cria contornos mais fixos em torno dele (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), embora não garanta total isenção a inserções, o uso desse modo, no excerto acima, pode ser indicativo de que o sujeito-jornalista não compactua da opinião da família de Campos.

Assim, esse modo de tomar o discurso da família de Campos pode ser indicativo, ainda que de forma velada, de que o sujeito-jornalista acredita que a trajetória de Eduardo Campos possa ter sido marcada também por esquemas de corrupção. Essa construção discursiva da DP-3 mostra que forças de ordens diversas corroboram a composição da notícia (SOUSA, 2002): os escândalos de corrupção interferem na constituição da imagem de Eduardo Campos nesse período.

O sujeito-jornalista também traz discursos em defesa de Eduardo da Fonte e de Sérgio Guerra, mas, novamente, é dado pouco enfoque aos discursos que se referem a esses políticos.

Dessa forma, percebe-se que o modo como os discursos de outrem foram tomados na tessitura da DP-3 é indicativo do projeto discursivo (2011d [1959/60]) que reflete e refrata um posicionamento de oposição a Campos, comprovando, mais uma

vez, que todo enunciado traz a indicação de um acordo ou desacordo com alguma coisa (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]).

Além disso, percebemos, novamente, que o modo de o sujeito-jornalista se posicionar frente a Eduardo Campos se mostra diferente do da DP-2, se aproximando mais do da DP-1, embora conserve diferenças com este. Isso mostra, como defende Bakhtin (2010 [1919/20]), que todo ato, em sua condição de evento, é único em cada momento discursivo e o ser que se mostra por meio dele também o é.

Analisada a imagem constituída de Campos na DP-3, passemos à análise da imagem da JC-3, para, em seguida, compará-las.

7.3.2 Sobre a JC-3

A JC-3 relata o mesmo fato da DP-3: o suposto envolvimento do nome de Campos no esquema de corrupção da Petrobras por Alberto Youssef. No entanto, há diferenças entre os modos de organização enunciativa e, conseqüentemente, entre os posicionamentos axiológicos evidenciados por ela, como se verá a seguir.

A JC-3 traz o discurso de Alberto Youssef também no estilo linear (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), no modo indireto, mas há, no modo de tomar esse discurso, indícios que dão espaço à dúvida quanto à veracidade das declarações do doleiro e delator. Percebemos isso já na primeira parte da notícia. Veja-se:

Figura 34: Título e *lead* da JC-3

Doleiro afirma em depoimento que Eduardo Campos teria recebido R\$ 10 milhões em propina

As propinas teriam sido pagas pelas empreiteiras Queiroz Galvão, Odebrecht e OAS, em contratos de obras na refinaria Albreu e Lima. O ex-senador Sérgio Guerra (PSDB) e o deputado Eduardo da Fonte (PP) também são citados

No título da notícia, ao usar fala de Youssef, quando se refere ao suposto recebimento de propina por Campos, ao invés de usar o verbo no pretérito perfeito do indicativo, o JC traz o discurso de outrem recorrendo ao uso da locução verbal

teria recebido (futuro do pretérito mais partícipio). Esse modo verbal dá maior espaço à dúvida quanto à veracidade da informação do depoimento do doleiro, sabendo que as informações contidas na delação precisam ser comprovadas. Esse artifício também é utilizado no *lead* da notícia, demonstrando o mesmo posicionamento em relação ao discurso de outrem; demonstrando um posicionamento frente à declaração (BAKHTIN/VOLOCHINOV 2006 [1929]), ainda que não se possa afirmar, por si só, que é de acordo, mas percebemos claramente que é menos opositiva que a do DP.

Similarmente à DP-3, a JC-3 também traz uma imagem em sua composição. A imagem dessa notícia, ao invés de passar a impressão de esperteza, de contentamento frente a algo, sugerindo que Campos poderia ter sido realmente beneficiado, o traz com um semblante de preocupação, o que pode também ser indicativo de um posicionamento sócio-político-ideológico diverso do indiciado no DP. Veja a imagem a seguir.

Figura 35: Imagem da JC-3

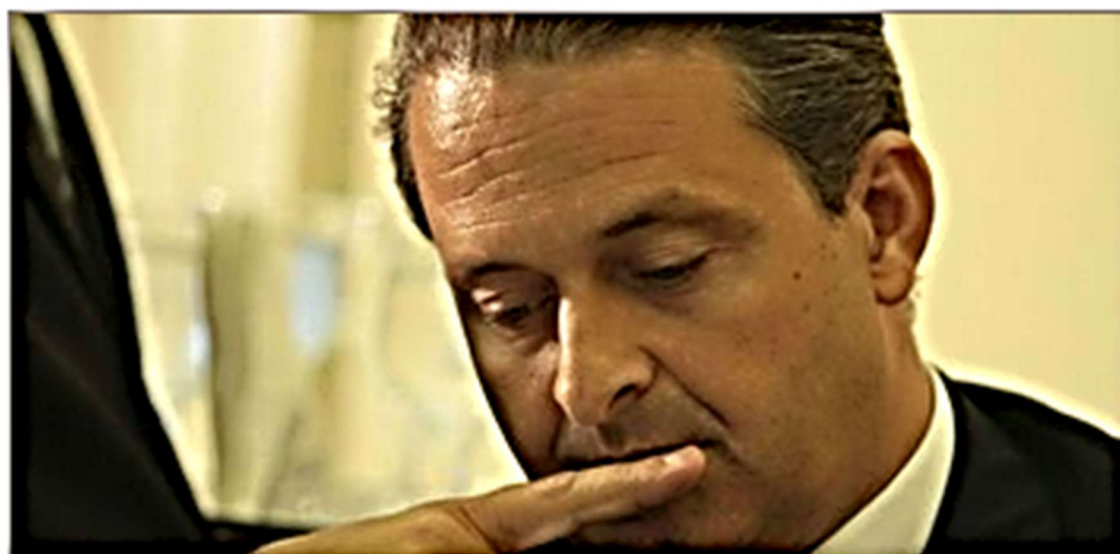


Foto: JC Imagem

Após isso, o discurso de Youssef continua sendo tomado à composição textual, mas o enfoque que é dado ao envolvimento de Eduardo Campos no esquema de corrupção não é o mesmo que a DP. Utilizando o estilo linear de apropriação do discurso de Youssef, na forma indireta, o JC coloca todos os políticos citados nas declarações do delator em plano aparentemente similares. Esse modo de trazer o discurso do doleiro sobre Campos, colocando o político junto a outros políticos, põe o suposto envolvimento dos políticos próximos a um mesmo patamar, não passando a

ideia de que o envolvimento de Eduardo Campos tenha sido muito mais sério que o dos outros, embora o título da notícia foque unicamente em Campos. Veja-se isso no excerto a seguir:

Figura 36: Excerto um da JC-3

O doleiro Alberto Youssef, uma das peças-chave mais emblemáticas da Operação Lava Jato, que investiga esquemas de desvio de dinheiro na Petrobras, afirmou em depoimentos de delação premiada que o ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos (PSB), morto em um desastre aéreo ano passado, o ex-presidente do PSDB Sérgio Guerra, que morreu em 2014, e o deputado Eduardo da Fonte (PP-PE) teriam recebido propina em contratos das obras da refinaria Abreu e Lima. O doleiro detalhou dois casos específicos, nos quais mais de R\$ 40 milhões foram movimentados para, entre outras medidas, impedir a criação de uma CPI envolvendo a estatal. As informações foram divulgadas pelo jornal Folha de S. Paulo.

Há de se observar que, ao trazer o discurso do doleiro sobre o envolvimento dos políticos, no estilo linear na forma indireta (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), o sujeito-jornalista, mais uma vez, utiliza o futuro do pretérito mais participípio (**teriam recebido**) para indicar o recebimento de propina, novamente, dando maior espaço à dúvida quanto à declaração. Esse artifício, que supostamente daria conta de conferir uma maior insenção do sujeito-jornalista frente ao fato (MAUQUES, 2008), é indicativo de um posicionamento frente ao fato (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), não abertamente opositivo.

Nos trechos seguintes, o JC destrincha a informação do excerto anterior, colocando o envolvimento de Campos em um parágrafo e o dos outros políticos em outro.

Figura 37: Excerto dois da JC-3

Em seu depoimento, o doleiro afirma que Eduardo Campos teria recebido, entre 2010 e 2011, R\$ 10 milhões de propina das empreiteiras Odebrecht e OAS para a instalação de unidades de processamento em Abreu e Lima. Eduardo Campos teria recebido o montante para evitar dificuldades no andamento das negociações.

O total da propina foi de R\$ 30 milhões, valor dividido entre o ex-governador, Paulo Roberto Costa e o PP. A propina teria sido entregue a Eduardo Campos no Recife.

O discurso que é tomado no excerto acima evidencia um enfoque maior ao envolvimento de Eduardo no rebimento de propina, contrariando a suposta igualdade entre o envolvimento dos políticos do excerto anterior. Mas, apesar disso, é notório que o modo de trazer o discurso de Youssef na JC-3, ainda que no mesmo modo que a DP – estilo linear no modo indireto (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]) –, evidencia uma posição menos opositiva a Campos que a DP-3, caracterizando posicionamentos diferentes dos dois jornais.

Os dois excertos a seguir se detêm ao envolvimento de outros políticos nos esquemas de recebimento de propina de empreiteiras que assinaram contratos e prestação de serviço com a Petrobras. Vejam-se:

Figura 38: Excerto três da JC-3

<p>Além dos políticos pernambucanos, o delator também envolveu em seus depoimentos o senador Ciro Nogueira (PP-PI), e o ex-diretor de abastecimento da Petrobras Paulo Roberto Costa, que está preso. Youssef afirmou que Nogueira e Fonte teriam, entre 2010 e 2011, recebido propina da construtora Queiroz Galvão para formalizar um contrato para implantação de tubovias na refinaria Abreu e Lima. Na época, tanto a Queiroz Galvão quanto a lesa assinaram contrato no valor de R\$ 2,7 bilhões para a implantação das tubovias.</p>	<p>na Lava Jato e CGU</p> <hr/> <p>STJ nega pedido de liberdade de empresário preso na Lava Jato</p> <hr/> <p>Advogados têm até quarta-feira para pedir transferência de presos na Lava Jato</p> <hr/>
--	--

Nesse excerto, o discurso de Youssef é tomado para falar do suposto envolvimento de outros políticos nos esquemas de corrupção. No excerto a seguir, o foco continua sendo a citação do nome de outras pessoas nos esquemas de corrupção da Petrobras.

Figura 39: Excerto quatro da JC-3

O contrato teria sido assinado no Rio de Janeiro, na presença de um representante da **Queiroz Galvão**, **Paulo Roberto Costa**, o ex-presidente do **PP**, **José Janene**, morto em 2010, o ex-assessor do **PP** **João Genu** e o próprio **Youssef**. Na negociação, a empreiteira foi pressionada para dar celeridade aos processos, sob a ameaça de que fosse criada uma **CPI da Petrobras**, à época estimulada pela oposição.

O operador do esquema foi **Fernando Soares**, também preso pela **Lava Jato**. Parte da propina foi paga em doações oficiais aos políticos e a outra destinada a **Youssef**, que repassou para **Ciro Nogueira** e **Eduardo da Fonte**. **Sérgio Guerra** entra na história para impedir a realização de uma **CPI na Estatal**. Para isso, o ex-senador teria recebido **R\$ 10 milhões**.

Como vemos, os dois excertos supracitados são direcionados aos envolvidos no esquema de corrupção que não Eduardo Campos.

Vemos assim, a partir da análise da JC-3, que, apesar do envolvimento do seu nome nos escândalos de corrupção, Campos ganha um maior direito à dúvida acerca desse envolvimento, devido ao fato de o sujeito-jornalista ter o cuidado de usar formas verbais que dão espaço a ela. Conseqüentemente, temos a imagem de um político que teve o nome envolvido em declarações sobre corrupção, mas que, apesar disso, não se tem certeza dessa sua participação.

De posse das imagens dos dois jornais do terceiro recorte temporal analisado, vejamos a comparação entre elas na subseção seguinte.

7.3.3 Um olhar comparativo sobre as imagens jornalísticas do DP e JC no segundo período pós morte de Campos

A partir das análises das duas notícias do terceiro recorte temporal desta pesquisa, percebemos que os modos como os dois jornais trazem as declarações de Alberto Youssef sobre Eduardo Campos são diversos, apesar de ambos se darem no modo indireto do estilo linear: o DP, pelo modo de organizar, selecionar e usar os tempos verbais, revela um posicionamento sugestivo de oposição e sugestivo, também, de que o discurso do delator seria verdade; JC, pelos mesmos motivos do DP, dá espaço à dúvida, o que é sugestivo de um posicionamento opositivo mais ameno que o do DP.

Com isso, percebemos, também, que os estilos de apropriação do discurso de outrem podem ser usados, na enunciação, para causar efeitos de sentidos diferentes. Isso comprova que mesmo quando do uso do estilo linear de apropriação do discurso de outrem, que tem contornos delimitados, na composição textual, o sujeito-jornalista sempre estará de algum modo revelando um posicionamento em relação ao objeto e à enunciação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]).

Outrossim, esses posicionamentos valorativos que se evidenciam nas notícias são constituídos dialogicamente na interação com diferentes instâncias enunciativas (BAKHTIN 2011d [1959/60]) e com diferentes forças (SOUSA, 2002). Conseqüentemente, essa valoração (dialogicamente constituída) sempre será única porque cada momento discursivo conta com instâncias também únicas e é por isso

que o sujeito e o enunciado sempre se mostram como evento (BAKHTIN, 2010 [1919/20]).

De posse da análise dos eventos discursivos-jornalísticos dos três períodos distintos desta pesquisa, na subseção seguinte, consideramos essas imagens de forma comparativa, fazemos algumas colocações sobre a relação entre o sujeito-jornalista e o objeto de enunciação, *fazer* jornalístico e valorações sócio-político-ideológicas.

7.4 SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SUJEITO-OBJETO DE ENUNCIÇÃO NAS NOTÍCIAS DOS TRÊS PERÍODOS TEMPORAIS

As análises que fizemos dos eventos discursivos da esfera jornalística a respeito de Eduardo Campos nos permitiram averiguar a relação **sujeito-objeto de discurso**, e consequentes posicionamentos sócio-ideológicos, na caracterização da imagem do então candidato à presidência do Brasil, em 2014, no Jornal Diário de Pernambuco e no Jornal do Commercio. Por meio delas, foi possível averiguar, também, os posicionamentos sócio-político-ideológicos dos sujeitos jornalistas em cada momento discursivo, por meio dos estilos de apropriação do discurso de outrem.

No primeiro recorte temporal (na DP-1), o DP evidencia um posicionamento discursivo de oposição, anti-PSB, ao utilizar de discurso que caracterizaram Campos como um “candidato em desespero” que proferiu “declarações ácidas”; no segundo momento (na DP-2), o jornal foca os pontos positivos da proposta do candidato recém-falecido, caracterizando-o como um político que conseguia conciliar pilares importantes de uma administração presidencial, nesse caso, não há um posicionamento anti-PSB; e, no terceiro (na DP-3), pelo modo de trazer as informações e tomar o discurso de outrem, o jornal sugere que Eduardo Campos realmente estaria envolvido nos escândalos de corrupção, caracterizando uma relação de oposição.

No JC, no primeiro momento (JC-1), há indícios de um posicionamento anti-PSB, pelo fato de Campos ser caracterizado como um político que teria base paridária inconsistente; no segundo momento (JC-2), o JC traz discursos que ressaltam o legado de Campos, caracterizando-o como um político que conseguiu avanços significativos em seus períodos de gestão, portanto, não há posicionamento anti-PSB;

no último recorte temporal, há um posicionamento que dá espaço à dúvida frente à participação de Campos nos esquemas de corrupção. Assim, apesar de haver um posicionamento opositivo ao candidato, este é mais ameno que o evidenciado no DP.

Essas constatações nos permitem afirmar que essas práticas sócio-discursivas estão envoltas em questões subjetivas, ideológicas e que dizem respeito à valoração do sujeito-enunciador em relação ao objeto de enunciação. Assim, corrobora-se a perspectiva social/ideológica e dialógica de linguagem do Círculo (de Bakhtin), pois percebemos que as questões sociais e ideológicas tiveram papel determinantes na construção do sentido enunciativo e do objeto de enunciação (Eduardo Campos, no caso).

Outrossim, corrobora-se a importância do tempo como fator determinante do sentido, como afirmou Amorim (2006), a partir do estudo da obra Bakhtiniana, ou seja, o sentido discursivo é construído a partir da interação com questões referentes à instância de enunciação, o que faz com que não seja possível uma mesma enunciação proferida em lugares diferentes portar o mesmo sentido (BAKHTIN, 2011c [1952/53]). Isso também se deve ao fato de o jornalismo, como defende Sousa (2002) e Alsina (2009), por exemplo, ser uma prática permeada por questões extraverbais, o que impossibilitaria a isenção na caracterização de Eduardo Campos nos diferentes momentos discursivo analisados.

De posse desses resultados referentes à caracterização de Eduardo Campos pelos dois jornais mais lidos do estado de Pernambuco, podemos fazer algumas ponderações mais gerais sobre o jornalismo. Por isso, na seção seguinte, fazemos algumas considerações sobre a questão mais ampla concernente à relação entre *fazer* jornalístico e valorações sócio-político-ideológicas. Passemos a essas considerações

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tendo em vista a grande importância que a mídia tem enquanto sistema institucionalizado de disseminação de informações e de formação de opinião pública, buscamos investigar a questão da relação entre valorações sócio-político-ideológicas e o *fazer* jornalístico. Para tanto, fizemos uma imersão na problemática que se põe no campo da comunicação social – o jornalístico – sobre a relação entre subjetividade-objetividade, e, feito isso, optamos por abordá-la pelo viés discursivo.

Tomada essa decisão, optamos por estudar essa questão a partir da consideração da relação entre sujeito e objeto de enunciação e elegendo como categoria de análise os modos de apropriação do discurso de outrem: *Estilo linear* e *Estilo pictórico*. Assim, pela hipótese de que esses modos de apropriação do discurso de outrem indiciam a relação entre **sujeito-objeto de enunciação**, que é essencialmente social/dialógica e, conseqüentemente, comprova a relação entre fazer jornalístico e valorações sócio-político-ideológicas.

Para testar essa hipótese, partimos da teoria social/marxista de linguagem do Círculo, que põe a linguagem como formadora do indivíduo já em suas primeiras instâncias (FANINI, 2015, p. 19) e analisamos enunciados jornalísticos a respeito de Eduardo Campos do Diário de Pernambuco e do Jornal do Commercio, optando por tomar esses enunciados de três recortes temporais distintos, a fim de observar possíveis mudanças na relação entre sujeito-jornalista e objeto de enunciação.

A análise dos enunciados desses três períodos distintos nos permitiu perceber que a apropriação do discurso de outrem se deu de formas diversas na composição textual das notícias, e que esses modos impuseram efeitos de sentidos, também, diversos à enunciação e resultaram em imagens diferentes do político.

No primeiro recorte temporal (DP-1 e JC-1), percebemos que os dois jornais demonstram um posicionamento ideológico de oposição em relação ao candidato Eduardo Campos e ao PSB, pois ele foi caracterizado como um político que estaria em desespero e desrespeitava os próprios aliados, na DP-1, e como um político que teria discurso e base política controversos, na JC-1. Esses posicionamentos foram evidenciados pelos discursos que foram trazidos à composição textual pelo sujeito-jornalista, bem como, pelos modos que eles foram trazidos. Assim, percebemos que

as valorações sócio-político-ideológicas estão presentes nos enunciados jornalísticos desse período, mesmo que a esfera jornalística se proponha neutra e isenta.

Esses resultados das análises do primeiro período temporal desta pesquisa corroboraram a perspectiva de linguagem social/ideológica da linguagem do Círculo, que defende que não há uso de linguagem sem que haja um momento emotivo-volitivo que o acompanhe (BAKHTIN, 2010 [1919/20]). Outrossim, eles, também, corroboram as ideias dos defensores do jornalismo como produto de interação de forças diversas, às quais a subjetividade é inerente, tais como as ideias de Alsina (2009), que defende que são os sujeitos que dão sentido aos fatos, e Sousa (2002), defensor da ideia de notícia como sendo uma construção perpassada por forças ideológicas, históricas, organizacionais, entre outras.

Na análise dos enunciados do segundo recorte temporal (DP-2 e JC-2), percebemos que as relações que se evidenciaram entre sujeito-jornalista e objeto do discurso se distanciaram das do primeiro recorte temporal desta pesquisa. Nesse segundo período, para a composição das notícias dos dois jornais analisados, os sujeitos-jornalistas se apropriam de discursos, em seus diferentes modos, que evidenciam os feitos memoráveis de Campos: o DP trouxe os discursos que evidenciariam os pontos positivos da proposta política do candidato; o JC trouxe discursos que ressaltaram os feitos do político.

Esses resultados do segundo período evidenciam que a linguagem reflete e refrata questões sócio-históricas, como defendem os membros do Círculo, pois a morte do candidato interferiu diretamente no posicionamento do sujeito-jornalista em relação ao seu objeto de enunciação (Eduardo Campos). Essa interferência comprova que a construção de sentido se dá de forma dialógica, levando em consideração as questões sociais e, mais que isso, que o modo de ser do sujeito em cada momento discursivo é definido em interação dialógica com os diferentes fatores sociais (BAKHTIN 2010 [1919/20]; BAKHTIN, 2011d [1959/60]). Além disso, corrobora-se, mais uma vez, as ideias de que há interferência de questões subjetivas no *fazer* jornalístico e que o sujeito, enquanto ser em processo, mostra-se como evento (BAKHTIN, 2010 [1919/20]).

No último recorte temporal desta pesquisa (DP-3 e JC-3), percebemos, mais uma vez, uma mudança da relação sujeito-objeto de enunciação. Passada a comoção frente à morte trágica de Campos, e dado o envolvimento do nome do político em escândalos de corrupção, o posicionamento que se evidencia por meio da tomada do

discurso de outrem, nos seus diferentes modos, é diverso do anterior e diverso, também, entre os dois jornais: o DP toma o discurso de outrem numa maior condição de verdade, o que sugere que esse envolvimento de fato possa ter se dado; o JC traz outras informações que disputam espaço com o envolvimento do nome de Campos nos esquemas de corrupção e utiliza artifícios que dão maior espaço à dúvida quanto à veracidade das declarações.

Os resultados do terceiro período temporal evidenciam que os discursos de outrem são tomados de modos diferentes à composição textual, resultando em posicionamentos valorativos diferentes em cada jornal (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), um mais assiduamente opositivo (DP) e outro menos opositivo (JC).

De posse desses resultados das análises dos enunciados jornalísticos dos três períodos temporais diferente, podemos chegar a algumas conclusões mais gerais.

A primeira delas é que, sendo o jornalismo uma prática sócio-discursiva, portanto social/ideológica (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), seu *fazer* não pode se isentar de valorações sócio-ideológicas. Por consequência, na cobertura de assuntos em geral, mas, sobretudo, nos que dizem respeito a processos políticos, este estará sempre perpassado por ideologias que demonstram uma posição em relação à informação, comprovando o defendido por Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) e Bakhtin ([1929/20] 2010) sobre a presença de valorações do enunciador-sujeito em todos os enunciados da comunicação verbal.

Pautados nesta comprovação, também podemos concluir que os modos pelos quais o sujeito-jornalista se apropria dos discursos de outrem na composição textual das notícias são artifícios que favorecem a construção de efeitos de sentido específicos e diversos entre si (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]). Esses modos dizem respeito ao próprio diálogo que se instaura no enunciado com as instâncias de enunciação, por meio do qual o sujeito se inscreve enquanto ser único (ainda que coletivo, como vimos nas notícias) no mundo. Por conseguinte, ao tomar os discursos de outrem, o enunciador nunca o faz conservando-o tal e qual ele o era no contexto de origem, ou seja, na tomada do discurso de outrem, ainda que por meio do estilo de contornos delimitados (estilo linear), o enunciador não cede espaço ao outro, mas, sim, fala junto com ele (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]). Isso também ficou bastante evidenciado pelo uso de formas verbais que introduzem o discurso de outrem (nas análises do terceiro período temporal).

Por último, vimos que, como defende Amorim (2006), a partir dos estudos do Círculo, o tempo se mostrou como a dimensão alteritária que faz o ser (sujeito) deixar de coincidir consigo mesmo. E mais que isso, que o sujeito é um ser em processo, que se constitui no social por meio da linguagem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]), em interação dialógica com os ambientes sociais dos quais faz parte. Por isso, está sempre em processo de vir a ser, não podendo viver de seu acabamento (BAKHTIN, 2010 [1919/20]). Logo, o sujeito, enquanto ser social, também, se mostrará como evento, originado de um processo dialógico de constituição com diferentes forças e, sobretudo, com a ideologia editorial que ele representa.

Acreditamos que estas conclusões a que chegamos servem de luz à questão da problemática da relação entre subjetividade e o *fazer* discursivo da esfera jornalística. Elas apontam para o fato de que, no jornalismo, diferentes forças de ordens diversas cooperam na construção final da notícia, como defendido, por exemplo, por Sousa (2002), por meio de sua teoria unionista do jornalismo, ao dizer que o jornalismo é produto da interação de forças e, portanto, não axiologicamente neutro.

Essas constatações também servem para ratificar os estudos da comunicação social que defendem que não há como conceber uma prática jornalística isenta de valorações sócio-ideológicas, tais como Rossi e Ramires (2013), Aldé et al. (2005), Alsina (2009), entre outros usados nesta pesquisa. Além disso, contradizem as perspectivas que defendem que a prática jornalística é isenta de subjetividade e valorações dos sujeitos.

Por fim, no que se refere ao estudo da linguagem de modo geral, reafirmamos o que defendeu Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]) sobre o estudo do discurso citado, que o estudo das formas de apropriação do discurso de outrem é importante ao próprio entendimento do diálogo, que é base da linguagem. E, mais que isso, se os sujeitos (e o mundo) se constituem em linguagem (que é essencialmente dialógica), o estudo dos modos de apropriação do discurso de outrem é importante à própria compreensão da interação, à compreensão do mundo.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. **A lingüística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; HEIDMANN, U. **O texto literário** – por uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 2011.

ALDÉ, A. et al. **Critérios jornalísticos de noticiabilidade**: discurso ético e rotina produtiva. **ALCEU**, v. 5, n. 10 – primeiro semestre de 2005, p. 186-200. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=185&sid=22> Acesso em: 18 de abr de 2015.

ALDÉ, A.; MENDES, G.; FIGUEIREDO, M. **Tomando partido**: imprensa e eleições presidenciais em 2006. **Revista Política & Sociedade**, n. 10 – Abril de 2007, p. 153-172. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1688> Acesso em: 18 de abr de 2015.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AMORIM, Marília. *Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais do pensamento bakhtiniano*. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 17-24.

ARAÚJO, D. D. Notícia de jornal impresso In: VIEIRA, A.; BARROS, A.; MACIEL, D.; ARAÚJO, D.; SILVA, J.; MENDONÇA, M.; BESERRA, N. **Diversidade textual**: propostas para a sala de aula Formação continuada de professores / coordenado por Márcia Mendonça Recife, MEC/CEEL, 2008.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. **O gênero “notícia”**: uma proposta de análise e intervenção. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá, 2009, p. 1791-1799.

BENVENISTE, E. Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1995, p. 247-259.

BAKHTIN, M. M. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, [1919] 2011a, p. XVIII-XVIV.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução do italiano de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, [1919/20] 2010.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, [1920/30] 2011b, p. 23-220.

_____/VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12 ed. São Paulo: Hucitec, [1929], 2006.

_____. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Editora Unesp, [1934/35] 1998, p. 71-210.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, [1952/53] 2011c, p. 261-306.

_____. O problema do texto. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, [1959/60] 2011d, p. 307-336.

_____. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, [1970/71] 2011e, p. 367-392.

_____. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, [1974] 2011f, p. 393-410.

BARRETO, Emanuel. **Jornalismo e política**: a construção do poder. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. III, n. 1 – primeiro semestre de 2006, p. 11-22.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

BURROWES, Patrícia. **Máquinas de dar a ver e fazer falar**: jornalismo e subjetividade em nossa época. **ALCEU** - v. 7, n. 13 – segundo semestre de 2006, p. 85-97.

CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação de tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos de uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COUTINHO, A. N. L. **A construção da militância editorial**: disputas por hegemonia em discursos de editoriais da mídia impressa nas eleições presidenciais de 2010. 2013. 183 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras) Universidade Federal de Pernambuco. Recife: Pernambuco.

CUNHA, Dóris A.C. **A noção de gênero**: algumas evidências e dificuldades. *Revista do Gelne*, vol. 2, n. 2, João Pessoa, 2000, p. 1-4. Disponível em http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_314fe21c4a9d0298ff354a_a211c52024_145.pdf. Acesso em: 20/06/2013.

CUNHA, D. A. C. **Formas de presença do outro na circulação dos discursos.** *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p. 116-132, 1º semestre 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/5185> Acesso em: 25/06/2013.

DASCAL, Marcelo. (Org.). As Convulsões metodológicas da linguística contemporânea. **Fundamentos metodológicos da linguística, perspectivas da linguística.** Campinas: Edição do autor, 1982, Vol. IV.

FANINI, A. M. R. **Embate dialógico entre leitura e escrita:** Manifestação de uma ética da ação discursiva a partir do Círculo Bakhtiniano. *Bakhtiniana*, São Paulo, 10 (2): 17-35, maio/ago. 2015.

FARACO, C.A. **Linguagem e diálogo** – as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2006.

FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2008.

FLORES, V do N; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FLORES, V. et al. **Dicionário de linguística da enunciação.** São Paulo: Contexto, 2009.

GERALDI, João W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin:** teoria inclassificável. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 279-292. (Série Bakhtin: Inclassificável; v. 1)

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a questão do pensamento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. Tradução de Ernildo Stein

LAGE, Nilson. **Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas.** *Pauta Geral-Estudos em Jornalismo* 1.1 (2013): 23-28.

LÖWY, Michel. **O Positivismo ou o Princípio do Barão Münchhausen** In: LÖWY, Michel. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. 12 ed. – São Paulo: Cortez, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão dos suportes dos gêneros textuais;** *DLCV-V1*, n.1, João Pessoa out-2003.

MARQUES, Ester. **Estrutura do discurso jornalístico.** 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0528-1.pdf>. Acesso em: 09/03/2015.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica.** São Paulo: Contexto, 2012.

MIGUEL, L. F. **Mídia e vínculo eleitoral: a literatura internacional e o caso brasileiro.** OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. X, nº 1, Maio, p. 91-111, 2004.

NARZETTI, Claudiana. **A filosofia da linguagem de V. Voloshinov e o conceito de ideologia.** *Alfa*, São Paulo, 57 (2): p. 367-388, 2013.

PRINCÍPIOS editoriais das organizações Globo. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>. Acessado em: 17 de abr de 2015.

RIBEIRO, A. E. et al. **Folheando de mentira: leitura de jornais impressos na Web.** [S. l.] Contemporânea, vol. 7, nº 1. Jun. 2009.

RIOS, J. A. V. P. **A Constituição do Sujeito de Linguagem: entre “Eu” e o “Outro.** Revista da Faced, nº 09, 2005, p. 203-217.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e p funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo.** 2001. 356 f. Tese (Programa de estudos pós-graduados em linguística aplica e estudos da linguagem) Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

ROSSI, M.; RAMIRES, M. M. **Imparcialidade como critério de qualidade. Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 04, p. 77-83, jan-jul 2013.**

RUBIM, A. A. C.; COLLING, L. **Mídia e Eleições presidenciais no Brasil Pós-Ditadura. Comunicação & Política,** Rio de Janeiro, v. 22, n.3, p. 169-189, 2004.

RUBLECKI, A. **Teorias do jornalismo: questões exploratórias em tempos pós-massivos.** 2010. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, Rio Grande do Sul – 2 a 6 de setembro de 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix/USP, 1991.

SEPULVEDA, Claudia; EL-HANI, Charbel Niño. **Apropriação do discurso científico por alunos protestantes de biologia: uma análise à luz da teoria da linguagem de Bakhtin.** Revista Investigações em Ensino de Ciências – v. 11(1), p. 29-51, 2006.

SERRANO, Estrela. **A dimensão política do jornalismo.** *Comunicação & Cultura*, n.º 2, 2006, p. 63-81

SEVERO, C. G. **Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin.** *Revista eletrônica do intitudo de humanidades*, n. XXV, vol. VII, p. 45-60, abr-jun 2008.

SILVA, Sílvio Ribeiro da. **Da abordagem estrutural ao Gerativismo chomskyano.** SOLETRAS, Ano IX, Nº 18. São Gonçalo: UERJ, 2009.

SILVA, R. V; ALMEIDA, M. F. **Análise da interação verbal na teoria bakhtiniana.** Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli | V.2., N.1., p. 117-127, JUN. 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia.** *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.* 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 16 abr de 2015

TEIXEIRA, Marlene. *O outro no um: reflexões sobre a concepção bakhtiniana de sujeito* In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 227 – 234.

TEZZA, Cristovão. Sobre o autor e o herói: um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. **Diálogos com Bakhtin.** 4 ed., Curitiba: Editora UFPR, 2007.

VOLOCHINOV, V. Palavra na vida e palavra na arte: introdução ao problema da poética sociológica. [1926]. In: VOLOCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios.** Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013a.

_____ Que é a linguagem?. [1930a]. In: VOLOCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios.** Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013b.

_____ A construção da enunciação. [1930b] 2013. In: VOLOCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios.** Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013c.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2002.